

UNIVERSIDADE METODISTA DE PIRACICABA  
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA SAÚDE

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DO  
MOVIMENTO HUMANO

Esporte, lazer e cultura: os significados dos projetos de esporte e lazer do  
Instituto Federal do Norte de Minas Gerais – Campus Januária para alunos  
participantes e não participantes

Romualdo Ferreira dos Santos

2016

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO  
ROMUALDO FERREIRA DOS SANTOS

Esporte, lazer e cultura: os significados dos projetos de esportes e lazer do Instituto Federal do Norte de Minas Gerais – Campus Januária para alunos participantes e não participantes

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, da Universidade Metodista de Piracicaba, para obtenção do Título de Mestre em Ciências do Movimento Humano.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dra. Cinthia Lopes da Silva

PIRACICABA  
2016

FICHA CATALOGRÁFICA (ESTÁ EM OUTRO ARQUIVO)

Seguir as instruções do programa de pós-graduação em Ciências do  
Movimento Humano da UNIMEP.

## **ROMUALDO FERREIRA DOS SANTOS**

### **Esporte, lazer e cultura: os significados dos projetos de esportes e lazer do Instituto Federal do Norte de Minas Gerais – Campus Januária para alunos participantes e não participantes**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, da Universidade Metodista de Piracicaba/UNIMEP, para obtenção do Título de Mestre em Ciências do Movimento Humano.

**DATA DE APROVAÇÃO**

\_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dra. Cinthia Lopes da Silva (Orientadora)  
UNIMEP – Piracicaba/SP

---

Prof. Dra. Ida Carneiro Martins  
UNIMEP – Piracicaba/SP

---

Prof. Dra. Giselle Helena Tavares  
FAEFI – UFU – Uberlândia/MG

**BANCA SUPLENTE:**

---

Prof. Dra. Maria Nazaré da Cruz  
UNIMEP – Piracicaba/SP

---

Prof. Dr. Emerson Luíz Velozo  
UNICENTRO – Irati/PR

## DEDICATÓRIA

*Dedico este estudo aos meus pais Orlindo e Dôra, responsáveis por todas minhas grandes conquistas. Aos meus irmãos Solani, Cerli, Sérgio, Sílvio e Silvania. Em especial a minha filha Luanna com todo o meu amor e carinho.*

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente à Deus, por estar presente em minha vida em todos os momentos difíceis que passei durante essa jornada, fez-me forte para lutar e não fraquejar.

Aos meus pais, pela dedicação, pelas lutas e por todo apoio dado em meus estudos, serei sempre grato a vocês por tudo que tem feito por mim.

À minha filha Luanna, pela compreensão e paciência durante minhas ausências.

Aos meus irmãos, pelo amor fraterno e apoio.

Aos amigos do mestrado e doutorado do programa, em especial Carlão, Vinícius, Letícia, Rafael, Wesley, Lucas, Márcio e Benecta, João, Eduardo, aos colegas da Iniciação Científica Humberto, Sílvio, Nathalia e Marília, pelos debates oportunos e enriquecedores, pelos momentos de descontração.

Aos professores, a todos meus sinceros agradecimentos por contribuírem com a minha formação.

Às meninas da secretaria, pelas informações precisas e dedicação em seu trabalho, tornando nossas vidas mais fáceis durante o processo.

Aos integrantes da Banca a prof. Dra. Giselle e a prof. Dra. Tita, pelas belas contribuições que deram no processo de qualificação deste trabalho.

Ao Campus Januária, por abrir as portas, sem nenhuma restrição e conceder a nossa pesquisa de campo.

Aos alunos do Campus Januária que participaram das entrevistas, um agradecimento especial para todos aqueles que mesmo no período de greve se dispuseram para atender aos nossos pedidos.

Ao Campus Arinos, pelo apoio dos colegas e de toda instituição, que busca capacitar os profissionais para tornar-se um modelo de educação mais justa para todos.

A CAPES pelo apoio financeiro.

À Milena, com todo o carinho, meus agradecimentos, pela sua ajuda e apoio, foram para mim de valor inestimável. Uma pessoa que aprendi a respeitar pelo seu potencial e o seu carisma, por não medir esforços para dar suas

contribuições nos momentos solicitados. Pelos momentos de bate-papo no café, entre outros que guardarei para sempre.

À Cinthia minha orientadora, pelo apoio, pela confiança, por acreditar em mim e principalmente pela paciência que teve para conduzir minha orientação. Esse trabalho só tornou realidade pela sua competência, pela sua dedicação. Sou grato por tudo que fez por mim. Talvez as palavras sejam injustas para demonstrar tamanha gratidão.



*“Ninguém caminha sem aprender a caminhar, sem aprender a fazer o caminho caminhando, refazendo e retocando o sonho pelo qual se pôs a caminhar”.*

*Paulo Freire*

## RESUMO

Este trabalho tem por objetivos: 1) analisar o esporte e o lazer a partir de um referencial sociocultural; 2) identificar e analisar os significados dos projetos de esporte e de lazer do IFNMG – Campus Januária para alunos participantes e não participantes de tais projetos. Nos últimos anos, os escolares têm sido incentivados a participar de competições promovidas por diversos órgãos dos governos municipais, estaduais e federais. Porém, para as competições, o número de alunos participantes é limitado, sendo necessária uma seleção dos participantes para os eventos esportivos. Em meio a esse processo, existem os projetos de esporte e lazer nos Institutos Federais que oferecem uma diversidade de práticas corporais, após as atividades escolares, que são entendidas pela comunidade escolar como mais uma opção de atividades no contexto do lazer. Não podemos negar que o esporte na escola é um dos elementos da cultura preferidos por alguns alunos e tido como um dos principais conteúdos nas aulas de Educação Física. Por outro lado, no contexto do lazer, o esporte é também presente no cotidiano da maioria das atividades dos alunos, sendo parte dos interesses físico-esportivos do lazer. Será que tais projetos esportivos e de lazer que exigem a regularidade do aluno e eficiência deles em relação aos treinamentos e às competições podem ser considerados como parte das atividades do contexto do lazer? Como procedimento metodológico foi realizada pesquisa bibliográfica e de campo, com aproximações a pesquisa de tipo etnográfica, fundamentada em autores da Antropologia e da Educação Física, caracterizando este estudo como qualitativo. A pesquisa de campo foi realizada com quarenta alunos da terceira série dos cursos de Agropecuária e Informática, divididos em dois grupos, sendo um composto por dez meninas e dez meninos participantes e o outro por dez meninas e dez meninos não participantes dos projetos de esporte e lazer do IFNMG – Campus Januária. As técnicas utilizadas na pesquisa foram entrevista semiestruturada, questionário e observação participante. Os principais resultados desse trabalho foram: com relação ao esporte, os participantes dos projetos do campus revelaram que o principal interesse está em fazer parte das equipes de treinamento, já que as competições estão associadas à possibilidade de viagens fora da cidade. Os não participantes, em sua maioria, afirmam praticar outras formas de esporte fora da instituição, além de outras atividades no contexto do lazer. Esse último grupo de alunos também valorizaram os projetos de esporte e lazer da instituição. Quanto às meninas não participantes, a não participação nos projetos revelou estar relacionada a construção cultural de seus papéis sociais. Os significados que os alunos dos dois grupos, participantes e não participantes, atribuem aos projetos de esporte e lazer do Campus Januária está associado a oportunidades de competir, de viajar e de ampliar o seu círculo de sociabilidade. As respostas dos entrevistados levam-nos a compreender que as atividades desenvolvidas nos projetos da instituição investigada são consideradas como parte do contexto do lazer.

**Palavras-chave:** Atividades Esportivas; Atividades de Lazer; Educação Física e Treinamento; Cultura; Sociologia.

## ABSTRACT

This work has the following objectives: 1) analyzing sport and leisure from a sociocultural perspective; 2) identifying and analyzing the meanings of the leisure and sport projects of IFNMG - Campus Januaria, for students who are participating and who are not in such projects. In recent years, the students have been encouraged to participate in competitions fostered by federal, state and city government entities. However, as the number of participants is limited, there is a selection of the ones who will take part in competitions. Amid this process, there are leisure and sport projects in Federal Institutions which offer a variety of body practices after regular school hours, which are understood by students as one more option of leisure. On the one hand, we cannot deny that sport at school is one of the main cultural elements for some students and it is considered one of the main contents from Physical Education classes. On the other hand, in a leisure context, sport is also present in the routine of most students. Will be these sporting and leisure projects that demand efforts of students like regularity, efficiency, training and competition considered as a part of leisure context? Bibliographic and field researches were carried out as a methodology procedure, with approximations to ethnographic research, based on Physical Education and Anthropology authors, thus characterizing this study as qualitative. The field research was carried out with 40 students from the senior year of the Farming and Computing courses, divided into two groups. One group was formed by ten female students and ten male students who were participants, and the other group was formed by ten female students and ten male students who were not participants in the sport and leisure projects of IFNMG - Campus Januaria. The techniques used in the research were semi structured interviews, questionnaires, and participant observation. The main results from this work were: when related to sport, the participants' main interests were taking part in the training teams because of the possibility of traveling to other cities. Most of the ones who were not participants said they practiced other forms of sport outside the institution, beside sother leisure activities. They also valued the sport and leisure projects inside campus. As to the female non-participants, their lack of participation is due to the cultural construction of their social roles. The meanings of the projects for both participants and non-participants were related to the opportunity of competing, traveling and widening their social network. The interviewees' answers enable us to understand that the activities developed in the projects of the investigated institution are considered as a part of the context of leisure.

**Key words:** Sports activities; Leisure activities; Physical education and training; Culture; Sociology, Students.

## SUMÁRIO

1	APRESENTAÇÃO.....	13
2	INTRODUÇÃO.....	20
3	OBJETIVOS.....	25
4	A CONSTRUÇÃO SOCIOCULTURAL DO ESPORTE .....	26
4.1	Esporte e Sociedade .....	26
4.2	Esporte e Cultura.....	31
4.3	Esporte e Lazer .....	47
5	PERCURSO METODOLÓGICO .....	60
6	O CAMPO NO CAMPUS.....	73
6.1	Os espaços para as práticas corporais no campus .....	74
6.2	A rotina dos alunos no campus .....	77
6.3	A greve .....	87
6.4	O local das entrevistas .....	89
7	OS SIGNIFICADOS DOS PROJETOS DE ESPORTE E LAZER DO IFNMG – CAMPUS JANUÁRIA PARA OS ENTREVISTADOS ...	91
7.1	Os significados do esporte e lazer para os participantes do campus .....	91
7.1.1	Participantes Masculinos.....	91
7.1.2	Participantes Femininos .....	108
7.2	Os significados do esporte e lazer para os não participantes dos projetos no campus.....	128

7.2.1	Não Participantes Masculinos .....	128
7.2.2	Não Participantes Femininos.....	150
7.3	Comparação entre os dois grupos: participantes e não participantes ..	169
8	CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	174
	REFERÊNCIAS.....	180
	ANEXOS .....	185

## 1 APRESENTAÇÃO

Durante a adolescência, em tempos de ensino fundamental e médio, estivemos envolvidos com o esporte na escola, nas aulas de Educação Física, em treinamentos, competições, nos jogos e brincadeiras no intervalo das aulas ou nos pátios da escola ou, ainda, na ausência de um professor.

Quando ingressamos no ensino médio, início da década de 1990, na então Escola Agrotécnica Federal de Salinas (EAFSAL), conhecida por Escola Agrícola, que hoje é um dos Campi do Instituto Federal do Norte de Minas Gerais (IFNMG), o principal desejo não estava em fazer o curso de Técnico em Agropecuária (único curso oferecido na época), mas participar das equipes esportivas que lá existiam.

Antes de ingressarmos, assistíamos a todos os jogos em que a EAFSAL estava envolvida e o que mais chamava a atenção era a torcida agitada durante todo o jogo. Existia uma identidade muito forte dos alunos daquela instituição com suas equipes. A rivalidade era intensa, principalmente com as equipes da cidade, independente da modalidade. Os alunos, sempre bem uniformizados, organizados e respeitosos com os seus “treinadores”, apresentavam uma performance semelhante à do alto rendimento. Durante todo esse período passamos por um processo de afirmação do que realmente queríamos fazer, principalmente do que queríamos estudar. Essa afirmação estava ali a cada aula de Educação Física, a cada treino, a cada competição, a cada “bate-bola” nos intervalos das aulas.

No ano de 1994, inscrevemo-nos no vestibular para o curso de Educação Física na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). A aprovação veio como uma das principais conquistas até então alcançadas.

Na UFRRJ não foi diferente, continuamos a aproveitar os momentos de “bate-bola” e, principalmente, a participação em competições esportivas, porém, com um diferencial, tentando compreender tudo o que se passava, como tudo acontecia, sempre procurando respostas para os infinitos porquês que surgiam a cada dia. Um deles era instigante: por que o curso de Educação Física tem se preocupado quase que exclusivamente com os estudos voltados para as Ciências Biológicas?

Na oportunidade de ser monitor da disciplina Didática da Educação Física, aproximamo-nos dos estudos das Ciências Sociais e das Humanidades, pois antes, por influência de treinadores e dos próprios professores do curso, tínhamos uma visão ainda muito reducionista do que era a Educação Física. As práticas corporais eram um meio de condicionar alunos a serem futuros atletas, a domesticá-los diante do restrito conhecimento tecnicista que ainda reinava em nossos estudos. Assim, passamos a enxergar a Educação Física por um outro viés, a compreendê-la como uma prática pedagógica que trata da cultura corporal de movimento<sup>1</sup>. Não obstante, podemos perceber, recordar e entender também porque historicamente as aulas de Educação Física naquele período da adolescência resumiam-se apenas em uma única prática, o futebol.

---

<sup>1</sup> Termo utilizado no campo acadêmico da Educação Física para determinar os elementos culturais da área como os jogos, os esportes, as danças, as ginásticas e as lutas. Alguns autores preferem outros termos como “cultura física” (BETTI, 1992), “cultura corporal” (SOARES et al., 1992), “cultura do movimento” (KUNZ, 1994). Utilizaremos “cultura corporal de movimento” (BRACHT 2007), por considerarmos condizente com o nosso estudo.

Aparentemente, um dos fatores era o conflito ideológico construído ao longo da história nas décadas anteriores, que refletia nos profissionais daquela época e que ainda hoje se mostra presente na Educação Física, em busca de sua autonomia e identidade (BRACHT, 2007).

É importante salientar que tudo o que foi feito desde os primeiros contatos com os profissionais da área da Educação Física em tempos de ensino fundamental, médio e também na graduação, como aluno e principalmente como “aluno-atleta”, contribuiu para a escolha desse estudo. Mas, talvez, nesse laboratório efervescente, percebemos o quanto a Educação Física escolar tem a contribuir com os sujeitos por meio de suas manifestações corporais expressivas, como: os jogos, os esportes, as danças, as ginásticas e as lutas.

Ao retornar para o interior de Minas Gerais, no ano de 1998, como professor de Educação Física em uma escola pública e outra privada, especificamente na região norte do estado, encontramos diversos tipos de dificuldades e resistências para colocar em prática todo o conhecimento assimilado ao longo dos anos de universidade com aquelas crianças que necessitavam de uma educação de qualidade.

As principais dificuldades estavam mais nas diferentes concepções de Educação Física escolar discutidas há décadas (Mello, 2009; Castellani, 2009; Daolio, 2004;) do que na falta de materiais, de espaço físico, do número elevado de alunos por turma.

Na escola pública existia um número bem elevado de alunos, cerca de 40 a 45 alunos por turma. Na sala de materiais para as aulas de Educação Física tinha uma bola em condições precárias, assim como uma peteca, uma corda e alguns bambolês. O espaço era um pátio onde dependendo da atividade,



atrapalhava as demais dependências da escola. As crianças falavam todas ao mesmo tempo, sempre pedindo o que queriam fazer nas aulas, e, com isso, percebemos que quem escolhia as práticas eram os alunos, sempre com as mesmas brincadeiras.

O primeiro contato que tivemos foi com uma turma de crianças do quinto e sexto ano do ensino fundamental, ou seja, entre 11 e 13 anos de idade. Percebemos, naqueles poucos minutos, que alguns valores, principalmente o respeito aos colegas, aos professores e aos outros servidores da escola, eram ignorados pelos alunos. O primeiro passo foi colocar todos os alunos em silêncio, demoramos alguns minutos, logo depois de prender a atenção deles diante daquilo que pretendíamos apresentar aos mesmos: falar o que seriam as nossas aulas de Educação Física, como as aulas iriam acontecer, dizer como utilizar os materiais, como adquirir materiais para os jogos a partir da construção dos seus próprios brinquedos, da utilização dos espaços, da metodologia a ser aplicada nas aulas, do respeito e a importância disso no dia a dia e, por fim, discutir com eles as nossas práticas diante de algumas sugestões prévias.

A resistência dos alunos ao que propomos foi grande, principalmente pelos meninos que queriam apenas o futebol durante o ano inteiro. Portanto, após a nossa primeira aula, elaboramos com os alunos um plano bimestral e procuramos colocá-lo em prática durante aquele período. A participação era praticamente integral, quase todos se envolviam com as atividades propostas. Um ou outro aluno ainda tinha resquícios de que apenas o futebol fazia parte da cultura da Educação Física, mas sempre acabavam concordando com as propostas das aulas.

Na escola particular tínhamos materiais, bolas de diversas modalidades, cones, cordas, bambolês, bolinhas, raquetes, petecas, um campo gramado onde realizávamos a maioria das nossas atividades programadas para as aulas de Educação Física. O número de alunos era bem menor, entre 20 e 25 por turma, de classe média alta, considerando os níveis sociais da cidade.

Apesar das características bem diferentes entre os dois modelos de escolas, público e privado no que se refere a equipamentos, estruturas, materiais e condições sociais, as estruturas das aulas, os planejamentos, conteúdos eram os mesmos. A resistência de alguns alunos da escola particular quanto às diversas manifestações corporais propostas foi idêntica aos alunos da escola pública. Os meninos queriam apenas futebol e as meninas brincadeiras como queimado<sup>2</sup>, vôlei, corte três<sup>3</sup>, entre outras. Observamos nesse período que o problema não era os espaços, os materiais, a classe social em que os alunos se encontravam, e sim percebemos que era a forma de como a Educação Física era vista na escola. Essa disciplina era entendida como sendo de menor expressão, sem muita importância, que naquele momento os alunos poderiam fazer o que quisessem. Procuramos, ao longo dos anos, por meio de uma intervenção pedagógica, textos, trabalhos relacionados à história da Educação Física, postura coerente com a disciplina, segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais, mudar

---

<sup>2</sup> Queimado é uma variação do jogo de queimada ou jogo de mata-mata, cemitério, baleado, carimbada etc. Dependendo da região, o jogo recebe nomes diferentes e formas diferenciadas. Em nossa região (Norte de Minas Gerais), joga-se o queimado em uma quadra retangular dividida ao meio, utilizando uma bola e o objetivo é acertar o corpo de um jogador do campo oposto.

<sup>3</sup> Corte três é um jogo no qual os jogadores fazem um círculo utilizando uma bola de voleibol. O objetivo do jogo é no terceiro toque na bola tentar executar a cortada e acertar alguém do círculo. Quem for atingido sai da brincadeira. Os três toques têm que ser executados por jogadores diferentes.

essa ideia de que a Educação Física como prática pedagógica é muito mais do que simplesmente um momento de “bate-bola”.

Entre os anos 2000 e 2002, obtivemos uma experiência de trabalhar como professor substituto no IFNMG – Campus Salinas. Neste período, desenvolveu-se alguns projetos dentro das aulas que despertavam nos alunos uma visão da Educação Física como cultura corporal de movimento que trata das diferentes manifestações corporais. Nos projetos de treinamentos esportivos tivemos dificuldade de implantação de uma nova metodologia, pois o grupo de professores envolvidos era maior e para isso seria necessário um período de debates para compreendermos a finalidade e os objetivos comuns existentes nos projetos quanto aos interesses dos professores, dos alunos e da instituição. Isso só foi possível a partir de 2010, em um outro campus da mesma instituição.

Agora como educador efetivo no campus Arinos, ocupando o cargo de professor de Educação Física do Ensino Básico Técnico Tecnológico, nota-se a oportunidade de crescer com o campus, o que fez criar uma identidade e vínculo ainda mais forte, uma vez que houve nossa participação em todos os projetos de aquisição e de construção dos espaços de esporte e lazer.

Ao longo de toda a trajetória e, hoje, nos Institutos Federais, participamos com os alunos de diversas competições, sejam elas promovidas pela própria escola, como os Jogos Internos, mais conhecidos como os Interclasse, ou pelos Jogos Escolares de Minas Gerais (JEMG), Jogos dos Institutos Federais do Norte de Minas Gerais (JIFENMG), Jogos entre os Institutos Federais (JIF's) divididos em etapas Estaduais, Regionais e Nacional.

Os alunos participantes dessas competições se interessam pela dinâmica de projetos esportivos que são criados especificamente para esse fim.

São esses projetos que acontecem após o horário de aula que os fizeram refletir sobre uma diversidade de fatores que influenciam diretamente no sistema educacional da instituição. O principal fator que envolve a participação dos alunos nos projetos e eventualmente nas competições existentes é a mobilização de toda a comunidade escolar, técnicos administrativos, direção, professores e familiares. Diante do exposto, algumas inquietações nos levaram a refletir sobre os significados dos projetos de esporte e lazer hoje existentes, não só para os alunos participantes, mas também para os que não participam, levando em consideração a diversidade e as possibilidades das diferentes manifestações da cultura corporal de movimento no âmbito escolar que pretendemos estudar.

Fizemos a opção de estudar o tema abordado no Instituto Federal do Norte de Minas Gerais, Campus Januária (IFNMG - Campus Januária), pois consideramos alguns aspectos como: a acessibilidade do pesquisador à cidade, instituto com maior número de alunos, com maior número de projetos em desenvolvimento, vários professores de Educação Física, maior número de espaços de esporte e lazer, entre outras justificativas que apresentaremos na metodologia deste trabalho.

## 2 INTRODUÇÃO

Ao longo do ano letivo, estudantes do IFNMG - Campus Januária têm participado de diversas modalidades coletivas e individuais em competições esportivas municipais e estaduais, promovidas pelas Secretarias de Educação, Esporte e Lazer de Minas Gerais e do Programa Minas Olímpica. Esses alunos têm participado, também, das competições promovidas pelo próprio Instituto Federal, por meio da Secretaria de Educação Profissional Tecnológica do Ministério da Educação. Nessas competições esportivas, os estudantes têm sido incentivados pelos departamentos de ensino e de extensão do campus, principalmente pelo setor de Educação Física por meio de seus professores, uma vez que a eles ficam destinados o desenvolvimento dos projetos de esporte e lazer, por considerar os mesmos como parte do projeto político pedagógico da escola e também pelo fato do esporte ser um dos elementos da cultura corporal de movimento inserido na Educação Física. Diretores e professores consideram, ainda, essas atividades esportivas como mais uma opção de lazer para os alunos no âmbito escolar.

O problema é que os projetos de esporte e lazer são preparativos para as competições escolares e são entendidos como atividades do contexto do lazer. No entanto, o formato dos programas desenvolvidos para os estudantes na escola não é para todos. Estes programas selecionam os alunos e as oportunidades de vivências ficam reduzidas a um número bem restrito de participantes. Não são todos os estudantes que têm habilidades para as “disputas acirradas” dos jogos escolares, não são todos que em seus anos anteriores tiveram vivências com o

esporte e o lazer, seja por falta de oportunidade ou pelo simples fato da não participação nas aulas de Educação Física, por acharem pouco interessantes ou por não serem incentivados à participação das mesmas.

Os projetos esportivos e de lazer acontecem no contraturno das aulas, ou seja, após as suas obrigações escolares, que têm início desde a preparação física até o fim das competições anuais, sendo considerados pela comunidade escolar, isto é, os pais, alunos, professores, técnicos administrativos e diretores, como mais uma possibilidade de atividades que é oferecida pelo campus em diversas modalidades esportivas, como: atletismo, futsal, handebol, voleibol, basquete, natação e musculação.

De acordo com Marcellino (2013), o lazer deve ser vivenciado no “tempo disponível” e em caráter desinteressado e, na escola, o lazer é entendido por muitos estudiosos a partir do duplo processo educativo – educação pelo e para o lazer, que explicaremos melhor no capítulo “esporte e lazer” deste trabalho. Será que tais projetos esportivos e de lazer que exigem a regularidade do aluno e eficiência deles em relação aos treinamentos e às competições podem ser considerados atividades do contexto do lazer?

Partimos do pressuposto de que a visão que os alunos têm do lazer e do esporte é próxima ao senso comum, sendo as práticas esportivas baseadas no modelo de esporte de alto rendimento que privilegia apenas o conteúdo físico-esportivo. Em nossa percepção, tais projetos são direcionados à performance e estão mais voltados para a área biológica, para o treinamento, com objetivos de participação dos eventos esportivos escolares competitivos. Todavia, esse nosso estudo tem um olhar, a partir de um viés sociocultural do esporte, em que teremos como base autores como: Marcellino (2008; 2012; 2013), Daolio (2006; 2013),

Stigger (2002; 2005), Bracht (2005), entre outros que discorrem sobre o tema em questão.

O que se tem percebido na realidade educacional brasileira é que a disciplina Educação Física tem sido relegada ao segundo plano, funcionando com poucos recursos e pouco ou nenhum acompanhamento por parte do Serviço Pedagógico, o que é uma realidade diferente no Instituto Federal do Norte de Minas Gerais – Campus Januária, no qual o departamento de Educação Física tem recebido o apoio necessário para desenvolver suas práticas.

Direcionaremos o nosso estudo para o esporte sobre dois aspectos: primeiro, como elemento da cultura corporal de movimento da Educação Física e, em segundo, o esporte como conteúdo físico-esportivo do lazer. Marcellino (2012) considera seis os conteúdos/interesses do lazer, a saber: os interesses artísticos, intelectuais, manuais, sociais e o físico-esportivo, esses cinco com base em Dumazedier (1975), e o turístico, com base em Camargo (1986). Schwartz (2003) menciona o virtual como o sétimo conteúdo/interesse do lazer, o que, para alguns autores como Lopes da Silva e Fraga, o virtual é um espaço para o acesso aos demais conteúdos. Para Lopes da Silva e Silva (2012), os conteúdos físico-esportivos do lazer são específicos da área da Educação Física, dentre os quais se inclui os esportes.

Sobre esses dois aspectos: o esporte como elemento da cultura corporal de movimento e o esporte como conteúdo físico-esportivo do lazer, pretendemos analisar e identificar os significados do esporte e do lazer para os alunos do ensino médio do IFNMG – Campus Januária participantes e não participantes dos projetos esportivos desenvolvidos no campus, na busca de compreender por que os alunos se sentem interessados ou não por tais projetos

esportivos, quais são suas experiências vivenciadas e influências culturais esportivas.

Diante do que foi exposto procuraremos responder ao seguinte questionamento: quais os significados dos projetos de esporte e lazer do IFNMG – Campus Januária para alunos participantes e não participantes de tais projetos?

O nosso trabalho está dividido em duas partes: a primeira parte, com os tópicos de 1 a 3, trata da apresentação do autor para a investigação do tema, da introdução e dos objetivos dessa pesquisa. A segunda parte refere-se aos tópicos de 4 a 8, tratam do referencial teórico, do percurso metodológico, do trabalho de campo, dos resultados e discussões e das considerações finais.

No quarto tópico, “A Construção Sociocultural do Esporte”, discorreremos sobre as relações entre esporte, sociedade, cultura e lazer a partir de um viés teórico sociocultural. Este primeiro capítulo está subdividido em três subcapítulos. No primeiro subcapítulo, denominado “Esporte e Sociedade”, tratamos historicamente do fenômeno esportivo, de como ele surge, qual a sua importância, suas influências perante a sociedade, as semelhanças entre o esporte e o sistema capitalista e como o esporte interfere na vida social, política e econômica da sociedade brasileira. No segundo subcapítulo, “Esporte e Cultura”, é apresentado o conceito de cultura para a compreensão de como a sociedade moderna se apropria do esporte com base em estudos da Antropologia Social. Por fim, ao relacionarmos o esporte e o lazer no último subcapítulo, “Esporte e Lazer” temos como finalidade elucidar esses dois fenômenos sociais e discutir como o senso comum compreende as relações entre tais fenômenos.

No quinto tópico “Percurso Metodológico” apresentamos como a nossa pesquisa foi realizada e quais autores tivemos como base para a realização da



mesma. No sexto tópico, “O Campus no campus”, apresentamos o campo do Campus Januária, os espaços para as práticas corporais que encontramos, a rotina dos alunos, fatos imprevistos como a greve dos servidores e como foram as nossas entrevistas. No sétimo tópico “Os significados dos projetos de esporte e lazer do IFNMG – Campus Januária para os entrevistados” apresentamos os resultados e as análises obtidos nos dois grupos de participantes e não participantes dos projetos de esporte e lazer do IFNMG – Campus Januária e a comparação entre os resultados obtidos nesses dois grupos. Já no último tópico, as nossas considerações finais.

\*\*Esta dissertação segue o formato do Manual para Normalização de Dissertações e Teses do Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano disponível em <http://www.unimep.br/anexo/adm/21082014073845.pdf>; citações e referências baseadas na NBR 6023, de 2002, da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT)\*\*

### **3 OBJETIVOS**

- Analisar o esporte e o lazer a partir de um referencial sociocultural;
- Identificar e analisar os significados dos projetos de esporte e de lazer do IFNMG - Campus Januária para alunos participantes e não participantes de tais projetos.

## 4 A CONSTRUÇÃO SOCIOCULTURAL DO ESPORTE

Na perspectiva de entender o universo esportivo, a partir de um referencial sociocultural, alguns autores têm se dedicado ao estudo do tema com o propósito de construir dados que venham elucidar tal fenômeno. A nossa intenção ao estabelecer as relações entre o esporte e a sociedade, com a cultura e com o lazer, será para dar sustentação nas interpretações e análises da pesquisa realizada com os alunos do IFNMG – Campus Januária.

### 4.1 Esporte e Sociedade

O nosso objetivo com esse subcapítulo é inicialmente trazer alguns fatos históricos relevantes do esporte, privilegiando alguns pontos que consideramos importantes para a nossa pesquisa.

Com o aumento das práticas esportivas fica evidente o crescente número de praticantes formais e não-formais<sup>4</sup> do fenômeno esportivo na atualidade. De acordo com Rubio (2002),

O esporte é na atualidade um dos principais fenômenos sociais e uma das maiores instituições do planeta. [...] além de tornar um dos principais elementos da indústria cultural contemporânea, matéria-prima dos meios de comunicação de massa e uma das poucas formas reconhecidamente honestas de rápida ascensão social (p. 130).

Este prestígio conferido ao esporte na sociedade contemporânea está relacionado ao fato de como esse fenômeno sociocultural tem sido consumido,

---

<sup>4</sup> A prática esportiva formal é regulada por normas, regras específicas de cada modalidade de acordo com suas instituições reguladoras. A prática não-formal é caracterizada pela liberdade da ludicidade de seus praticantes.

não somente como elemento de rendimento esportivo e de espetáculo, como também o esporte recreativo e educacional. Em virtude das suas características construídas ao longo da história, de como foi moldado e como veio se transformando em um componente hegemônico da cultura corporal de movimento na sociedade, o esporte de rendimento tem se tornado espelho para as demais dimensões. Neste sentido, o esporte passa a ser objeto de estudo da Sociologia, pois ele é praticado e consumido por diferentes grupos sociais.

O esporte, fenômeno sociocultural da sociedade moderna, surge na Inglaterra no século XVIII e nos séculos XIX e XX expande-se para outros países (BRACHT, 2005). Os jogos e os passatempos populares anteriores a este período tinham outras características, eram atividades culturais que aconteciam em festas religiosas. Mais tarde, essas manifestações populares sofreram profundas transformações, definidas por BRACHT (2005) como um processo de ruptura, a partir da esportivização de jogos populares.

O esporte moderno resultou de um processo de modificação, poderíamos dizer, de esportivização de elementos da cultura corporal de movimento das classes populares inglesas, como os jogos populares, cujos exemplos mais citados são os inúmeros jogos com bola, e também, de elementos da cultura corporal de movimento da nobreza inglesa (BRACHT, 2005, p. 13).

Neste sentido, tamanha foi a sua visibilidade por meio da sociedade que se tornou alvo de investigação de intelectuais das ciências sociológicas. Alguns estudiosos se destacaram na procura de explicar o fenômeno esportivo de forma crítica. Vaz (2006) comenta que na década de 1960 acontece um movimento teórico das Ciências Sociais que ficou conhecido como Teoria Crítica do Esporte. Este fato acontece inicialmente na Europa e na América do Norte. O esporte passa a ser tema de pesquisas, análises e reflexões. Portanto, o mesmo

autor aponta que isso não era algo tão novo, pois desde o início da década de 1920 já existiam estudos relacionados ao esporte como fenômeno social e cita o trabalho de Risse (1979), “[...] publicado pela primeira vez em 1921, uma preocupação com o esporte um fenômeno social” (p. 2).

É importante ressaltar que o esporte acompanhou os avanços tecnológicos. Os patrocínios às equipes, aos atletas e aos eventos esportivos têm aumentado consideravelmente, as empresas perceberam que é mais lucrativo associar suas marcas às grandes emoções dos eventos competitivos, impulsionando cada vez mais o surgimento de vestimentas, novos materiais esportivos com objetivo de colaborar com o mercado e a indústria capitalista. (PRONI, 1998).

De acordo com Taffarel e Santos Jr. (2006), os sujeitos utilizam a máquina do esporte por meio de suas organizações para manipular a sociedade e manter a “elite do esporte” – grifo nosso – no ponto mais alto - Assim, é reservado a maioria da população aplaudir, tê-los como heróis e adquirir os produtos que são vinculados às grandes marcas que os patrocinam. Associado a essa ideia dos autores, os princípios do esporte vinculado ao mundo capitalista são usados para manipular, alienar a sociedade atual em um casamento perfeito: empresas multinacionais esportivas, organizações esportivas e meios midiáticos. Assim, o esporte se configura na sociedade contemporânea como um fenômeno que está pautado na busca por lucros e no seu caráter heterogêneo (MARQUES, 2008).

Em uma outra concepção, o esporte é identificado por Stigger (2005, p. 53) “como elemento da cultura que encontra orientação numa dimensão mais ampla da sociedade”. Ou seja, o esporte nessa concepção pode ter outro impacto na vida dos sujeitos, que não necessariamente, a alienação dos sujeitos diante do

contexto atual na sociedade contemporânea capitalista, mas a formação humana, uma vez que o esporte possibilita aos sujeitos a construção de valores como por exemplo, pensar primeiro o coletivo sobre o individualismo, o cooperar ao invés de apenas competir. O fenômeno esportivo possibilita às pessoas mudanças de hábitos de vida, a socialização, o divertimento e o desenvolvimento pessoal e social. Todas as críticas e observações feitas ao esporte evidenciam tal elemento da cultura corporal de movimento como um dos principais fenômenos sociais da atualidade.

Além dos movimentos históricos que contribuíram para o desenvolvimento e compreensão do fenômeno social esportivo, órgãos internacionais também produziram documentos relevantes que serviram de orientação para as reflexões da comunidade internacional sobre o esporte. O *Conseil Internationale d' Education Phisique Et Sport* – CIEPS, vinculado à Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura – UNESCO, divulgou em 1964 o documento “Manifesto Mundial do Esporte”. Esse documento conceituou e dividiu o esporte em três grandes áreas: a) esporte escolar, esporte educacional ou esporte-educação; b) esporte participação, esporte de lazer ou esporte de tempo livre; c) esporte de alto rendimento, esporte de alta competição, esporte espetáculo ou esporte performance. Essas categorizações perduram por quase todos os países do mundo, inclusive no Brasil desde o regime militar.

Assim, podemos observar que para conceituar o esporte alguns autores, órgãos oficiais nacionais e internacionais, por meio de leis e de documentos, dividem o esporte também em diversas categorias ou áreas como o “Manifesto Mundial do Esporte”. Em conformidade com esse “manifesto”, aqui no Brasil a Lei 9.615 (Lei Pelé) de 24/03/1998, em seu artigo 3º do capítulo III,

conceitua o esporte em práticas esportivas formais e não formais e também divide o esporte em três manifestações distintas, a saber:

- I. O desporto educacional: praticado nos sistemas de ensino e em formas assistemáticas de educação, evitando-se a seletividade, a hipercompetitividade de seus praticantes, com a finalidade de alcançar o desenvolvimento integral do indivíduo e a sua formação para o exercício da cidadania e a prática do lazer. O esporte educacional é o esporte que deve estar referenciado em ambientes socioeducativos e deve constituir como componente do processo educativo para a formação da cidadania.
- II. O desporto de participação: praticado de modo voluntário, compreendendo as modalidades desportivas praticadas com a finalidade de contribuir para a integração dos praticantes na plenitude da vida social, na promoção da saúde e educação e na preservação do meio ambiente. A grande responsabilidade é a de mudança de hábitos das pessoas para que incorporem em suas culturais individuais as práticas esportivas, a fim de promover a participação e a qualidade de vida.
- III. O desporto de rendimento: praticado segundo normas gerais da Lei nº 9.615, de 1998, e das regras de prática desportiva, nacionais e internacionais, com a finalidade de obter resultados e integrar pessoas e comunidades do País e estas com as de outras nações.

Ao analisarmos as diferentes formas de manifestações esportivas, determinadas pelas leis que regem sobre este fenômeno sociocultural, entendemos que o esporte praticado no ambiente escolar é fundamentalmente caracterizado como esporte não formal, de participação, recreativo e educacional. Não podemos negar a relação e a aproximação das diferentes categorias com o esporte de alto rendimento, devido às influências culturais, seja dos pais, dos professores, da mídia etc.

O esporte praticado na escola sempre terá uma estrutura de participação, pois o ambiente não tem uma infraestrutura necessária para o alto rendimento, porém os participantes poderão vivenciar uma prática com

predomínio dos valores do alto rendimento. Existem as possibilidades de, no futuro, alunos viverem do esporte, se tornarem atletas profissionais, mas, como alunos, não podem ser tratados como tal. O esporte é também um elemento da cultura, como veremos a seguir.

## 4.2 Esporte e Cultura

Para compreendermos o esporte como fenômeno cultural da sociedade contemporânea, temos que buscar entender como tal elemento se insere na vida dos sujeitos, que valores, sentidos e significados são atribuídos ao esporte pelos sujeitos envolvidos.

Para discorrermos sobre valores, sentidos e significados que os sujeitos atribuem ao esporte temos que compreender o que é cultura. Tomamos como base os estudos da Antropologia Social. Para Geertz (1989), a cultura é a construção de significados, sendo seu conceito essencialmente semiótico.

(...) acreditando como Max Weber que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e a sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado. É justamente uma explicação que eu procuro, ao construir expressões enigmáticas na sua superfície (p.15).

Nesse sentido, o conceito de cultura de Geertz (1989) sobre o qual as ações humanas se baseiam é fundamental para compreendermos os conflitos entre grupos heterogêneos e, entre esses grupos, a singularidade de cada sujeito que convive em determinado espaço, como é o caso dos alunos participantes e não participantes dos projetos esportivos e de lazer do IFNMG - campus Januária.



Trata-se de dois grupos que atribuem um conjunto de significados, valores, símbolos, sentidos aos projetos de esporte e lazer da instituição.

Daolio (2013), ao afirmar que “A natureza do homem é ser um ser cultural, ao mesmo tempo, fruto e agente da cultura” (p.33), leva-nos a compreender que o ser humano não é apenas biológico. Ao mesmo tempo que ele recebe cultura, ele produz cultura. São as relações sociais estabelecidas que irão influenciar a vida do ser humano no meio em que vive. Os lugares, os familiares e o meio podem influenciar na formação cultural e isso é o que diferencia o ser humano dos outros animais.

Somos todos diferentes uns dos outros, por meio das atitudes, sentimentos, gostos, visões, percepções, entre outros aspectos que caracterizam o ser humano. Geertz (1989) afirma que:

Tornar-se humano é tornar-se individual, e nós nos tornamos individuais sob a direção dos padrões culturais, sistemas de significados criados historicamente em termos dos quais damos forma, ordem, objetivo e direção às nossas vidas (1989, p. 64).

As opções pelas práticas corporais e o modo como as vivenciamos estão diretamente relacionados ao contexto cultural dos sujeitos, proveniente das suas experiências de vida. Neste sentido, Daolio (2013, p.31) afirma que “todo e qualquer homem que se possa considerar será sempre influenciado pelos costumes de lugares particulares, não existindo um homem sem cultura”.

O repertório corporal de movimentos que diferenciam os mais habilidosos dos menos habilidosos expressa a construção cultural do corpo em vivências anteriores experimentadas. De acordo com Daolio (2013, p. 37), “o

homem, por meio do seu corpo, vai assimilando e se apropriando dos valores, normas e costumes sociais, num processo de inCORPOração”.

Para o mesmo autor,

[...] atuar no corpo implica atuar sobre a sociedade na qual esse corpo está inserido. Todas as práticas institucionais que envolvem o corpo humano – e a Educação Física faz parte delas –, sejam elas educativas, recreativas, reabilitadoras ou expressivas, devem ser pensadas nesse contexto, a fim de que não se conceba sua realização de forma reducionista, mas se considere o homem como sujeito da vida social (DAOLIO, 2013, p. 39).

Acreditamos que no ambiente escolar deve-se ter um cuidado maior com as interferências feitas por meio das práticas esportivas. Os profissionais que atuam diretamente com os alunos devem compreender tais sujeitos como seres sociais e culturais em constante transformação e proporcionar aos mesmos práticas que promovam um enriquecimento social e cultural no que se refere aos valores, sentidos e significados para os mesmos.

Acreditamos que os sujeitos devam ser valorizados como seres pensantes capazes de expressar por meio do corpo todas as suas capacidades físicas e motoras, como também devemos valorizar as expressões corporais construídas ao longo dos anos.

Não existe corpo melhor ou pior; existem corpos que se expressam diferentemente, de acordo com a história de cada povo em cada região, de acordo com a utilização que cada povo foi fazendo dos seus corpos ao longo de sua história (DAOLIO, 2013, p.43).

Ao se referir às diferentes formas do corpo de se expressar, Daolio (2013) conclui que as mesmas são expressões simbolicamente construídas pela tradição de um povo, ou seja, cada sociedade tem uma tradição particular de se

expressar por meio do corpo. Essa tradição é repassada de geração para geração.

É inevitável falarmos de esporte e cultura no ambiente escolar e não relacionarmos com a Educação Física – componente curricular obrigatório do Ensino Básico que trata dos elementos da cultura corporal de movimento, os jogos, as ginásticas, as danças, os esportes e as lutas (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p. 50) – que, nos dias de hoje, tem privilegiado o esporte com base no esporte de rendimento, esporte hegemônico, que valoriza prioritariamente os aspectos técnicos e táticos e suas regras reguladoras nas diferentes modalidades. Por outro lado, segundo Daolio (2004), as Ciências Humanas têm influenciado a Educação Física com base nos conhecimentos da Antropologia, da História, da Sociologia, da Ciência Política, entre outras, e têm avançado, sobretudo, em uma perspectiva cultural, como afirma o autor logo no início da introdução de sua obra “Educação Física e o conceito de cultura”:

[...] cultura é o principal conceito para a educação física, porque todas as manifestações corporais humanas são geradas na dinâmica cultural [...] expressando-se diversificadamente e com significados próprios no contexto de grupos culturais específicos (DAOLIO, 2004, p. 2).

Para Velozo (2009, p. 27), “[...] as aulas de Educação Física são um local e um tempo de cultura”. Segundo o mesmo autor, por dois aspectos: primeiro, porque existe uma cultura das aulas de Educação Física portadora de sentidos e significados pelas ações que são realizadas nas aulas e, segundo, porque o seu objeto de trabalho é a cultura, ou seja, os elementos da cultura corporal de movimento. Pensar a Educação Física por um único viés, o biológico, por uma única perspectiva, pode significar um retrocesso ao debate da área. Se

nas aulas estamos lidando com seres humanos, não justifica tratá-los apenas como seres biológicos. Os alunos são os atores principais, possuem sentimentos e trazem consigo uma história cultural construída ao longo de suas vidas.

Assim, concordamos com Daolio (2004) ao considerar importante dois conceitos de Marcel Mauss para a Educação Física. O primeiro é o conceito de “fato social total”, que reúne três dimensões interligadas, sobre os aspectos fisiológicos, psicológicos e sociológicos, formando um ser em sua totalidade, fundamental para suas condutas como ser humano. O segundo conceito de Mauss (2013) são as “técnicas corporais”, que ele as entende como as maneiras pelas quais os seres humanos, de cada grupo social, tradicionalmente, sabem servir-se de seus corpos, ou seja, toda manifestação corporal pode ser considerada como uma técnica corporal, pois atende aos critérios de tradição e eficácia.

Nesse sentido, em nosso estudo, vamos para além das aulas de Educação Física, estamos nos referindo aos demais espaços e aos projetos esportivos e de lazer no âmbito escolar, que tem como tradição a Educação Física como referência. As práticas dos projetos de esporte e lazer no Campus Januária são desenvolvidas geralmente pelos mesmos professores que atuam nas aulas de Educação Física. Estes utilizam as aulas para observar os alunos que têm maiores aptidões em uma determinada prática para compor as equipes esportivas do campus inseridas nos projetos de treinamentos.

Os treinamentos esportivos são práticas esportivas que fazem parte dos projetos pedagógicos institucionais que objetivam a participação dos alunos em competições. Configuram-se em uma prática que tem semelhança ao modelo de esporte do alto rendimento em diversas modalidades. Para os alunos que são

selecionados por meio de seletivas, resta a dedicação para continuarem participando das atividades extraescolares que compõem os projetos de esporte e lazer da instituição.

De acordo com Velozo (2009), a Educação Física tem-se pautado nas Ciências Naturais e privilegiado quase que exclusivamente o esporte:

[...] as explicações produzidas pela Educação Física tradicional tendem a construir um modelo universal de ser humano [...] compreendido a partir de uma visão homogeneizadora provinda das ciências da natureza. Esse modelo de ser humano e, conseqüentemente, de Educação Física, pode ser contraposto à compreensão oriunda das Ciências Sociais e Humanas (p.28).

Dessa forma, reconhecemos que modelos e técnicas padronizadas ainda são utilizados tanto nas aulas de Educação Física como em projetos vinculados a elas. A mera reprodução de movimentos pode minimizar nos alunos a capacidade de manifestação e de construção de técnicas que possuem significados para os mesmos.

Os autores Daolio e Velozo (2008) publicaram um artigo sobre “*A Técnica Esportiva como Construção Cultural: implicações para a pedagogia do esporte*”. Em tal trabalho, os autores tiveram como objetivo discutir a técnica esportiva levando em consideração os referenciais teóricos das Ciências Sociais e Humanas em contraponto à noção de técnica que é utilizada pela Educação Física, com base teórica nas Ciências da Natureza. De acordo com eles, quando falamos em técnica esportiva a primeira ideia que temos são de movimentos e gestos técnicos perfeitos, construídos e/ou treinados repetidas vezes em busca da perfeição. Como ponto de partida de onde vem a técnica, os autores se apoiam em Gilles - Gaston Granger (1994):

A técnica é uma prática humana anterior à ciência, vinculada, na Antiguidade, à dimensão da arte, e o seu princípio estava no criador e não na criação. A técnica associada à arte se constituía como um modo de fazer que era tradicional, ou seja, seguia determinados costumes e rituais próprios de um grupo ou de uma região (DAOLIO; VELOZO, 2008, p. 9).

Apoiados em Granger (1994), os autores Daolio e Velozo (2008) nos apresentam dois tipos de técnicas: a técnica empírica e a técnica científica. A primeira vinculada às experiências práticas, e que a ciência ainda não penetrou e retirou dela sua singularidade. Essas ainda são transmitidas pela tradição oral, reconhecidas como senso comum. A segunda técnica é fundamentada em explicações teóricas, de forma fragmentada, racionalizada, que faz diminuir a singularidade. Para os dois autores os dois tipos técnicas são válidas e o que eles nos mostram é que onde a técnica científica não se manifestou, ainda existe a arte.

No futebol, por exemplo, o drible e a finta são gestos que dificilmente a ciência irá conseguir determinar uma normatização para a execução, devido a capacidade de exigência de criação dos movimentos que são expressos de maneira muito particular em que cada sujeito adapta seu corpo para executá-los. As pedaladas do Robinho, a ginga do Garrincha, o elástico do Rivelino, entre tantos outros que são transmitidos pela tradição, pela arte, pela plasticidade.

Mauss (2013), em seu trabalho “*A técnica do corpo*”, procurou definir técnica como:

Chamo técnica um ato *tradicional eficaz* (e vejam que nisso não difere do ato mágico, religioso, simbólico). Ele precisa ser *tradicional e eficaz*. Não há técnica nem transmissão se não houver tradição. Eis que o homem distingue antes de tudo dos animais: pela transmissão de suas técnicas e muito provavelmente por sua transmissão oral (p. 407).

Ao relacionarmos a transmissão de conhecimento por meio do corpo ou por meio da linguagem ao profissional de Educação Física, entendemos que o mesmo se apropria desses instrumentos simbólicos como ofício para transmitir o conhecimento das diversas manifestações corporais no ambiente escolar. Os estudantes se apropriam desses símbolos e podem atribuir novos sentidos a tal movimento. Mauss (1979), citado por Daolio (2013), afirma que “Quando uma geração passa à outra geração a ciência de seus gestos e de seus atos manuais, há tanta autoridade e tradição social quanto quando a transmissão se faz pela linguagem” (p. 44).

Uma vez que o profissional de Educação Física irá trabalhar com técnicas esportivas, é possível perceber a reprodução de movimentos hierárquicos que são transmitidos aos alunos, muitas vezes sem considerar os significados desses movimentos para os estudantes. Alguns professores preocupam-se apenas com a reprodução de gestos técnicos ditos “corretos”, quase sempre com base no modelo esportivo de alto rendimento, sem levar em consideração a capacidade que cada um tem em particular de aprimorar a técnica ao seu estilo. Não estamos aqui, porém, para negar a técnica, que é parte da ação pedagógica do ensino do esporte, e muito menos o aprimoramento dela, pois, a partir do momento que os alunos vão conhecendo as técnicas eles passam a ampliar a sua compreensão sobre elas. A crítica é, ter apenas um modelo a seguir, com base apenas na repetição.

Na modalidade de voleibol, por exemplo, podemos observar que os gestos técnicos utilizados durante o jogo de alto rendimento (toque, manchete, bloqueio e a cortada) são rigorosamente cobrados pelas suas regras específicas. Tais regras requerem o movimento com um alto nível de complexidade,

dificultando que os alunos encontrem na dinâmica do jogo a forma exata para execução dos movimentos. Reforçar esse modelo de técnica é retirar do ser humano o que ele tem de mais precioso, que é a possibilidade de criar novas formas de jogar, encontrando soluções para que o jogo possa ocorrer.

Podemos atribuir muitas vezes a não participação dos alunos nos projetos esportivos e de lazer pela imposição de execução dos movimentos ditos “corretos” com base nos movimentos dos atletas profissionais. Estes atletas, por sua vez, passam por períodos de “aperfeiçoamento” pelos treinamentos rígidos, na busca da eficiência para aprimorarem seus movimentos. Essas técnicas são referências para os treinamentos nos projetos escolares, tanto para os professores como para os alunos também. Dessa forma, no âmbito escolar, os professores potencializam a reprodução das técnicas de atletas de alto rendimento junto aos seus alunos, reforçando o esporte hegemônico e desconsiderando as diferenças e a própria criação do movimento pelos mesmos.

Garganta da Silva (1998) afirma que:

No ensino do esporte coletivo, as técnicas corporais referem-se às diferentes formas de utilização do corpo que permitem lidar eficazmente com os constrangimentos impostos pelas características das respectivas modalidades esportivas (p. 22).

Nesse sentido, talvez alunos que não consigam fazer a execução “correta” desses movimentos se sintam constrangidos por participar das atividades existentes nos projetos esportivos ou de quaisquer atividades que tenham uma exigência mais elaborada de movimentos corporais. Por outro lado, aqueles sujeitos que participam podem ser os que tiveram mais oportunidade de vivências e também alcançaram êxitos favoráveis na prática esportiva.



Concordamos com Garcia (2015) quando procura conceituar o esporte a partir de um referencial sociocultural, tendo como base as técnicas individuais de cada sujeito. De acordo com o autor, o conceito de esporte é “uma estrutura de sentidos proporcionados pela cultura que atribui determinados significados e valores aos diferentes movimentos humanos, numa clara inter-relação entre os planos individual e social” (p. 165).

O autor aponta em seus estudos que, para uma visão humanista e cultural do esporte, que compreende o ser humano como parte central, por meio de suas expressões para as quais usufrui das diversas maneiras do fenômeno esportivo. Para ele, “pensar no desporto implica, antes de tudo, pensar no ser humano. E o ser humano, ao praticar o desporto, não é menos importante do que em qualquer outra situação da vida” (GARCIA, 2015, p. 36).

Desse modo, entendemos que, de acordo com Garcia (2015), para compreender o desporto<sup>5</sup> primeiro devemos compreender o ser humano, pois é ele quem vai dar sentido ao esporte, independentemente de qual modalidade ele pratica, do espaço e da manifestação em que ele se encontra. O esporte para esse autor se insere em inúmeras dimensões da vida do ser humano e o mesmo considera o esporte um fenômeno social total.

Segundo Garcia (2015, p. 164), “o que faz sentido estudar são as suas expressões humanas, onde o desporto ocupa um dos seus lugares”. Para conceituar o esporte a partir dessa perspectiva, o autor observa em detalhes diversas formas de manifestação de práticas esportivas, em diferentes locais e conclui que determinados elementos motores como: deslocamentos, saltos,

---

<sup>5</sup> Utilizaremos o termo “desporto” apenas quando fizermos referência aos estudos que utilizam essa terminologia. Não obstante, o termo utilizado no restante do trabalho será “esporte”.

lançamentos e as lutas, deram origem às diferentes modalidades esportivas, que assim os descrevem:

Deslocamentos. Correr, caminhar, nadar e mesmo voar são elementos universais a que nenhuma prática desportiva em rigor se furta;

Saltos. Caso particular de um deslocamento que, com um propósito ou outro, é também muito frequente, seja naquelas modalidades mais “enérgicas” ou naquelas de cariz mais expressivo;

Lançamentos. A ideia de lançar ou arremessar está patente num sem número de atividades, associando-se muitas vezes às anteriores. Em algumas ocasiões, é o próprio corpo ou um seu segmento que é arremessado;

Lutas. Quer na sua forma simbólica ou real, lutar é uma atitude natural do homem, sendo o desporto uma expressão moderna do ideal agônico que há muito é percebido e discutido (GARCIA, 2015, p. 164).

Garcia (2015), após apresentar os elementos, salienta que as modalidades esportivas não necessariamente resultam de todas as combinações dos elementos motores enunciados. O grau de importância de cada elemento depende de cada modalidade, como exemplo: para o salto em distância exige-se um deslocamento em velocidade para frente (corrida) em linha reta e ao final um salto, enquanto, no handebol, todos os elementos acima citados estão presentes nas ações da modalidade durante todo jogo. Para tais ações, os sujeitos como seres produtores de cultura, por meio de suas expressões corporais, após internalizar tais elementos, produzem e reproduzem movimentos que, no entendimento do autor supracitado, resultam na produção do esporte. Verificamos, então, que o autor vai se apoiar no conceito de cultura dos autores Kröeber e Kluckhohn para explicar o que o mesmo assume como esporte, sendo o conceito de cultura para eles:

Um conjunto de modelos normativos compartilhados pelos membros de determinado grupo, e esses modelos servem para regular a conduta do grupo, estando acompanhados por sanções, em caso de incumprimento das normas (KLUCKHOHN apud GARCIA, 2015, p 164).

Nesse entendimento, o esporte como expressão humana que o autor propõe, o ser humano assume a centralidade desse ato cultural e tal afirmativa fica clara a partir dos exemplos e de sua explicação mais detalhada. Vejamos:

[...] desporto é aquilo que acrescentamos à natureza. [...] é aquilo que acrescentamos à atividade física, mesmo àquela já imbuída de valores humanos. Se correr, saltar, arremessar e lutar são atividades “naturais” (é evidente que temos de ter alguma reserva na formulação dessa concepção), desporto é aquilo que acrescentamos a estes gestos e/ou condutas. Desporto, qual acrescento, é o sentido cultural, mesmo axiológico, que o homem a cada momento atribui a esses elementos motores constitutivos do patrimônio natural (GARCIA, 2015, p. 164).

Para exemplificar, correr por si só não é esporte, portanto um indivíduo quando corre para não chegar atrasado no trabalho, no ponto do ônibus ou fugindo de um animal, isso é uma atividade do cotidiano, de deslocamento, entretanto, correr uma maratona, ou 100 metros<sup>6</sup>, é uma prática esportiva. Saltar um obstáculo qualquer não é esporte, entretanto, saltar uma barra com objetivo de atingir o ponto mais alto ou o mais distante confrontando as suas marcas ou com a marca de outros é esporte. Tanto a corrida como o salto, podem ser vivenciados como rendimento, superação e de modo lúdico, pois as três dimensões entrelaçam-se naturalmente. Para Garcia (2015), tudo vai depender da intensidade, da época, do momento, do local e do sentido que é atribuído à prática esportiva. Após analisar diversas atividades, o mesmo autor percebeu características comuns entre elas. A primeira delas, o lúdico (a alegria, o prazer, a

---

<sup>6</sup> Modalidade de corrida de velocidade no Atletismo.

brincadeira é visível), justifica que o que diferencia é a intensidade maior ou menor entre uma ou outra dimensão, o lúdico, o rendimento e a superação. O rendimento aparece no lúdico e na superação, assim como a superação é presente no rendimento e no lúdico. Esse entrelaçamento, na visão do autor, possibilita para os sujeitos vivenciarem a prática esportiva nas diferentes manifestações, espaços, formas e modalidades, tornando o ser humano o sujeito do desporto, seja em frente à televisão, na arquibancada ou fruí-lo como prática, “o homem será sempre a centralidade deste ato cultural” (GARCIA, 2015, p. 174).

O autor português Jorge Olímpio Bento (2006), com diversas publicações no Brasil, entende o esporte como algo muito mais amplo do que apenas sinônimo de uma prática de modalidade esportiva. Neste contexto, de acordo com Bento (2006, p. 155), “entendo o desporto como um conjunto de tecnologias corporais, sendo o uso destas balizado por razões e padrões culturais e por intencionalidades, metas e valorizações sociais”.

Nessa perspectiva, consideramos que o autor entende o fenômeno socioesportivo não só como um exercício físico ou uma atividade regulada, controlada com objetivos de alcançar metas, mas como algo em uma dimensão muito mais ampla, plural, presente nas manifestações corporais dos indivíduos, conectadas aos contextos históricos, aos valores e aos padrões culturais que possibilitam a sua prática, conforme os significados expressos pelos sujeitos.

Para esse entendimento, Bento (2006) parte de três noções que irão concretizar o seu pensamento, afirmando primeiro que: “cada modalidade desportiva tematiza o corpo à sua maneira” (p. 155), ou seja, entre modalidade e corpo existe uma afinidade bem particular, em consequências das exigências estruturais, dos códigos e regras que regulamentam a modalidade, pelas

exigências em busca do rendimento que são específicas às ações de uma determinada modalidade. Para ilustrar o que o autor afirma, os jogadores de basquetebol têm que ter uma altura considerável para a modalidade, em consequência de a altura da cesta do basquete ficar a 3,05 metros do chão, assim como também para o jogador de voleibol, pois a rede para o masculino em sua borda superior atinge 2,43 metros do chão. Pensando na perspectiva do rendimento, concordamos com o autor que as modalidades esportivas modelam o corpo de acordo com a necessidade específica de cada modalidade. Na cultura do basquete, por exemplo, podemos observar que dependendo da posição que o jogador ocupa, a modalidade requer do praticante algumas características físicas que irão ser potencializadas a partir do momento em que o sujeito é exigido durante o jogo. Ou seja, seguindo o exemplo do basquete, um <sup>7</sup>armador tem exigências diferentes do <sup>8</sup>pivô durante o jogo. Ambos têm características físicas também diferentes para melhor desempenhar suas funções no jogo.

Em uma segunda afirmação, Bento (2006, p. 156) nos fala que:

Não se deve olvidar que o uso desportivo do corpo pode ser instrumentalizado para distintas e até contraditórias finalidades, em consonância com a vigência, a dinâmica e a mutabilidade dos conceitos culturais e dos problemas e necessidades sociais.

Entendemos nessa afirmação que existe uma outra forma de manifestação das práticas esportivas, por meio da instrumentalização do corpo, ou seja, com o desenvolvimento de consciência corporal e a crescente descoberta

---

<sup>7</sup> Armador ou base, é uma das cinco posições existentes na modalidade do basquetebol. Também é conhecida como posição 1. O jogador que ocupa essa posição, tem a função de organizar as jogadas ofensivas, criando jogadas que deixam seus companheiros em melhores condições para pontuarem.

<sup>8</sup> Pivô é uma das cinco posições do basquete, também conhecida como posição 5. O jogador que ocupa essa posição fica mais próximo a cesta, é equivalente ao atacante no futebol. Geralmente são os jogadores mais altos da equipe.

de suas capacidades motoras, os sujeitos poderão usufruir de diversas modalidades esportivas nas quais se sentirem à vontade para a prática. O importante aqui passa a ser o sentido da prática e não o resultado. Entretanto, o autor, atento à sociedade moderna, industrial e pós-industrial, conectada ao modismo, nos alerta sobre a oferta e a procura de tecnologias corporais, de novas práticas corporais, esportivas, focando na “figura” e na “forma” do corpo, relacionando-as também aos cuidados necessários para a vida como os benefícios à saúde, à qualidade de vida, à prevenção de doenças, entre outras, (BENTO, 2006).

Por fim, a última noção que vem concretizar o pensamento do autor sobre o esporte é a técnica. Para ele, a técnica é a essência do esporte, é a razão de sua existência, ela possibilita a criatividade e a inovação muitas vezes desprestigiadas, não compreendidas sob a forma humana, o aprimoramento corporal, gestual e comportamental do ser humano,

É a técnica que precede e possibilita a criatividade e a inovação. A criatividade será uma espécie de estado de graça, de harmonia e perfeição, um sopro de inspiração que responde a uma ordem e a uma voz que vem de dentro, mas que resulta quando a técnica se instala como uma segunda natureza (BENTO, 2006, 157).

Se Garcia (2015) entender o ser humano como central para a compreensão do esporte, Bento (2006), por sua vez, tem como referencial a técnica corporal instrumentalizada para compreender o fenômeno esportivo, que se bem observado não deixa de ser a atenção dada pelo autor ao ser humano.

O esporte, seja ele de alto rendimento, de formação ou como uma atividade no contexto do lazer, tornou-se patrimônio cultural da sociedade

contemporânea e, um conjunto de sentidos e significados para cada ser humano que, ao longo de sua história, se apropria desse fenômeno social e cultural.

Assim, ao partirmos de diferentes horizontes para compreendermos o esporte e como ele se relaciona com a sociedade, como podemos observar, não dá para restringir o fenômeno esportivo a conceitos restritos como: “esporte é saúde”, “esporte tira as crianças da rua” ou ainda “esporte tira os jovens do mundo das drogas”. Esses entendimentos do esporte como “receita”, “prevenção” ou ainda como o “salvador da pátria” das injustiças sociais das mazelas da sociedade contemporânea mundo afora são visões reducionistas. Seria o indivíduo não compreender as diferentes possibilidades de o ser humano usufruir de um bem social e cultural em sua plenitude que é o esporte.

O profissional de Educação Física que está à frente dos projetos de esporte e de lazer nas instituições de ensino pode oferecer possibilidades aos alunos de ampliarem o seu repertório da cultura corporal de movimento, por meio das técnicas tradicionais, utilizando ações pedagógicas a partir de jogos recreativos que favoreçam a ludicidade. Que o profissional de Educação Física ofereça também a possibilidade de liberdade aos alunos de ressignificarem as práticas propostas, de forma a ampliar a sua capacidade crítico criativa.

Portanto, os sujeitos vão ao longo da vida escolar se apropriando da cultura corporal de movimento, que é a especificidade da educação física, e mais tarde esses conhecimentos poderão influenciar suas escolhas no que se refere às práticas esportivas, realizadas no tempo disponível, como veremos a seguir.

### 4.3 Esporte e Lazer

Ao relacionarmos o esporte com o lazer objetivamos elucidar os dois fenômenos a fim de deixar clara a função que cada um exerce na sociedade, que às vezes, no senso comum, é confundido o que é um e o que é o outro. É a partir de um olhar sociocultural que abordaremos esse subcapítulo.

Para falarmos de lazer, recorreremos ao sociólogo Nelson Carvalho Marcellino, que tem uma ampla produção de trabalhos publicados e que muito contribui para a Educação Física em relação ao tema em questão. Traremos para o nosso debate pontos significativos dos estudos do lazer. Nos subcapítulos anteriores, apresentamos as relações do esporte com a sociedade e com a cultura, aqui iremos tentar compreender como o esporte está inserido no contexto do lazer e como vivenciamos este fenômeno sobre os aspectos conceituais dos principais autores do lazer que optamos por acompanhar suas ideias.

A maioria dos seres humanos já teve alguma experiência com atividades no âmbito do lazer, seja em casa, com a família, na escola, nos clubes, na rua etc. O esporte é uma manifestação que pode ser vivenciada no tempo disponível, portanto, nem sempre que estamos realizando essa prática significa dizer que é uma vivência lúdica, com elementos do contexto do lazer, por poder ser praticado também de forma profissional ou como obrigação escolar. Na própria Constituição de 1988, o esporte e lazer aparecem juntos como um direito social da sociedade brasileira. Percebemos isso nas secretarias municipais, estaduais, em departamentos públicos e privados. O lazer está quase sempre associado ao esporte e vice-versa, quando ainda vinculado com a Secretaria de



Cultura, Turismo e Artes. É nesse sentido que buscamos nessa parte do trabalho trazer alguns esclarecimentos sobre esses dois campos, lazer e esporte.

O “tempo” tem sido primordial para compreendermos o lazer, que em uma perspectiva sociológica surge no fim do século XVIII, na Inglaterra, a partir da Revolução Industrial sob duas teorias que permeiam o fenômeno: a primeira é que alguns estudos consideram que o lazer dos dias atuais é igual ao lazer da Grécia Antiga, que o lazer sempre existiu em todas as civilizações; a segunda é que o lazer é um fenômeno que surge após a Revolução Industrial. Neste período, pós-Revolução Industrial, inicia-se um processo de maior produção de mercadorias industrializadas no menor tempo possível. As novas tecnologias têm favorecido cada vez mais para o aumento da produção de mercadorias e, conseqüentemente, o aumento do tempo disponível das obrigações sociais. Outro fator que favoreceu o surgimento do lazer foram as reivindicações feitas pelos operários por um tempo maior de descanso chamado de “tempo liberado”. Com a redução do tempo de trabalho e o aumento do tempo liberado, a pergunta que se fez na época foi: como a classe trabalhadora está ocupando o seu tempo liberado do trabalho? De acordo com Dumazedier (1979), o tempo liberado era preenchido por outras atividades de obrigação, como: as atividades religiosas, familiares e políticas e por atividades que se relacionam ao contexto do lazer.

O livro “*O direito à preguiça*”, publicado em 1880 por Paul Lafargue (1842 – 1910), é o primeiro “manifesto” com base nas ideias de Karl Marx que vai endossar em favor dos operários. Este “manifesto” trouxe boas contribuições para os estudos do lazer. Na época, o que ele entendia como “preguiça” estava relacionado ao termo “lazer”. A preguiça seria uma forma de contrapor à moral cristã da época, pois a religião supervalorizava o trabalho. A proposta do autor, de

cunho socialista, sugeria que o trabalho não deveria compor mais do que três horas diárias, pois, em seu entendimento, e também concordamos com ele, é que o trabalho é dominante em relação ao lazer. A lógica nas ideias de Lafargue seria: com o aumento das máquinas, os trabalhadores teriam menos horas de trabalho, com isso mais gente trabalhando, menos desemprego, mais tempo disponível e, para finalizar a ideia, que o salário continuasse o mesmo.

Outro autor clássico Dumazedier (1975), foi um sociólogo francês que influenciou e deu relevantes contribuições para os estudos do lazer no Brasil. Em uma de suas obras ele cita que “essa é a dinâmica econômico-tecnológica que produz o tempo livre, que produz o tempo desocupado e que torna possível o lazer no sentido moderno” (DUMAZEDIER 1975, p. 20). Para este autor, existem diferentes tempos fora do trabalho: “tempo livre”, que é o resultado de tempo liberado pela produtividade, e o “tempo desocupado”, ou seja, o tempo que não é ocupado devido à falta de emprego, como o autor denomina de “desemprego tecnológico” (p.19).

Concordamos com Marcellino (2012) que o lazer só é possível de ocorrer fora das obrigações profissionais (trabalho) e fora das obrigações pessoais e sociais (familiares, políticas e religiosas) e depende da atitude dos sujeitos. Portanto, para conceituar lazer, Marcellino (2012) tem levado em consideração os dois aspectos tempo e atitude: “o lazer considerado como atitude será caracterizado pelo tipo de relação entre o sujeito e a experiência vivida, basicamente a satisfação provocada pela atividade” (p.8). Ao considerar o aspecto atitude, devemos primeiro compreendê-lo como a livre escolha de praticar uma atividade. Marcellino (2012) aconselha que devemos ter cuidado nessa interpretação, pois nem toda atividade está relacionada ao lazer,

principalmente quando a consideramos de forma isolada. Por outro lado, ao analisarmos apenas o aspecto tempo, também poderíamos cometer equívocos, mas que “tempo” é esse? Consideramos que o tempo destinado ao lazer se situa no “tempo disponível” não só das obrigações profissionais, escolares, mas também das obrigações familiares, sociais e religiosas. Portanto, Marcellino (2012) nos apresenta os dois aspectos tempo e atitude, que são base para o conceito de lazer:

O lazer ligado ao aspecto tempo considera as atividades desenvolvidas no tempo liberado do trabalho, ou no “tempo livre”, não só das obrigações profissionais, mas também familiares, sociais e religiosas (p. 8).

Quando o autor fala de experiência vivenciada e do tipo de relação verificada, acreditamos que o mesmo está relacionado à cultura vivenciada (praticada, fruída) na qual estes sujeitos estão inseridos. A atitude de buscar atividades que lhes proporcionam prazer é um sinal de que esses sujeitos não apenas aceitam o que é imposto pela sociedade ou pela mídia, mas expressa certa liberdade dos mesmos de escolher suas atividades.

Para melhor compreensão desse fenômeno, partiremos do conceito de lazer elaborado por Marcellino (2013 p. 29), que diz:

Dessa forma, prefiro entender o lazer *como a cultura – compreendida no seu sentido mais amplo – vivenciada (praticada ou fruída) no “tempo disponível”*. O importante, como traço definidor, é o caráter “desinteressado” dessa vivência. Não se busca, pelo menos fundamentalmente, outra recompensa além da satisfação provocada pela situação. *A “disponibilidade de tempo” significa possibilidade de opção pela atividade prática ou contemplativa.*

Com base nesse conceito de lazer de Marcellino (2013), fundamentado em um referencial sociocultural, investigamos os significados atribuídos aos

projetos de esporte e lazer para os alunos do IFNMG – Campus Januária. Os projetos esportivos do campus são práticas pedagógicas que acontecem no âmbito escolar e no contraturno das aulas, ou seja, são práticas extracurriculares, programadas e desenvolvidas pelos professores de Educação Física, que têm como principal objetivo a participação dos alunos nos eventos esportivos competitivos.

As atividades oferecidas pelo IFNMG – Campus Januária são as modalidades básicas e costumeiramente desenvolvidas com estudantes de Ensino Médio, como o futebol, futsal, basquete, voleibol, handebol, atletismo, além de natação – essa desenvolvida fora das dependências físicas da instituição – musculação, atividades de artes como escultura, pintura, teatro e música. O foco principal dos projetos são os treinamentos para as competições escolares municipais, estaduais e federais.

Ao analisarmos a questão “tempo disponível”, os treinamentos acontecem justamente no tempo em que os alunos estão livres das suas obrigações curriculares, haja vista que os projetos não são uma obrigatoriedade para a participação, os alunos têm a livre escolha, a opção de quais projetos querem participar. Essas atividades não são entendidas como curriculares, pois não existe uma cobrança por meio da instituição que os obrigue a participar, nesse sentido, as consideramos como atividades extracurriculares.

O lazer pode ser vivenciado a partir de três perspectivas denominadas por gêneros do lazer, que são a prática, a assistência e o conhecimento (MARCELLINO, 2012). O que diferencia uma possibilidade da outra irá depender da atitude do sujeito perante a atividade escolhida que ele assume. Assim, tanto a prática como a assistência e o conhecimento podem ser ativos ou passivos.

Como exemplo, um sujeito pode estar na quadra de voleibol jogando, praticando, no entanto, não está preocupado com os sistemas táticos do jogo, com as fragilidades da equipe adversária, está na quadra apenas para quando a bola vir em sua direção ser enviada para um companheiro ou mandar para a equipe adversária. Ao passo que, no mesmo jogo, pode ter um outro jogador que esteja pensando em todas as possibilidades de superação, de perceber os pontos fortes e fracos da outra equipe, de perceber qual tática pode funcionar naquele momento do jogo, quais os pontos frágeis de sua equipe, entre outras possibilidades, para vencer a equipe adversária. No primeiro caso, o sujeito demonstra ter uma atitude passiva e, no segundo, uma atitude ativa.

O mesmo pode acontecer quanto à assistência. O sujeito que assiste ao jogo pensando nas estratégias utilizadas por uma equipe e outro que apenas fica em frente à televisão sem estar atento ao conteúdo ou somente observando as informações recebidas, neste, o sujeito pode assumir uma atitude conformista. Os sujeitos ativos perante uma atividade assumem, na maioria das vezes, uma postura crítica e/ou criativa sobre aquela atividade que está vivenciando (MARCELLINO, 2012).

Quanto ao conhecimento, de acordo com os estudos do autor supracitado, o mesmo está relacionado ao sujeito que em seu tempo livre procura por conhecimentos científicos em livros, internet, revistas especializadas etc. Mesmo aqui o sujeito pode assumir uma atitude ativa ou passiva. Como exemplo de passividade, quando lê algo que não compreende e não procura outros meios para superar essa dificuldade como dicionários, outros artigos ou textos que sejam complementares à leitura principal. Já assumindo uma postura ativa, o sujeito procura em seu tempo “livre” algo que venha a acrescentar em seu

conhecimento, tendo acesso a conceitos, princípios, argumentos, debate sobre o esporte.

Nos projetos de esporte e lazer desenvolvidos no Campus Januária, os alunos têm tanto a vivência da assistência como da prática do esporte. Na assistência, podemos identificar alunos não participantes dos projetos de esporte e lazer, e, na prática, o foco está direcionado ao grupo dos alunos participantes dos projetos, dando ênfase principalmente a um dos conteúdos culturais do lazer, o físico-esportivo.

Marcellino (2012) concorda com a proposta dos seis conteúdos ao classificar os diferentes interesses culturais do lazer. Muito embora consideramos que tais interesses não são estanques, ou seja, podem ser vivenciados em conjunto em uma determinada atividade. São seis os interesses culturais do lazer, a saber: os intelectuais, os manuais, os artísticos, os sociais, os turísticos e os físico-esportivos, sendo esse último a especificidade da Educação Física. Schwartz (2003) nos acrescenta mais um interesse cultural do lazer, o virtual, que pode ser vivenciado a partir do uso dos computadores, jogos de videogame etc. Fraga e Lopes da Silva (2010) consideram também a possibilidade do virtual ser pensado como espaço de lazer para acesso aos conteúdos do mesmo.

Os interesses artísticos se relacionam com as artes, alguns exemplos são: o teatro, o cinema, as esculturas, as pinturas, as músicas eruditas e populares etc; os interesses manuais são atividades que podem ser realizadas em casa, como a bricolagem, a jardinagem, o artesanato etc.; os interesses intelectuais são a busca pelo conhecimento sistematizado, informações objetivas e explicações racionais, participação em cursos, leituras, pesquisas etc.; os sociais são os interesses que envolvem a sociabilidade, geralmente em contato

face a face, proporcionam o convívio social, festas, bailes etc.; o interesse turístico é a quebra de rotina temporal, conhecer outras culturas, passeios, viagens; e o interesse físico-esportivo, que se desenvolve nas manifestações da cultura corporal de movimento, como nas danças, nas ginásticas, nos jogos, nas lutas e nos esportes. Entendemos que, para que esses interesses não tenham como significado somente a diversão, é fundamental uma ação pedagógica fundamentada em uma visão sociocultural do lazer para que os sujeitos não fiquem apenas no nível elementar do lazer, mas que possam ter possibilidades de desenvolvimento pessoal e social (MARCELLINO, 2012).

O lazer no âmbito escolar é considerado uma área interdisciplinar, em que diversos profissionais estão aptos a trabalhar, como os professores de educação física, artes, música, línguas estrangeiras, portuguesa, entre outros. Portanto, como já apresentamos anteriormente, o profissional de Educação Física se destaca por ser, quase sempre, o responsável pelos projetos de esporte e lazer, nosso objeto de estudo.

Segundo Marcellino (2013), na escola, o lazer pode ser visto sobre dois aspectos, conhecidos como o duplo processo educativo: o lazer como objeto e como veículo, ou seja, a educação para o lazer e a educação pelo lazer.

Para melhor compreendermos o duplo processo educativo do lazer, devemos primeiro entender a escola como instituição e nela a Educação Física, para depois entender como elas se relacionam com o campo do lazer. Neste sentido, é possível aos professores viabilizar aos alunos o acesso aos conhecimentos sobre o lazer. As aulas de Educação Física são entendidas como um tempo de obrigação, nessa perspectiva, o lazer só é possível no processo de educação para o lazer, a fim de o professor apresentar elementos relacionados ao

lazer, como os gêneros do lazer, os níveis do lazer, os conteúdos culturais do lazer, as barreiras do lazer. Assim, os alunos, não só nesse momento da vida, mas ao longo de sua vida, poderão partir do entendimento adquirido em aula para usufruir de atividades no contexto do lazer de forma autônoma, não aceitando apenas o que é imposto pela mídia ou apenas o que lhes é ofertado como mercadoria.

Em relação à educação pelo lazer, podemos pensar a escola como um equipamento de lazer, e que as atividades do contexto do lazer devem acontecer nos momentos disponíveis do espaço escolar, ou seja, no contraturno das aulas ou aos finais de semana. Nesses momentos que referimos é interessante que envolva toda a comunidade escolar, que não se restrinja apenas aos alunos, mas aos pais, aos professores, à comunidade externa. É importante, neste momento, colocar em prática todo o entendimento do lazer, respeitando o caráter desinteressado, a atitude, o tempo e o espaço, as mudanças de níveis e contemplando não só o divertimento e o descanso, mas o desenvolvimento pessoal e social do indivíduo (LOPES DA SILVA; SILVA, 2012). Nessa situação da escola ser um equipamento de lazer é possível também ações no sentido da educação para o lazer.

No âmbito escolar, os dois fenômenos culturais da sociedade moderna aqui estudados (lazer e esporte) desempenham papéis diferentes, um se sobressai mais em detrimento do outro, ou seja, a palavra lazer é muitas vezes associada apenas ao “não fazer nada”, como algo improdutivo. Por outro lado, o consumo de atividades recreativas e eventos sociais caracterizam uma visão funcionalista do lazer, que é amplamente reforçada pelos meios de comunicação. O problema que se apresenta é que muitas vezes os sujeitos conhecem somente



essas atividades de consumo como sendo vivências possíveis no tempo disponível, desconsiderando ou desconhecendo outras atividades que podem estar relacionadas à revisão de valores e crítica à sociedade capitalista.

Por outro lado, o esporte, como fenômeno sociocultural, tem espaço de destaque na sociedade, está em todos os espaços, ao sair na rua, ligar a TV, entrar em um site na internet voltado a assuntos relacionados ao mundo esportivo, mas que mundo é esse relacionado ao esporte que é amplamente divulgado? Bracht (2005), em seus escritos, associa o esporte ao capitalismo, isso fica evidente ao domínio e ao predomínio do esporte de alto rendimento.

É importante que pensemos e cuidemos dos valores que os nossos alunos atribuem às práticas esportivas, principalmente ao processo de educação pelo lazer, de não reforçarmos os valores que predominam e estão presentes em nossa sociedade, que é a competição exacerbada, a busca pela vitória a qualquer custo, o individualismo e outros aspectos que predominam no alto rendimento. Gostaríamos de deixar claro, neste trabalho, que não somos contrários à competição, muito menos ao esporte de rendimento. Apenas manifestamos o nosso entendimento do esporte em suas diferentes dimensões e como gostaríamos que a nossa juventude usufrísse do fenômeno por meio dos projetos de esporte e lazer da melhor maneira possível, aproveitando no âmbito escolar as discussões e vivências que tangenciam esses dois fenômenos socioculturais.

Outro ponto para a compreensão do lazer em nosso estudo são as barreiras interclasse social e intraclasse social. De acordo com Marcellino (2012), é notório que o fator econômico é uma das barreiras determinantes para que os sujeitos se apropriem em igualdade do lazer, que vai desde a distribuição do

tempo disponível entre as classes sociais até as oportunidades de acesso à escola. Essas são as barreiras interclasses sociais. As barreiras intraclasse sociais são todos os fatores que aparecem em uma das classes, obviamente tendo como pano de fundo o fator econômico, mas que dificultam a vivência do lazer, são eles: a questão dos gêneros (masculino e feminino), idade, estereótipo etc.

A escola é o *locus* do nosso estudo, essas barreiras são evidentes, principalmente quando se trata da prática esportiva, a separação entre meninos e meninas, o mais forte e o mais fraco, o mais habilidoso e menos habilidoso etc. É visível nas escolas sempre um número maior de meninos jogando na quadra em relação às meninas.

Um estudo feito por Helena Altmann (1999) em uma escola pública de Belo Horizonte, sobre a ocupação do espaço físico escolar, afirma que meninos e meninas ocupavam de maneira diferenciada os espaços na escola. Os meninos ocupavam espaços muito mais amplos do que as meninas, principalmente quando era para a prática esportiva. Foi observada também a influência que os alunos mais fortes têm de controlar os espaços e as práticas, sendo permitido aos mais fracos e, conseqüentemente, aos menos habilidosos participarem das práticas quando os “controladores” entenderem como necessário. Essas barreiras que são constituídas a partir de um não gerenciamento por parte dos educadores acabam influenciando na não participação de atividades lúdicas e práticas recreativas e nelas os esportes, por parte dos alunos que são “dominados”. Tais atitudes de “dominadores” e “dominados” acabam por serem reproduzidas fora do âmbito escolar. Mais uma vez chamamos a atenção para o duplo aspecto

educativo que pode ser proporcionado pelo lazer, como possibilidades de minimizar tais barreiras.

Para Marcellino (2008), a relação entre sociedade e lazer é dialética, ou seja, a mesma sociedade que o gerou exerce influência sobre o seu desenvolvimento e deve ser questionada pelos sujeitos na vivência dos valores do esporte e lazer. O esporte como conteúdo físico-esportivo do lazer é entendido no âmbito escolar como esporte educacional e recreativo e possui fortes influências do esporte de alto rendimento. Entendemos que o esporte como conteúdo físico-esportivo do lazer pode ser vivenciado nas três dimensões quando concordamos com Garcia (2015) e Bento (2006) que o ser humano é parte central para compreensão do esporte e é a partir das necessidades de cada técnica exigida que o ser humano instrumentaliza o corpo para a prática e isso independe se é esporte de alto rendimento, recreativo ou educacional. Ou seja, ao partirmos por essa direção, assumimos que os sujeitos possam transitar pelas diferentes formas de manifestação do esporte, pois é a atitude dos sujeitos que está sendo levada em consideração, são os sentidos que os sujeitos dão, seja no rendimento em competições ou como participação e/ou recreativo como também educacional. O que levamos em consideração são os espaços, os sentidos e os valores que são atribuídos às práticas. Essas duas últimas dimensões já são evidentes como características do esporte, que pode ser vivenciado pelos alunos no âmbito escolar, em atividades no contraturno (atividades extracurriculares) ou fora dos espaços escolares, quando nas competições em que eles participam. Os projetos esportivos favorecem a comunidade escolar não só no sentido da prática, mas também da assistência, quando os alunos que não praticam o esporte assistem os jogos das equipes escolares que os representam em competições.

No t3pico a seguir, apresentamos o percurso metodol3gico que norteou os procedimentos da pesquisa.

## 5 PERCURSO METODOLÓGICO

Neste trabalho foi realizada uma pesquisa voltada para a identificação e análise dos significados dos projetos de esporte e lazer do IFNMG - Campus Januária para alunos participantes e não participantes. Trata-se de um estudo qualitativo. Para Minayo (1994, p. 21), esse tipo de pesquisa:

(...) responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser qualificado. Ou seja, ela trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes.

A metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica e de campo com princípios da pesquisa etnográfica, o que Geertz (1989) compreende por “descrição densa” e técnicas de análise textual, análise temática, análise interpretativa, problematização e síntese pessoal, de acordo com Severino (2007).

- Análise textual, que consiste em buscar informações a respeito do autor do texto e verificar o vocabulário, os fatos históricos apresentados pelo texto, com a possibilidade de apresentar uma esquematização do mesmo, a fim de propiciar uma visão de conjunto da unidade;
- Análise temática, que procurou ouvir o autor e apreender, sem intervir no conteúdo da mensagem apresentada pelo autor, fazendo ao texto uma série de perguntas, sendo que as respostas fornecem o conteúdo da mensagem;
- Análise interpretativa, em que se busca uma compreensão interpretativa das ideias apresentadas pelo autor. Nesse tipo de análise compreende-

se também a crítica, a formulação de um juízo crítico, de tomada de posição;

- A problematização, que se trata de um tipo de abordagem com vistas ao levantamento dos problemas para a discussão;
- A quinta e última etapa trata-se da síntese pessoal, da construção lógica de uma redação, de modo a dar condições ao estudioso de progredir no desenvolvimento das ideias do autor.

A pesquisa bibliográfica foi efetuada a partir de um levantamento bibliográfico nos Sistemas de Bibliotecas da Universidade Metodista de Piracicaba - SP (UNIMEP) e da Universidade Estadual de Campinas - SP (UNICAMP), do Banco de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), do Google Acadêmico, Portal Periódico CAPES e de revistas especializadas, correspondentes às obras de autores da Antropologia, da Sociologia, do Esporte, do Lazer e da Educação Física. O levantamento bibliográfico foi realizado a partir das palavras-chave: esporte, lazer, educação física, cultura, sociedade. Para a realização deste levantamento foram consultados artigos, livros, dissertações, teses e periódicos. Esse levantamento nos deu subsídios para a análise da pesquisa de campo realizada junto aos alunos que participam ou não participam dos projetos de esporte e lazer do IFNMG – Campus Januária. O levantamento bibliográfico teve início em março de 2014 e término em dezembro do mesmo ano.

A segunda fase consistiu na pesquisa de campo propriamente dita, aprovada pelo Comitê de Ética de Pesquisa em seres humanos da Universidade Metodista de Piracicaba (CEP - UNIMEP), protocolo nº 86/2015 e adendo (anexo),

que teve como finalidade a identificação e análise dos significados dos projetos de esporte e lazer do IFNMG – Campus Januária para os alunos participantes e não participantes que frequentam as aulas do ensino médio integrado.

A escolha pelo Campus Januária deveu-se ao fato de ser o campus com o maior número de cursos de ensino médio técnico da região, que são: Técnico em Agropecuária (Integrado/Diurno); Técnico em Informática para Internet (Integrado/Diurno); Técnico em Meio Ambiente (Integrado/Diurno); Técnico em Enfermagem (Subsequente/Noturno); Técnico em Informática (Concomitante e Subsequente/Noturno) e Técnico em Edificações (Concomitante e Subsequente/Noturno). O campus Januária juntamente ao Campus Salinas é o mais antigo, desde 1960, passando por vários nomes, sendo seu primeiro nome Escola Agrotécnica de Januária e, em 2008, se tornando IFNMG - Campus Januária, sendo também um dos campi com o maior número de alunos, melhor acessibilidade, maior estrutura física no setor de esporte e de lazer. Esse campus participa de eventos esportivos promovidos na região e pelos programas do governo municipal, estadual e federal, e tem um corpo docente envolvido com os projetos de esporte e de lazer durante todo o ano.

Os espaços que compõem o setor esportivo do Campus – Januária oferecidos para os projetos são quadra externa, quadra de areia, ginásio poliesportivo, campo de futebol, pista de atletismo, salão de jogos e academia, como podemos ver na figura 1 abaixo.



*Figura 1- Mapa do setor de esporte e lazer do campus Januária – FONTE: GOOGLE*

O Campus Januária oferece cursos em dois níveis: Ensino Superior e Ensino Médio Técnico. Os cursos do Ensino Médio Técnico são divididos em três modalidades, a saber: Integrado, Concomitante e Subsequente. Na modalidade Integrado, estão os alunos que concluíram o Ensino Fundamental (9º Ano) e ingressaram em um dos cursos Técnicos Integrados ao Ensino Médio. Estes alunos têm aulas das disciplinas propedêuticas e técnicas. Na modalidade Concomitante, estão os alunos que já cursam o Ensino Médio em uma outra instituição e ingressam no IFNMG – Campus Januária apenas para fazer as disciplinas do curso técnico que eles escolheram e, na modalidade Subsequente, estão os alunos que já concluíram o Ensino Médio e que também ingressaram na instituição apenas para cursar as disciplinas técnicas.



São três os regimes para os estudantes do Campus Januária: Externo, Interno e Semi-interno. No regime de internato, os alunos têm direito à moradia na escola; no semi-internato, os alunos permanecem por quase todo o dia na escola, com direito a café da manhã, almoço e lanche. Ambos os sistemas são para os alunos vindos de outros municípios da região. Já os alunos externos não têm nenhum desses direitos por serem residentes da cidade. Todas essas características acreditamos dar uma sustentabilidade ao que se refere à nossa pesquisa de campo.

Consideramos participantes da nossa pesquisa os alunos dos cursos Técnico em Agropecuária Integrado ao Ensino Médio e Técnico em Informática para Internet Integrado ao Ensino Médio. O fator determinante para a escolha dos alunos de tais cursos é a conveniência e facilidade que o pesquisador teve para encontrá-los na instituição, pois os mesmos permaneciam na instituição durante todo o dia.

No curso Técnico em Agropecuária são duas turmas de terceiro ano com uma média de 36 alunos, três turmas de segundo ano com média de 30 alunos e duas turmas de primeiro ano com média de 35 alunos. No curso de Técnico em Informática para Internet são duas turmas de terceiro ano com média de 24 alunos por turma, duas turmas no segundo com média de 30 alunos e, no primeiro ano, também duas turmas com média de 35 alunos. Entre os dois cursos escolhidos e as três séries de cada um teremos o total de aproximadamente 400 alunos.

A nossa pesquisa foi realizada com um número total de 40 alunos, divididos em dois grupos de 20 participantes dos projetos de esporte e lazer do IFNMG – Campus Januária e 20 não participantes de tais projetos (que não

praticam o esporte nos projetos do campus, porém podem ser espectadores dos mesmos). Em relação ao número de sujeitos entrevistados,

No que diz respeito ao número de pessoas entrevistadas, o procedimento que se tem mostrado mais adequado é o de ir realizando entrevistas (a prática tem indicado um mínimo de 20, mas isso varia em razão do objeto e do universo de investigação), até que o material obtido permita uma análise mais ou menos densa das relações estabelecidas [...] (DUARTE, 2002, p. 144).

Consideramos nessa pesquisa também o fator gênero, nesse sentido, os dois grupos de participantes e não participantes dos projetos de esporte e lazer do IFNMG – Campus Januária foram divididos em dois subgrupos com o mesmo número de meninos e de meninas a serem entrevistados. Assim, pudemos identificar possíveis diferenças entre esses dois grupos de estudantes. Os números de entrevistados em ambos os grupos foram definidos por saturação de dados, com o número mínimo de vinte entrevistados por cada grupo, sendo assim divididos: dez meninos e dez meninas participantes, dez meninos e dez meninas não participantes dos projetos de esporte e lazer do IFNMG – Campus Januária.

Para selecionarmos os alunos nessa pesquisa utilizamos inicialmente a técnica de questionários para identificação dos alunos que seriam nossos entrevistados. O questionário foi formado por perguntas diretas, com respostas simples, mas que nos deram apontamentos de quais seriam os alunos entrevistados participantes e não participantes dos projetos de esporte e lazer do IFNMG - Campus Januária. Para a distribuição dos questionários, solicitamos ao coordenador de Ensino e aos professores de Educação Física um espaço em suas aulas para realizarmos uma breve explanação da pesquisa.

O critério que utilizamos foi de iniciarmos pelos alunos das turmas da terceira série dos cursos do Ensino Médio Técnico Integrado (Informática e



Se sim, quando? ( ) 1º ano ( ) 2º ano ( ) 3º ano

5) Participa dos projetos de esporte e de lazer do campus, treinamentos esportivos, danças, lutas, ginásticas, musculação?

a) ( ) Sim

c) ( ) Outro

b) ( ) Não

6) Pratica alguma modalidade esportiva no campus, no horário fora das aulas?

a) ( ) Sim

b) ( ) Não

Se sim, qual (ais)?

Após a seleção dos entrevistados, realizamos uma reunião para apresentar o projeto de pesquisa aos alunos e aos pais dos alunos menores de 18 anos e fazer a leitura e a entrega do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) específico para os pais dos alunos menores e aos demais maiores de idade. Na reunião compareceram apenas os alunos. Aos menores de idade entregamos o documento para ser devolvido, assinado por eles e pelos pais no dia da entrevista.

Na pesquisa de campo, realizamos também a observação participante e a entrevista semiestruturada. A observação participante, de acordo com Bruyne et al (1982), é uma técnica que nos dá acesso aos fatos tais como são para os sujeitos observados, complementando os dados obtidos com o questionário e as entrevistas semiestruturadas.

As entrevistas semiestruturadas são procedimentos considerados por Triviños (1987) como um dos principais meios na pesquisa qualitativa em Ciências Humanas. Essas entrevistas baseiam-se em questionários básicos que permitem ao informante seguir espontaneamente a linha de seu pensamento e de

suas experiências. São dois roteiros e dois questionários para a entrevista semiestruturada, um roteiro e um questionário para o grupo dos alunos participantes e o outro para o grupo dos alunos não participantes dos projetos de esporte e lazer do IFNMG – Campus Januária.

Roteiro e perguntas para os alunos participantes dos projetos de esporte e lazer do IFNMG – Campus Januária.

O roteiro de entrevista foi:

- 1) Histórico de experiências esportivas já vivenciadas nos anos anteriores ao Instituto Federal do Norte de Minas;
- 2) Histórico de experiências de atividades no contexto do lazer vivenciadas nos anos anteriores ao IFNMG – Campus Januária;
- 3) Conceito de esporte;
- 4) Conceito de lazer;
- 5) Significados atribuídos aos projetos de esporte e lazer no Instituto Federal do Norte de Minas Gerais.

As perguntas para iniciarmos as entrevistas foram (dependendo da resposta poderiam ser formuladas outras perguntas, a fim de atingirmos o objetivo da pesquisa):

- 1) Quais as práticas esportivas você já participou no IF Norte de Minas Campus Januária?
- 2) Já representou o IF Norte de Minas Campus Januária em competição fora de sua cidade? Como foi essa experiência?
- 3) Pratica ou já praticou alguma modalidade esportiva fora do IF Norte de Minas Campus Januária? Qual a modalidade e onde?
- 4) Como você vê o esporte dentro da escola?

- 5) Vivenciou experiências de lazer em anos anteriores ao IF Norte de Minas Campus Januária?
- 6) O que é esporte para você?
- 7) O que é lazer para você?
- 8) O que significa para você as práticas dos projetos de esporte e de lazer no IF Norte de Minas Campus Januária?
- 9) Você gostaria de falar mais alguma coisa ou complementar alguma das suas respostas?

Roteiro e perguntas para os alunos não participantes dos projetos de esporte e lazer do IFNMG – Campus Januária.

O roteiro de entrevista foi:

- 1) Histórico de experiências esportivas já vivenciadas nos anos anteriores ao Instituto Federal do Norte de Minas;
- 2) Histórico de experiências de atividades no contexto do lazer vivenciadas nos anos anteriores ao IFNMG – Campus Januária;
- 3) Conceito de esporte;
- 4) Conceito de lazer;
- 5) Significados atribuídos aos projetos de esporte e lazer no Instituto Federal do Norte de Minas Gerais.

As perguntas para iniciarmos as entrevistas foram (dependendo da resposta poderiam ser formuladas outras perguntas, a fim de atingirmos o objetivo da pesquisa):

- 1) Por que não participa dos projetos de esporte e lazer do IFNMG – Campus Januária?

- 2) Em anos anteriores, já teve alguma experiência com as práticas esportivas antes de ingressar no IFNMG – Campus Januária?
- 3) Pratica ou já praticou alguma modalidade esportiva fora do IF Norte de Minas Campus Januária? Qual a modalidade e onde?
- 4) Como você vê o esporte na escola?
- 5) Já teve alguma experiência de lazer em anos anteriores ao IF Norte de Minas Campus Januária?
- 6) Quais são suas atividades após as suas obrigações escolares?
- 7) O que é esporte para você?
- 8) O que é lazer para você?
- 9) O que significa para você as práticas de esporte e de lazer no IF Norte de Minas Campus Januária?
- 10) Você gostaria de falar mais alguma coisa ou complementar alguma das suas respostas?

A forma como as técnicas entrevista semiestruturada e observação participante foram utilizadas na pesquisa de campo caracterizam um tipo de trabalho científico próximo a etnografia, é que o modo como os antropólogos fazem ciência. Nesse tipo de estudo e investigação, a cultura e os significados atribuídos às ações humanas são elementos fundamentais.

A terceira fase consistiu nas análises dos dados coletados na pesquisa de campo. Para isso, tivemos como base os princípios da pesquisa antropológica (etnografia), o que Geertz (1989) compreende por “descrição densa”. Para o autor, há quatro características esse tipo de descrição:

Ela é interpretativa; o que ela interpreta é o fluxo do discurso social e a interpretação envolvida consiste em tentar salvar o “dito” num tal discurso da sua possibilidade de extinguir-se e fixá-lo em formas pesquisáveis. Há ainda, em adiantamento, uma quarta característica de tal descrição, pelo menos como eu a pratico: ela é microscópica (p.31).

A finalidade dessa etapa da pesquisa foi interpretar os discursos dos alunos do ensino médio técnico do Instituto Federal do Norte de Minas Gerais Campus Januária. Não foi nossa intenção fazer uma “descrição densa” no sentido mais amplo de uma etnografia, nos moldes da pesquisa antropológica, mas utilizamos aqui os princípios etnográficos como inspiração para a análise que fizemos dos dados coletados. Portanto, procedemos no nível da investigação da compreensão e do comportamento social em relação aos significados atribuídos às práticas dos projetos de esporte e de lazer para tais sujeitos. Para essa etapa, fizemos a construção de gráficos com as principais palavras mencionadas pelos sujeitos. A saturação de dados foi considerada suficiente no total de entrevistados. Tivemos como critério para a saturação de dados a repetição de respostas na pergunta sobre os significados dos projetos de esporte e lazer no campus Januária para os grupos de alunos participantes e não participantes.

Na quarta e última etapa da pesquisa fizemos a comparação dos dados obtidos com os alunos participantes dos projetos de esporte e lazer do IFNMG – Campus Januária e dos não participantes. Para esta última etapa tivemos como base a afirmação de Bruyne et al (1982, p. 228): “o interesse dos estudos comparativos reside na ultrapassagem da unicidade e na evidenciação de regularidades ou de constantes entre várias organizações cujas semelhanças são analisadas”. Ou seja, procuramos identificar os pontos semelhantes e diferentes nas respostas dos dois grupos investigados.



Foi utilizado, para as entrevistas, um aparelho de gravador digital Sony, modelo ICD-PX312, com 2 GB de memória, para a gravação de voz durante as entrevistas.

Para a sistematização dos dados obtidos na pesquisa bibliográfica e de campo, utilizamos o Laboratório de Corporeidade e Lazer/REDE CEDES, locado na UNIMEP.

## 6 O CAMPO NO CAMPUS

O nosso contato com os entrevistados aconteceu da seguinte maneira: chegando no Campus Januária, procuramos pelo professor de Educação Física responsável pelo setor de esporte e lazer, que nos apresentou o campus, o diretor e o coordenador de Ensino, principais responsáveis pelo setor. Com estes, fizemos uma reunião para apresentar o projeto de pesquisa e estabelecer contato com os alunos.

Utilizamos, em cada reunião, o projetor de audiovisual para a apresentação com uma duração média entre 10 e 15 minutos. As reuniões foram realizadas nas salas das turmas dos terceiros anos dos cursos de Agropecuária e Informática, no horário da aula de Educação Física, previamente agendadas pela coordenadora de Ensino. Após esse contato inicial, perguntamos aos alunos quem gostaria de participar da pesquisa e, na sequência, distribuímos os questionários aos interessados.

Os pais dos alunos menores foram todos convidados, portanto, nenhum pai compareceu. Os alunos menores, em sua maioria, justificaram que se tivesse algo na escola de interesse de ambos, aluno e instituição, que o pai ou responsável assinaria os documentos devidos.

Os critérios utilizados para a seleção dos alunos, logo na semana seguinte, tiveram que ser alterados, pois os servidores, técnico administrativo e professores iniciaram uma paralisação, com indicativo de greve. Assim, o principal critério passaria a ser entrevistar alunos externos, primeiro os que já havíamos selecionado e, depois, completaríamos com aqueles que se interessassem por participar da entrevista.

Durante todo o mês de agosto de 2015 estivemos no Campus Januária para a realização da segunda etapa deste trabalho, a pesquisa de campo. Essa etapa consistiu nas entrevistas e nas observações da rotina dos alunos no campus, os treinamentos esportivos e as atividades por eles praticadas após as aulas.

### **6.1 Os espaços para as práticas corporais no campus**

Nos primeiros dias de investigação, observamos no período da tarde os espaços onde acontecem os projetos: quadras externas, pista de atletismo, ginásio poliesportivo, campo de futebol, quadra de areia, academia e o salão de jogos.

As quadras externas são pouco utilizadas fora do horário de aula, como não têm cobertura, o sol intenso inviabiliza a sua utilização durante o dia. Mesmo no período da noite são pouco utilizadas. Esses fatos foram observados e os alunos e professores de Educação Física confirmam essas observações.

O ginásio é o espaço melhor aproveitado nos projetos de esporte e lazer do campus. Durante a semana existe uma divisão para os treinamentos de futsal masculino e feminino, handebol masculino e feminino, voleibol masculino, basquete masculino. Os treinos de judô acontecem no palco do ginásio.

O campo de futebol é pouco frequentado, os treinos acontecem apenas quando há uma competição prevista. Aos finais de semana, alunos internos utilizam os gols móveis e reduzem o tamanho do campo para jogar. Em conversa informal com os alunos e professores, eles disseram que é difícil encontrar 22

jogadores dispostos a correr no campo todo. Portanto, preferem jogar no campo reduzido, pois o número de participantes é fácil de encontrar e que também há todo momento estão em contato com a bola. Quando um time perdia após um tempo determinado por eles, essa equipe ficava de fora, aguardando uma nova equipe perder.

Podemos observar que, independente de projetos no campus, os alunos são capazes de se organizar para as suas práticas esportivas e de lazer. São capazes de ressignificar as práticas conforme observamos ao longo desse período no campus, por exemplo, o jogo de peteca no final de tarde, o futebol aos finais de semana e o próprio treinamento de handebol.

As quadras de areia são utilizadas para os alunos jogarem voleibol e peteca. Todos os dias, após os horários das aulas, pudemos acompanhar os alunos internos jogando peteca. O jogo acontecia de forma lúdica, com poucas regras, quase sempre em duplas. A dupla que vencida uma partida de 12 pontos permanecia na quadra.

Ao questionarmos sobre quais outros espaços eles utilizavam para as práticas de esporte e lazer, os mesmos responderam que todos os outros, portanto, o que eles mais usavam era a quadra de areia. Perguntando o porquê dessa utilização, eles disseram simplesmente que é mais divertido, exercita mais o corpo e também tira um pouco do stress do dia a dia. Ao perguntarmos por que do stress, responderam que ele é decorrente das aulas durante todo o dia e da pressão dos professores nas salas de aula.

O fato de os alunos utilizarem alguns espaços mais do que outros está relacionado aos gostos que os mesmos têm por uma ou outra prática, também pela facilidade de se organizarem. No jogo de peteca, por exemplo, apenas com

duas pessoas o jogo se torna possível. A justificativa de fazer bem para a saúde, de aliviar o stress é um dos sentidos que eles dão à prática, portanto, outros valores são percebidos durante o jogo, como por exemplo, a criatividade, as relações estabelecidas, o autoconhecimento, autoconfiança, entre outros fatores que justificam a prática. É notório nas observações que os alunos praticam de forma espontânea quanto aos seus movimentos, livres de qualquer pressão de estar fazendo feio, certo ou errado. O importante, para eles, era enviar a peteca para o outro lado, dificultando ao máximo para que a mesma retornasse ao seu campo. Os gestos e as técnicas eram por eles adaptados de acordo com as suas necessidades em determinados momentos do jogo. Isso tornava um jogo divertido para todos.

Na pista de atletismo vimos apenas um aluno, que é francês e estava fazendo intercâmbio, correndo. Nos dias seguintes não vimos nenhum aluno utilizando o espaço. Esse espaço no campus parecia pouco utilizado.

O salão de jogos estava fechado durante todo o período que estivemos lá. Também em uma conversa informal, perguntamos ao assistente de aluno como funcionava o salão de jogos e ele afirmou que só é aberto após os horários das aulas do Ensino Médio Técnico Integrado, ou seja, depois das 17h e 20 min. A justificativa é para que os alunos não fiquem fora das salas de aulas para jogar. Nem nos intervalos o espaço era liberado.

A academia é um espaço que também não está sendo utilizado devido à falta de manutenção nos aparelhos. Segundo o professor responsável, ainda não foi aberto o processo licitatório para os reparos.

## 6.2 A rotina dos alunos no campus

Os alunos têm uma rotina semanal de 8 horários de aula por dia, divididos em dois períodos: matutino e vespertino. As aulas se iniciam sempre às 7 horas e 20 minutos da manhã com um intervalo para o almoço entre 11 horas e 30 minutos até as 13 horas e 30 minutos, quando inicia o período da tarde. A jornada de atividades escolares se encerra às 17 horas.

No intervalo para o almoço, os alunos ficam pelos corredores do campus, debaixo de árvores conversando. No refeitório, uma vez por semana, uma banda de música composta por alunos da instituição toca os ritmos do momento. Essa apresentação é coordenada pelos próprios alunos. Observamos também que em outros dias alunos ficam tocando violão no intervalo em grupos menores.

Nota-se que os alunos estão sempre procurando utilizar o amplo espaço que a instituição oferece como um espaço para a finalidade do lazer. Para os alunos, todas as atividades extra aula que eles fazem está dentro do contexto do lazer e essas atividades compensam a rotina dura de aulas que eles têm durante todo o período. Essas atividades provocam neles o divertimento, o descanso e o desenvolvimento pessoal e social.

No final da tarde, ao observarmos os espaços esportivos, apenas a quadra de areia era utilizada pelos mesmos alunos que jogavam peteca. Em um canto do campo de futebol havia um grupo de alunas treinando para apresentação do Desfile de Sete de setembro. São as “balizas” que fazem movimentos ginásticos. Aproximamo-nos de uma aluna que esperava uma das colegas que treinavam. Segundo ela, todos os anos existe um grupo de meninas

que participam e essa participação é livre, quem as treina é uma aluna mais experiente que vai passando os movimentos um para as outras.

Em outro lado do campo havia um grupo de alunos que acompanhavam o professor de Educação Física, o qual ensaiava a fanfarra da instituição. Perguntamos sobre os ensaios, se era uma obrigação e, segundo ele, é uma tradição da escola e da cidade. Todos os anos a instituição participa do Desfile de Sete de setembro e ele tem a responsabilidade de ensaiar a fanfarra. Em conversa informal com os alunos percebemos que os mesmos sentem prazer em participar dos ensaios e do evento. Segundo eles, é uma tradição da cidade e das escolas locais.

As atividades extra-aula nessa instituição não se resumem apenas às práticas esportivas, outras atividades artísticas, folclóricas e tradicionais da região, como o desfile da semana da pátria, as festas juninas, entre outras atividades, fazem parte da cultura local e do cotidiano escolar, que é muito valorizado pelos alunos. O fato de participar do desfile da semana da pátria representando a escola, como integrante da banda da fanfarra, do grupo das balizas, da banda de música, das coreografias para as danças nas festas juninas, entre outras, é considerado por eles como atividades no contexto do lazer. Com as observações que fizemos e, de acordo com algumas respostas dadas pelos alunos entrevistados, que posteriormente apresentaremos, verificamos que tais atividades lhes dão satisfação de participar e têm um significado de representatividade, de serem reconhecidos no meio em que vivem.

No ginásio poliesportivo, um grupo de alunos treinava judô. O projeto teve início após os jogos institucionais em Salinas – MG, visando a próxima etapa da competição no Rio de Janeiro (JIF- SUDESTE). Os treinos acontecem três

vezes na semana, sempre no horário das 19h00. O espaço utilizado para os treinos é o palco do ginásio poliesportivo, onde é colocado o tatame, que mede em média 3 metros de largura por 4 metros de comprimento. São oito alunos participantes, todos do sexo masculino, apenas o professor tem keikogi<sup>9</sup> completo, os alunos interessados em participar das competições teriam que adquirir a vestimenta. Durante os treinos observados, alguns alunos participantes conseguiram emprestada a parte de cima da vestimenta utilizada para a modalidade, para facilitar a técnica da “pegada”. Neste sentido, é feito um rodízio para que todos participantes vivenciem a técnica.

O treino sempre iniciava com aquecimentos e alongamentos demonstrados pelo professor, que se posicionava na frente dos alunos. Em seguida, fazia-se uma recapitulação das técnicas ensinadas nos treinos anteriores, depois o professor iniciava o ensinamento de uma nova técnica. Ao final de cada treino o professor propunha um combate entre os participantes, com duração média de três minutos cada. Os alunos, durante o *round*, eram observados e orientados pelo professor a realizar as técnicas que já foram ensinadas. O professor finalizava com uma sequência de alongamentos e avisos para o próximo treino.

Observamos que todos os alunos pareciam se interessar muito pela prática devido à dedicação dispensada durante o treino, pelo entusiasmo que os mesmos apresentavam durante cada atividade proposta. Tal fato se repetia mesmo quando em alguns momentos dos treinos os movimentos se repetiam muito, pois, segundo o professor, seria para aperfeiçoar a técnica. Durante esses

---

<sup>9</sup> Roupa para o treino do judô.



momentos identificamos características do modelo do alto rendimento, portanto, na maioria do tempo restante eles se divertiam com os desafios que eram propostos pelo professor. Realizavam o que era sugerido, cada um ao seu modo. Entendiam e compreendiam as técnicas e táticas de defesa e de ataque que eram ensinadas pelo professor. Notamos também que a luta realmente acontecia, os alunos procuravam colocar em prática o que foi aprendido durante o treino. O lúdico predominava nessa atividade pelo fato característico do espaço e de como o treino era conduzido nesse momento, mesmo quando o professor parava para suas orientações, isso não impedia os alunos que soltassem o seu jogo livremente, tendo a capacidade de recriar técnicas para vencer o seu oponente. Assim, compreendemos que é possível existir uma concepção menos tecnicista, mesmo pensando no esporte de rendimento.

O jantar para os alunos internos acontecia durante os treinos para não interferir no andamento das práticas. Os professores faziam a relação dos alunos internos e entregava para o coordenador do refeitório. A maioria dos alunos participantes do projeto do judô são externos e retornavam de bicicleta para as suas casas.

De acordo com o professor, os alunos costumam ir aos treinos, independente da modalidade, apenas quando tinham uma competição em vista. Os alunos participantes atribuem a esse fato o interesse pelas viagens. Esse comentário feito por esse professor durante uma conversa informal vem ao encontro com as observações feitas nas demais práticas e, posteriormente, nas entrevistas. O atrativo para o treinamento são as viagens oferecidas durante o ano letivo para os alunos participarem das competições. Nos meses que antecedem as competições, o número de participantes aumenta. O interesse

pelas viagens em nosso entendimento é a valorização que os mesmos demonstram por um outro conteúdo do lazer, que é o turístico.

A rotina no campus parece ser a mesma durante todo fim de tarde, ensaio da fanfarra pelas ruas do setor de Educação Física (esses ensaios acontecem todos os anos nesse período próximo à semana da independência), meninos jogando peteca na quadra de areia, meninas ensaiando movimentos acrobáticos. Todos os outros espaços vazios. No salão de jogos apenas dois alunos jogando tênis de mesa. Em conversa com um assistente de alunos sobre a frequência e o horário de funcionamento do salão de jogos, o mesmo afirma que o espaço para os jogos, nos dias atuais, só é permitido ser aberto para os alunos após o horário das aulas e no período da tarde, pois, em anos anteriores, quando ficava aberto durante todo o dia, os alunos faltavam das aulas para ficarem jogando. O salão de jogos é bem frequentado pelos alunos, exceto na semana de provas, que naturalmente a frequência é reduzida em consequência da intensidade de estudos que os mesmos têm nesse período.

Podemos observar que o salão de jogos é mais uma opção de atividade no contexto do lazer no campus, faz parte do cotidiano de alguns alunos, principalmente dos internos. Esse espaço tem como objetivo o divertimento dos alunos no tempo disponível, ou seja, após suas atividades escolares. Para Marcellino (2012), as instituições escolares contam com grandes possibilidades para o lazer nos vários campos de interesse e cita as quadras, pátios, auditórios, salas, etc. Porém, o IFNMG – Campus Januária, considerado como um equipamento não específico para o lazer, tem um espaço construído e reservado especificamente para esse fim. Um outro ponto observado é que os alunos, desde cedo, já aprendem a negociar o seu tempo entre as obrigações da

escola e as atividades do contexto do lazer, tal fato fica evidente no período de provas. O lazer torna-se um segundo plano para os alunos, ou seja, apenas quando sobra tempo para as atividades. O salão de jogos é mais um espaço para que os mesmos possam ter a livre escolha de quais atividades praticar e de como usufruir o seu tempo disponível.

Outro espaço que tivemos a oportunidade de observar foi o ginásio poliesportivo e as atividades desenvolvidas nele. O treinamento de handebol masculino foi a modalidade que observamos, pois era a que estava mantendo ainda uma rotina de treinamento. Os treinos ocorriam três vezes por semana, sempre a partir das 19h00. Em nossa observação, inicialmente o professor entrega uma bola para um grupo de alunos, que realizam um aquecimento com arremessos para o gol. Aos poucos, os demais componentes da equipe foram chegando até iniciarem um ataque contra a defesa. A regra era a seguinte: quatro alunos para cada lado utilizando apenas um dos gols com um goleiro. Uma equipe executava o ataque enquanto a outra defendia. Se a equipe que estava atacando fizesse o gol, permaneceria no ataque, se o ataque não concluísse em gol era feita uma troca, quem estava atacando iria para a defesa e a defesa para o ataque. O jogo era descontraído, sem muita rigidez nas técnicas, esquemas táticos e regras. Em alguns momentos, as regras eram burladas, sem que houvesse uma cobrança mais contundente por parte dos demais participantes ou até mesmo do professor. A atividade era livre e parecia fazer parte da realidade de vida de cada um. O jogo, de forma descontraída, parece fazer parte do processo cultural da modalidade para aquele grupo de estudantes.

Em um determinado momento do treino fomos convidados a participar da brincadeira. Hesitamos um pouco, mas o professor que se preparava para

também participar nos convidou, justificando que seria bom para que os alunos pudessem utilizar a quadra inteira. Concordamos, então, em participar.

Um aluno que observava o jogo foi convidado para ficar no outro gol. Não havia árbitro, as faltas mais duras, como empurrar, segurar, eram anunciadas pelos próprios jogadores que sofriam as faltas. Percebemos que assim não havia reclamações. Outras regras, como invasão da área do goleiro pelos jogadores de linha, só invalidavam a jogada quando havia um exagero. Observamos também que não houve uma cobrança pela punição de dois minutos devido às faltas mais graves, assim como o tiro de sete metros. Os gols foram contados a todo momento, havia um interesse em ter um ganhador e um perdedor. Notamos que para os alunos, independente da maneira de como jogar, o fato de fazer gols, de quererem vencer faz parte de seu cotidiano. Vencer o jogo era uma afirmação de aprimoramento da técnica, pois, quando marcavam os gols ficavam aguardando os elogios do professor. Esses elogios, fato que observamos algumas vezes, era um critério que o professor encontrou para valorizar a capacidade de superação dos alunos, deles fazerem uma boa leitura do jogo, de resolverem uma situação problema, chegando à finalidade do jogo, no caso, fazer gols. Essas cenas se repetiam a cada momento que um aluno fazia o gol ou quando fazia uma boa interceptação de uma jogada do adversário.

Ao final do jogo, alguns alunos e o professor permaneceram na quadra para um longo “bate-papo” sobre as competições que já participaram. Relataram como foi a competição que acabaram de participar na cidade de Salinas. Foi nítido que termos jogado com eles nos aproximou do grupo. Os jogadores ficaram curiosos com a presença de um pesquisador no campus, fizeram algumas

perguntas referentes à pesquisa e também sobre o campus Arinos<sup>10</sup>. Ao relatar sobre os treinos de handebol, o professor diz que é uma modalidade com um número reduzido de participantes, pouco atrativa. Para ele, culturalmente, o campus não tem a modalidade como uma de suas favoritas, destacando o futsal masculino e feminino, o futebol de campo masculino e o atletismo como modalidades que os alunos dão prioridades. Naturalmente, aqueles alunos que ali estavam gostam muito da modalidade e não faltam quase em nenhum treino.

Em conversa informal com os alunos e professor, eles falaram sobre o número reduzido de participantes, justificando que os mesmos só aparecem em véspera de competições. Os ausentes justificam para o professor relatando a quantidade de provas e trabalhos que têm para serem feitos e que não sobra tempo para os treinamentos. Quanto ao handebol feminino, as meninas também só treinam em véspera das competições e as poucas que aparecem, às vezes, treinam junto com os meninos.

Mais uma vez notamos que realmente o interesse dos alunos está nas viagens e nas relações que são estabelecidas com outros estudantes de outras instituições. Observamos que para muitos dos participantes o fator viagem é o combustível para participar dos treinamentos. Os professores se utilizam desse artifício para tentar manter os treinos durante todo o ano, como um pré-requisito para as viagens, portanto, para alguns alunos, a justificativa de se ausentarem nos treinamentos é pela quantidade de aula e de avaliações que eles são submetidos durante o semestre. Para eles, fica muito pesado treinar e estudar durante muito tempo sem ter um atrativo. Nesse caso, o atrativo são as viagens.

---

<sup>10</sup> Local de trabalho do pesquisador.

A possibilidade de conhecer novos lugares, novas pessoas, estabelecer novos contatos. Tal fato fica ainda mais evidente nas declarações dos alunos nas entrevistas. Isso mostra que para os alunos apenas o fato de treinar não é tão atrativo para eles, outros fatores como viajar, socializar-se, competir, parecem ser mais interessantes. O desejo dos alunos em jogar está relacionado a outros interesses do lazer, como o turístico e o social. Repensar novas estratégias para aumentar o interesse nas atividades locais, como novas competições internas, viagens curtas, etc, pode ser uma solução para que desperte o interesse em um maior número de participantes da atividade durante todo o ano. O fato do número de aulas e de avaliações também é um problema que merece ser revisto pela instituição.

Observamos também que boa parte dos alunos eram externos, utilizavam bicicletas como meio de transporte. O ônibus só é liberado para levar e trazer os alunos atletas na véspera de competições. Para o professor, isso é um problema, pois deveria ter ônibus durante todo o ano. As roupas e os tênis dos alunos não eram específicos para a modalidade.

O fato de os alunos fazerem tanto esforço para participar das atividades mostra que existe um grupo de alunos que se interessam muito pelas práticas e que o atrativo não são apenas as viagens, mas eles têm prazer de estarem nos treinos. Quanto ao uniforme, às vestimentas, podemos notar que o handebol não é uma modalidade que culturalmente é influenciada pelo alto rendimento, como acontece em outras modalidades, como o futebol, por exemplo, em que os alunos procuram adquirir o tênis específico da modalidade, usar caneleiras, camisas de times, entre outros equipamentos que aproximam do alto rendimento.

Em nossas observações concluímos que as práticas corporais e, suas escolhas e a forma como os alunos manifestam o interesse por cada modalidade esportiva estão relacionadas aos espaços disponíveis, a possibilidade de criatividade e inovação dos alunos durante a realização de suas práticas, o reordenamento das práticas e da própria educação esportiva que o campus lhes proporciona por meio dos projetos de esporte e lazer. O fato de não existir treinos rígidos favorece o interesse dos alunos, pois eles mesmos adaptam suas técnicas e táticas para sobressair-se durante a prática. Isso nos mostra o que Bento (2006, p. 157) afirma: “é a técnica que precede e possibilita a criatividade e a inovação”.

Assim, compreendemos que a liberdade de se expressar, utilizando o corpo como ferramenta para instrumentalizar as técnicas para uma determinada prática ou modalidade esportiva, independe do tipo de manifestação em que os sujeitos se encontram. Essa liberdade demonstra maior interesse por parte dos alunos em apropriar do esporte de forma individual, única, que os sentidos são diferentes para cada um, mesmo sendo vivenciados com outros e com objetivos comuns.

Concordamos também com Garcia (2015) quando ele afirma que o ser humano é o ponto de partida para compreender o fenômeno esportivo, pois cada um se apropria à sua maneira das diferentes possibilidades de técnicas para uma determinada modalidade esportiva. Ou seja, por meio dos sentidos que são atribuídos às práticas é que os sujeitos se apropriam das diferentes formas de manifestação do fenômeno esportivo.

Durante o período da investigação não presenciamos nenhuma outra atividade que não fosse o handebol e judô, por dois fatores, um movimento forte

de greve no campus e pelo fato de um dos professores estar na eminência de encerrar o seu contrato como professor substituto.

### **6.3 A greve**

Após uma semana que chegamos no IFNMG – Campus Januária para realizarmos a pesquisa de campo, por diversas vezes no espaço reservado aos professores, percebemos que alguns colegas comentavam sobre a possibilidade de os servidores da instituição entrarem em greve. Procuramos ficar atentos a tudo e a todos sobre o tema, pois afetaria diretamente a pesquisa de campo, devido ao fato de que parte dos estudantes reside em outras cidades, que são os alunos internos e semi-internos. Os alunos externos aproveitariam desse período de greve para viagens, passeios etc. Assim imaginamos e, de fato, foi o que aconteceu logo na semana seguinte. Os rumores foram tomando forma e no dia 14 de agosto de 2015, uma sexta-feira, vários professores já haviam paralisado suas atividades escolares e o número de alunos no período da tarde tinha reduzido por mais da metade pelo campus. Na segunda-feira, foi deflagrada a greve dos servidores do IFNMG – Campus Januária, neste período, já tínhamos conseguido entregar em tempo hábil os questionários.

Após recolher os questionários dos dois grupos, participantes e não participantes dos projetos de esportes e lazer do IFNMG – Campus Januária, dividimos ambos os grupos por gênero, formando, assim, os subgrupos compostos por dez meninos participantes e dez meninas participantes. O mesmo fizemos com o grupo dos não participantes. Procuramos colocar no grupo dos dez



alunos a maior diversidade possível encontrada nas respostas. Por exemplo, no grupo de participantes masculino, diversificar as modalidades de práticas de esporte e lazer no campus, alunos internos e externos, alunos que participaram apenas nos dois primeiros anos e depois pararam, alunos que nunca pararam de participar, alunos que participam, mas que nunca representaram a instituição fora da cidade, os alunos que sempre representaram a instituição em campeonatos, alunos maior de idade e de menor idade e, por fim, alunos da cidade e alunos da zona rural. Todos esses critérios foram utilizados para os quatro grupos de alunos. A justificativa em compor os grupos da forma mais diversa em termos de categoria, está relacionado ao fato de se obter respostas diversificadas, com o propósito de se ter mais elementos para a pesquisa.

Quando a greve foi deflagrada, a forma de contato com os alunos só seria possível por meio de telefonemas, mensagens, e-mail, este praticamente impossível, pois como experiência, nenhum aluno havia olhado o seu e-mail há meses. Portanto, o contato mais efetivo foi mesmo por mensagens no WhatsApp<sup>11</sup>.

Nas tentativas de agendamento por telefone e mensagens pelo WhatsApp, tivemos a certeza de que os critérios criados não seriam todos atendidos, isso devido ao fato de vários alunos não serem residentes no município de Januária Minas Gerais

---

<sup>11</sup> É um software para smartphones utilizados para troca de mensagens de texto instantaneamente, além de vídeos, fotos e áudios através de uma conexão pela internet.

#### 6.4 O local das entrevistas

Os locais das entrevistas foram bem diversificados por consequência da greve. A maioria das entrevistas aconteceu na praça Tiradentes. A praça é localizada no centro da cidade, com palco, árvores, bancos espalhados em seus arredores e uma pista para os frequentadores realizarem caminhadas e corridas.

Uma outra praça, conhecida como a praça da fonte, essa bem centralizada, localizada próximo ao cais do Rio São Francisco, que corta quase todo o município, foi também um espaço para as nossas entrevistas. O hotel em que o pesquisador estava hospedado ficava em frente a essa praça, bem arborizada, com bancos em toda a sua volta. À noite, uma fonte luminosa chamava a atenção pela beleza. A praça da fonte servia como ponto de encontro da comunidade local, típico de uma cidade do interior, com bares, pizzarias, churrascarias e lanchonetes em sua volta, sem contar os inúmeros ambulantes que aos finais de semana montavam suas barracas com uma variedade de pratos típicos da região.

No IFNMG – Campus Januária realizamos as seis primeiras entrevistas, na sala dos professores e no próprio ginásio de esportes. A sala dos professores é uma sala ampla com várias cabines com uma mesa, cadeira e um computador e, ao fundo da sala, havia uma mesa maior para reuniões, local onde fizemos nossas entrevistas. No ginásio, após todas as atividades, utilizamos o palco para as entrevistas. Outro local como opção para as entrevistas foi o hotel que o pesquisador estava hospedado, foram dez entrevistas realizadas em uma sala tranquila e calma, sem nenhuma interferência por parte dos outros hóspedes.

Apenas três entrevistas foram realizadas na própria casa do entrevistado, que também não tivemos nenhuma interferência por parte dos moradores ou familiares. E, por fim, com a colaboração de um dos professores de Educação Física do campus, realizamos nossas últimas entrevistas em uma escola do município localizada em um bairro próximo ao centro da cidade, lá fizemos cinco entrevistas.

Toda essa apresentação dos locais das entrevistas é para justificar que, ao entrarmos em contato com os alunos para fazer o agendamento de entrevistas, os mesmos questionavam sobre o local, pois o campus estava em greve. Nesse sentido, tivemos que oferecer várias opções para que conseguíssemos realizar todas as entrevistas no tempo estabelecido para o trabalho de campo.

## **7 OS SIGNIFICADOS DOS PROJETOS DE ESPORTE E LAZER DO IFNMG – CAMPUS JANUÁRIA PARA OS ENTREVISTADOS**

No total, foram selecionados 40 alunos que atendiam ao perfil para a realização das entrevistas, que foram gravadas e depois transcritas. Utilizaremos as iniciais PM (Participante Masculino), PF (Participante Feminino), NPM (Não Participante Masculino) e NPF (Não Participante Feminino) enumeradas de 01 a 10 em cada grupo para manter o sigilo dos entrevistados.

### **7.1 Os significados do esporte e lazer para os participantes do campus**

A seguir, apresentaremos os entrevistados por grupos participantes masculinos e femininos, assim como os resultados e discussões. Em um quadro especificaremos cada grupo quanto à série, ao curso, ao regime (interno, semi-interno e externo), à idade.

#### **7.1.1 Participantes Masculinos**

O grupo dos participantes masculinos dos projetos esportivos e de lazer do Campus Januária é constituído por alunos que participam ou já participaram dos projetos desenvolvidos na instituição. Os entrevistados selecionados são, na maioria, externos, das turmas do segundo e do terceiro anos dos cursos de Informática e Agropecuária, com idades entre 16 e 19 anos.

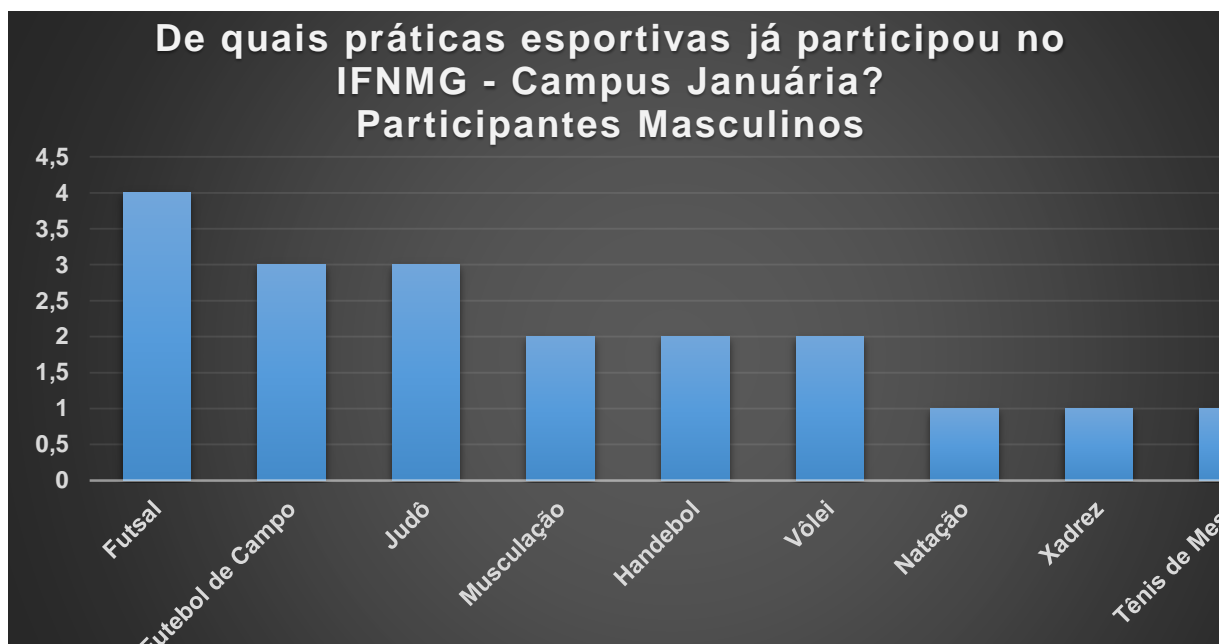
Como podemos acompanhar na tabela abaixo em detalhes, o número de alunos internos foi amplamente menor em consequência da greve.

Tabela 1 - Especificações dos entrevistados Participantes Masculinos (PM)

Entrevistados	Série	Curso	Regime	Idade
PM – 01	2º ano	Informática	Semi-interno	16 anos
PM – 02	3º ano	Agropecuária	Externo	17 anos
PM – 03	3º ano	Informática	Semi-interno	17 anos
PM – 04	3º ano	Informática	Externo	19 anos
PM – 05	3º ano	Informática	Externo	17 anos
PM – 06	3º ano	Agropecuária	Interno	18 anos
PM – 07	2º ano	Informática	Semi-interno	16 anos
PM – 08	2º ano	Informática	Externo	16 anos
PM – 09	2º ano	Informática	Externo	16 anos
PM - 10	3º ano	Informática	Externo	17 anos

As respostas dadas na primeira questão - “de quais as práticas esportivas você já participou no IFNMG – Campus Januária?” - foram bem diversificadas entre os entrevistados. A maioria menciona mais de uma prática. As principais foram futsal, judô, futebol de campo, handebol, musculação, vôlei, xadrez e tênis de mesa, como podemos observar no gráfico a seguir.

Gráfico 1- Práticas esportivas que já participou no campus (PM)



O futsal foi citado por quatro diferentes entrevistados: os PM (02, 04, 05 e 08), assim como o judô e o futebol de campo, na sequência como as modalidades mais praticadas. As práticas menos citadas em suas respostas foram o xadrez e, o tênis de mesa (PM-10) e a natação, que também foi citada apenas uma única vez pelo entrevistado (PM-03).

As práticas citadas pela maioria foram as modalidades tradicionais praticadas principalmente nas aulas de Educação Física e que são amplamente valorizadas pela mídia e pelas aulas de Educação Física escolar. O judô, como uma das modalidades que aparece nas respostas dos alunos entrevistados, está relacionado ao fato de o professor criar um projeto específico da modalidade no campus. Outro ponto identificado para a modalidade aparecer entre as mais citadas, se deve ao fato de haver uma possibilidade de o Campus Januária representar o IFNMG na etapa da região sudeste nessa modalidade nos Jogos

dos Institutos Federais nas cidades de Muzambinho – MG e Machado – MG. Essas informações foram observadas durante os treinos dos alunos.

Os alunos citam uma variedade de modalidades já praticadas no campus, muito embora, a maioria delas praticadas nas aulas de Educação Física, que os mesmos apontam como tradicionais, aquelas que não são tão tradicionais, são praticadas nos projetos esportivos e de lazer, como podemos observar nas respostas abaixo.

*“Além daquelas básicas que a gente vê na prática da aula de Educação Física, já fiz a musculação na academia e o judô. Tive oportunidade também de treinar no time de handebol da escola”* (PM-01).

*“Bom, eu participo da Educação Física, então, já passou aí o vôlei, handebol, futsal e agora estou no projeto judô, que o professor começou passando na Educação Física, também musculação na academia da escola [...]”* (PM-08).

*“Natação”* (PM 03).

*“Xadrez, tênis de mesa e vôlei”* (PM-10)

Aqui, podemos observar nas respostas dos alunos que possivelmente eles tiveram outras influências culturais que foram determinantes em suas experiências para que tivessem um histórico de práticas corporais não tão tradicionais. As respostas dos alunos vão ao encontro das observações feitas durante o período que estivemos no campus. Os espaços e os profissionais de Educação Física são responsáveis por incentivar os alunos a essa diversificação das modalidades.

Notamos que os entrevistados PM-01 e PM-08 fazem referência às suas experiências com as aulas de Educação Física e os projetos ofertados no

campus das práticas que tradicionalmente são transmitidas nas aulas e nos treinos. Outro fator que notamos é que quando PM-01 fala da oportunidade de jogar na equipe de handebol, percebemos durante a entrevista que, para ele, isso é um orgulho, que se relaciona à ideia de representar a instituição onde estuda.

A diversidade de modalidades citadas como um dos interesses físico-esportivos culturais do lazer na vida dos sujeitos entrevistados e a forma como eles relatam as suas participações demonstram que eles têm no esporte um caminho para que usufruam de outros interesses no âmbito do lazer como, por exemplo, o turístico e o social, como podemos observar nas respostas seguintes.

Na segunda pergunta para esse grupo, “Já representou o IFNMG-Campus Januária em uma competição fora de sua cidade? Se sim, como foi a experiência?”, a maioria dos entrevistados responderam não, apenas 4 responderam sim.

*“Eu não sou muito... digamos de fazer esses passeios que eles gostam... Ficar uma semana fora de casa [...] não sinto muito bem. Aí tem os professores que não te deixam fazer nada, não deixam sair a hora que quer, voltar a hora que quer [...] não tem a liberdade que temos em nossa casa” (PM-02).*

*“Não. Ainda não foi possível. Porque como eu já falei é... no ano passado, eu tentei, não consegui, pelo fato de ter machucado o joelho. Esse ano também tentei só que aí eram poucas vagas para muitos participantes e aí não consegui sobressair entre eles” (PM-09).*

*“Não. Durante os jogos internos da escola tive alguns probleminhas, briguei no instituto. E me cortaram para sempre... Acho bacana os projetos, os*



*alunos aprendem mais, aprendem a ter mais responsabilidades, ter mais cuidado para não causar nenhum problema, não manchar o nome da instituição” (PM-05).*

*“Já. Foi muito bom, já tinha ido outras vezes... ah, é legal porque você vai com a galera sua, tipo assim, você está com seus amigos, só de estar jogando, em outra cidade[...] é legal porque nosso time lá já era muito amigo, assim que juntava, ainda mais que não estava na escola, era melhor” (PM-06).*

Para o entrevistado PM-02, o fato de participar das competições fora da cidade está diretamente relacionado à possibilidade de passeio e, para ele, os alunos não ficam muito à vontade para fazer o que querem durante os jogos. De acordo com sua resposta, os alunos não têm liberdade para saírem a hora que querem devido às regras que são colocadas pelos professores durante as viagens. Para o referido entrevistado, observamos pouca compreensão da necessidade de algumas regras, do entendimento dos objetivos proposto pelos jogos.

Para o entrevistado PM-05, mesmo não podendo participar mais, ele valoriza os projetos no sentido de os mesmos aprenderem sobre ter responsabilidade e compromisso ao representarem a instituição.

Podemos perceber que mesmo os alunos que ainda não tiveram a oportunidade de participar em competições fora da cidade, a maioria continua no projeto na expectativa de poder ter uma nova oportunidade. A maioria justifica a não participação na representação do IFNMG – Campus Januária fora da cidade ou porque não tiveram oportunidade de serem convocados ou por outros motivos, como é o caso do entrevistado PM-05, que foi punido devido à indisciplina, será que esse método de punir o aluno é educativo? Essa é uma pergunta que merece reflexão por parte dos educadores, dos gestores, dos profissionais de Educação

Física que usam dessa prática para educar os seus alunos. Percebemos que o aluno tomou consciência do seu erro, mas ele relata que foi punido para sempre dos jogos.

Outras justificativas que aparecem, são as lesões durante o período de treino, no entanto, o que nos chama atenção é o fato que PM-09 relata sobre ter que sobressair-se nos treinos para conseguir uma das poucas vagas existentes. Percebemos, assim, um princípio de exclusão para a sua participação nas competições. Fica evidente a frustração e indignação do entrevistado em não ter condições técnicas julgadas pelos professores em não poder participar devido à concorrência e o número limitado de participantes.

Para os alunos que responderam sim, observamos que o significado está direcionado às relações que são estabelecidas antes, durante e após os jogos. O fato de estarem jogando em outras cidades, de conhecerem novos lugares parece ser tão importante quanto a competição propriamente dita, os laços de amizades que são construídos durante os eventos estão presentes em vários momentos da pesquisa.

Na terceira pergunta, que questionamos “Pratica ou já praticou alguma modalidade esportiva fora do IFNMG – Campus Januária? Qual a modalidade e onde?”, nove entrevistados responderam sim e apenas 1 respondeu não. Dos nove que responderam sim, o futsal e o futebol de campo estão presentes na maioria das respostas. Quanto ao local, a maioria citou clubes e escolinhas de futebol.

*“Já treinei futebol de campo e natação no LBR clube”. (PM-01).*

*“Sim, futsal no clube do Bonito de Minas, na escolinha de lá, e futebol de campo também” (PM-09).*

*“Sim, já treinei ... fiz até teste” (PM-05).*

Notamos que a maioria, além de responder sim, tem o futsal e o futebol de campo como uma modalidade de fácil acesso, e as suas participações estão sempre relacionadas às escolinhas e/ou aos clubes particulares.

As experiências vivenciadas pelos alunos estão quase sempre relacionadas ao esporte de maior representatividade em nossa sociedade, que é amplamente mediado pelos meios de comunicação. Esse fato deve-se a possibilidade de se tornarem jogadores profissionais e de melhorar as suas condições financeiras por meio do esporte, neste caso o futebol de campo.

De acordo com essas respostas e comparando-as com as respostas da primeira pergunta e com as observações feitas pelo campus, em que apresenta uma diversidade de modalidades esportivas praticadas pelos alunos e os espaços na instituição, podemos afirmar que as influências para uma diversidade de vivências culturais em outras modalidades não tão tradicionais são decorrentes do Campus Januária e, conseqüentemente, dos projetos nele existentes. Pois, na primeira pergunta, os alunos respondem a uma diversidade de modalidades esportivas já praticadas no campus por meio dos projetos e também os espaços confirmam tais participações de acordo com as nossas observações. Não obstante, em outros momentos de experiências vivenciadas por esses alunos entrevistados, restringe-se a uma única modalidade, o futebol, como relatam os entrevistados PM 01, 09 e 05. Esse fator demonstra o valor que os alunos dão em representar a instituição nas possibilidades que são oferecidas a eles no campus por meio dos projetos e dos espaços de esporte e lazer existentes.

Ao perguntarmos “Como os alunos veem o esporte dentro da escola?” as respostas foram bem variadas, como podemos observar no gráfico abaixo.

Gráfico 2 – O esporte dentro da escola (PM)



A maioria aponta para uma visão funcionalista da prática como: *“tirar o stress”* (PM-02,03, 07,08), *“saudável”* (PM-01 e 07), *“melhora o desempenho físico”* (PM-10), *“afasta das drogas”* (PM-04), *“tirar um pouco o foco dos estudos”* (PM-08), *“sair da rotina de estudar de manhã e de tarde”* (PM-09). Outros apontam o esporte como *“oportunidade de desenvolver uma prática esportiva [...] oportunidade de viajar, conhecer pessoas diferentes, ampliar conhecimentos [...]”* (PM-05), *“momento de descontração”* (PM-03), *“forma de aproximar os alunos”,* *“socialização”* (PM-01 e 06) e *“competição”* (PM-08).

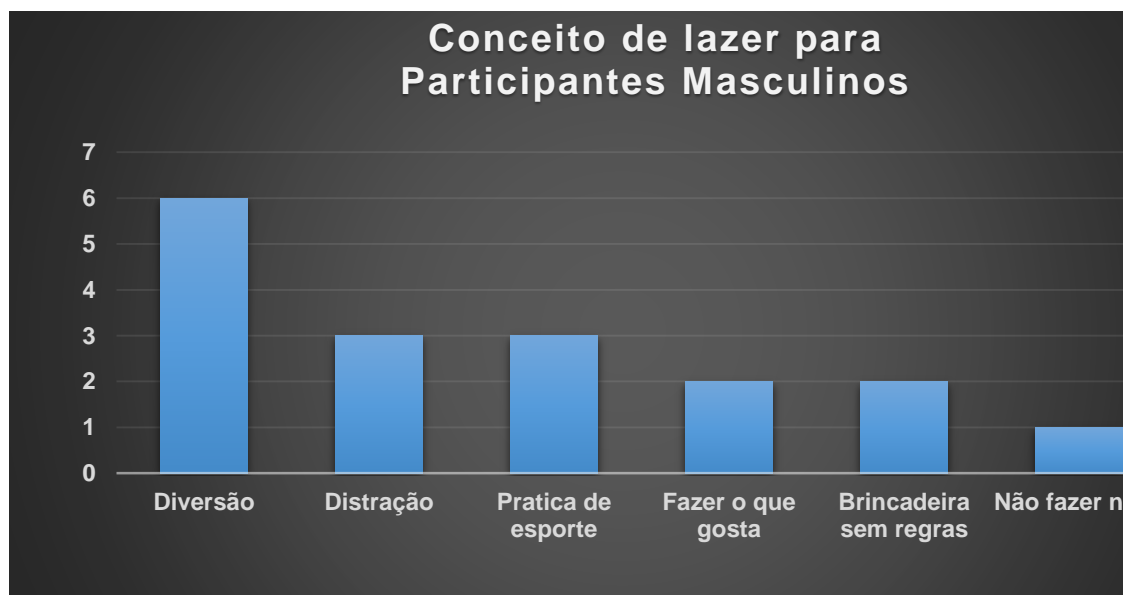
A maneira como os alunos compreendem o esporte na escola traz elementos importantes para o nosso debate. Um deles é o discurso muito forte existente em nosso contexto social, a ideia de que o esporte é a solução para os problemas sociais, de que por meio do esporte podemos solucionar as mazelas sociais da sociedade, melhorar as condições de vida dos cidadãos no que se refere à saúde, ao caráter, ao bem-estar. No entanto, eles são conscientes e valorizam a importância do esporte como uma das possibilidades de atividades no contexto do lazer dentro da escola, que possibilita a eles estabelecer melhores

relações dentro e fora do estabelecimento escolar, assim como amplia suas possibilidades de diversificação de atividades no contexto do lazer, dentre outros elementos que os mesmos trazem em suas respostas, por exemplo, quando dizem sobre as relações sociais que, por meio do esporte, são estabelecidas quando se referem à descontração e alívio do stress, entre outras possibilidades que eles atribuem ao fenômeno no âmbito escolar.

Esse entendimento, embora confuso para eles expressarem com palavras, é nítido nas observações feitas e em outras respostas dadas durante as entrevistas, que o esporte vivenciado no âmbito escolar, independentemente do tipo de manifestação, não se restringe apenas ao alívio do stress, melhoria da saúde e muito menos à possibilidade de tirar pessoas das drogas, mas sim possibilidades de crescimento pessoal, social e intelectual. Para exemplificar como tal fato se explica, durante os treinamentos os alunos demonstram aprimoramento das técnicas e táticas do jogo, boa leitura do jogo, respeito ao próximo, dentre outras capacidades observadas.

Em nossa questão sobre “Vivenciou experiências de lazer em anos anteriores ao IFNMG – Campus Januária?”, todos os alunos responderam sim. Ao perguntarmos sobre o conceito de lazer, notamos no gráfico a seguir que muitos deles relacionam o lazer à diversão, distração, ao não fazer nada, ao prazer de fazer algo que gosta. Outros arriscaram uma definição como: uma brincadeira sem regras, outros confundiram a definição do lazer com o esporte.

Gráfico 3 – Conceito de lazer (PM)



Nas falas dos sujeitos observamos como fica evidente a percepção dos alunos em relação ao que eles compreendem sobre lazer, citam diversos interesses do lazer, como podemos observar na fala a seguir.

*“Lazer, muitas vezes, se confunde com esporte porque todo esporte que você faz por livre e espontânea vontade é uma forma de lazer, mas também não fica só no lá... só no esporte, pode ser outras coisas, às vezes você tocar um violão é ... às vezes fazer uma caminhada, às vezes só uma conversa entre amigos já é uma forma de lazer” (PM-01).*

*“Momento de felicidade, né? De a pessoa fazer umas coisas que gosta. Ser feliz, para mim, é jogar bola, é o meu lazer [...]” (PM-04).*

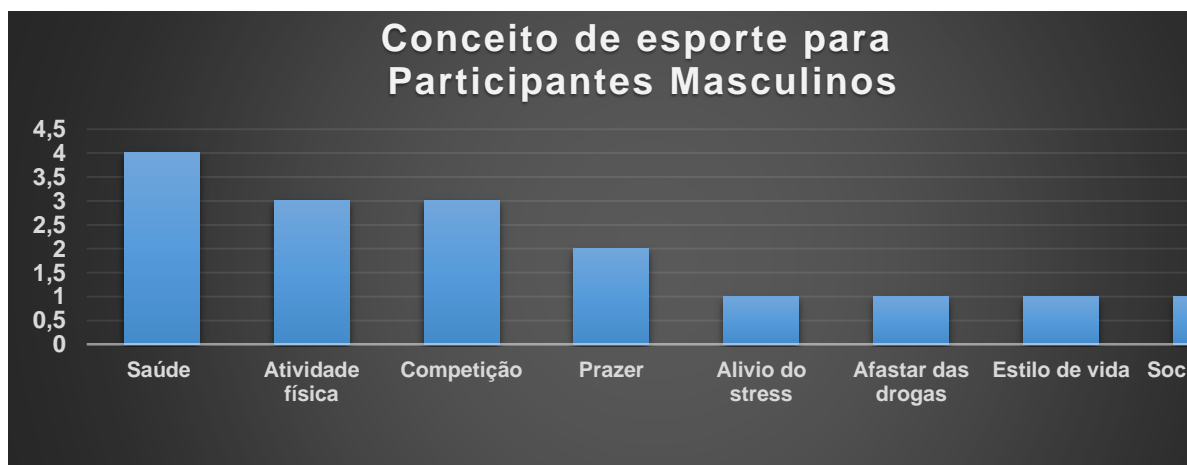
*“Lazer são brincadeiras entre amigos de... tipo no futebol, assim, você bater uma pelada, sem muita regra, só "colegage" mesmo, tem uma falta ali, você para por parar mesmo, porque tem amizade com o cara aí [...] Sem muitas regras, você mesmo faz suas regras, se foi falta você mesmo para, cobra a falta ali, se a bola saiu ou não você mesmo que decide [...]” (PM-07).*

Podemos notar que a referência que os entrevistados têm com o lazer está relacionada predominantemente com o conteúdo físico-esportivo. No entanto, o entrevistado PM-01 demonstra compreender o fenômeno ao relatar outros interesses como o artístico e o social. Para os entrevistados PM-04 e 07, o fato de fazer o que gosta de forma lúdica, despreocupados e no tempo “livre” também demonstra a forma como os alunos compreendem o fenômeno. Em conformidade com o treino de handebol podemos observar que a maneira como eles jogam está relacionada à forma como compreendem o esporte e o lazer no âmbito escolar. Existe o compromisso dos treinamentos, no entanto, no momento do jogo os alunos se sentem “livres” para jogar à sua maneira, quebrando a rigidez característica do esporte de alto rendimento, ou seja, pelo que observamos e pelo que os alunos relataram, há a ressignificação da modalidade esporte e, portanto, a produção cultural por parte dos mesmos.

Com alguns entrevistados continuamos com a pergunta: “Além do jogar bola ou praticar esporte teve outra forma de vivenciar o lazer?” As respostas comuns foram: sair com os amigos e divertir-se. Ou seja, mais uma vez o interesse social também predomina em suas falas, o divertimento e o prazer de estar com amigos são elementos sempre presentes nas respostas dos entrevistados. Os amigos nessa faixa etária da adolescência são muito importantes, é a fase da comunicação com o outro, e esse outro não é o pai, não é a mãe ou o tio, são seus colegas da mesma faixa etária que fala a sua língua, que lê, que ouve e que percebe o mundo de forma similar.

Quando perguntamos sobre o conceito de esporte, as respostas são muito parecidas. Vejamos no gráfico a seguir como o conceito foi apontado pelos sujeitos entrevistados.

Gráfico 4 – Conceito de esporte (PM)



Quase todas as respostas foram voltadas para os benefícios do corpo, em uma visão funcionalista, muitas vezes restrita e biológica. As palavras que mais apareceram nas entrevistas foram: saúde, atividade física, exercício físico e mental, estilo de vida, alívio do stress diário, ou seja, termos que levam à compreensão compensatória e funcionalista da prática esportiva. Outros relacionaram o esporte como responsável pelos problemas sociais na sociedade, como: tirar jovens e adolescentes das drogas.

*“O esporte seria uma atividade física que você faz, ou até mental, pra você melhorar seu corpo, sua mente e de alguma forma te ajudar. Por exemplo, tem umas que são fissuradas em corpo, elas procuram melhorar visualmente. No meu caso, além de querer melhorar visualmente, eu queria melhorar fisicamente, pois a minha pressão de vez em quando desequilibrava... Aí, com a musculação, ela começou a controlar, foi controlando e tal, aí foi perdendo os problemas, foi perdendo a bronquite, perdi as dores de cabeça, perdi o cansaço fácil, que já era um problema da pressão, melhora, você se sente bem” (PM-02).*

*“É, não sei se é só comigo, mas sei lá, não consigo ficar parado, então o esporte é uma forma de... de dar o máximo, entendeu? Como o judô mesmo.*



*Tem dia que saio daqui morto de cansado, mas aí é aquele cansaço de, como posso dizer, é aquele cansaço prazeroso, entendeu? Como praticava futsal, então, é a coisa que eu mais gosto de fazer (risos)” (PM-09).*

*“Uma coisa que eu faço, que faz eu me sentir bem, que faz bem para minha saúde. Uma coisa prazerosa!” (PM-01).*

*“Esporte, para mim, é um estilo de vida [...], é saúde” (PM-05).*

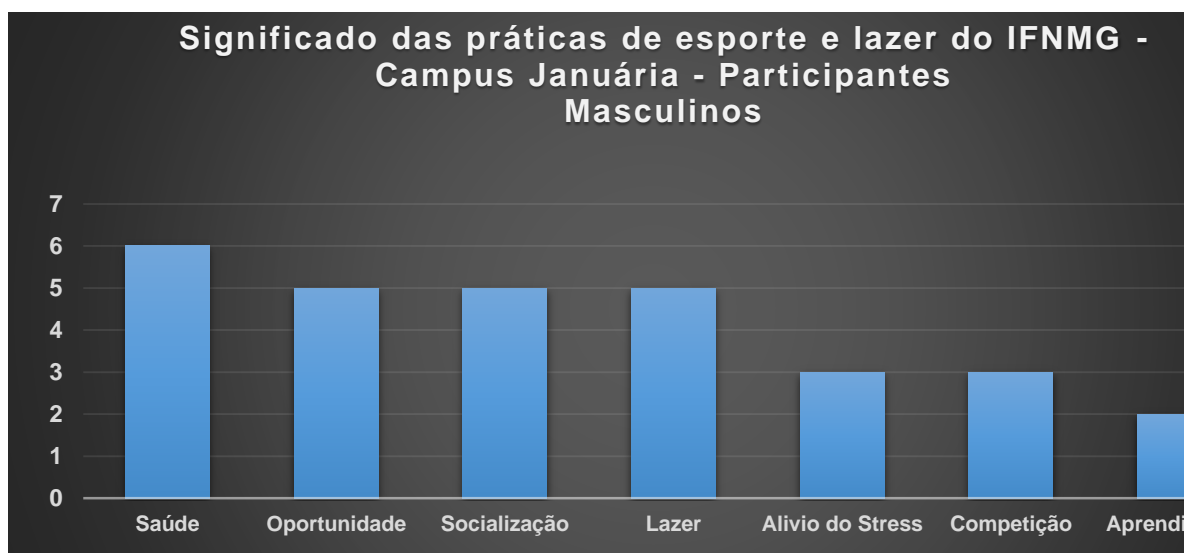
A compreensão que os alunos entrevistados fazem do esporte é o mesmo que é amplamente divulgado pela mídia, por meio de propagandas, programas esportivos, relacionando o esporte à saúde, à qualidade de vida, ao bem-estar, ao alívio do stress, entre outros discursos associados ao fenômeno. De acordo com Rubio (2002), o esporte é matéria-prima para os meios de comunicação de massa. Essa transmissão massificada de informações à população pode influenciar e/ou até induzir os entrevistados em suas respostas ao relacionar o esporte à saúde, ao estilo de vida, aos significados que as práticas esportivas têm para eles em seu cotidiano. Podemos observar entusiasmo nos entrevistados, a satisfação que eles têm em dizer a forma como eles se apropriam do fenômeno, que é algo significativo para eles no contexto social e cultural. Para PM-05, 01 e 09, o esporte tem que ser algo prazeroso para ser desfrutado com intensidade.

Com esse entendimento, Bento (2006) afirma que o esporte não pode ser entendido apenas como exercício físico, ou atividade regulada, mas ser entendido como algo em uma dimensão muito mais ampla, plural, que seja interligada aos contextos históricos e culturais dos sujeitos. Ou seja, quanto mais próximo o esporte estiver dos sujeitos maior o prazer será em suas práticas. O entusiasmo e a satisfação pelas práticas foram observados nos treinos de

handebol e de judô, no jogo de peteca, em outras atividades que tivemos oportunidade de observar. Os alunos esboçavam prazer pelas atividades que estavam realizando.

A pergunta-chave da nossa pesquisa foi: “O que significa para você as práticas dos projetos de esporte e lazer no IFNMG – Campus Januária?” Para esse grupo, as palavras que mais repetiram foram: saúde, oportunidades, socialização, lazer, dentre outras como podemos observar no gráfico 5.

Gráfico 5 – Significados das práticas de esporte e lazer (PM)



Os entrevistados também atribuíram os significados às relações que são estabelecidas com: socialização, aproximação, interagir, além de eles relacionarem os significados das práticas aos projetos como uma oportunidade. Oportunidade de se destacar em uma competição e ser convidado a jogar em uma equipe profissional.

*“Ah, para mim, é uma oportunidade, né? Tanto de diversão, competição, como uma das formas de você poder deixar sua lembrança do*

*instituto, né? Assim, eu estudei no instituto, formei, pude e tive a oportunidade de participar de tais modalidades esportivas” (PM-08).*

*“Bom, eu acho que seria, principalmente, acima de tudo, as relações que eu fiz com muitas pessoas, os laços de amizade que ficaram. Com pessoas às vezes de outros institutos, em competições de outros estados, seria isso” (PM-10).*

*“Ah... acredito que toda forma de quebrar a rotina, para mim, é boa, é ótima, ainda mais para mim que sou ansioso, ah, então para mim só atrapalha você ficar todo dia fazendo a mesma coisa, todo dia saber o que vai acontecer [...], deixa ansioso, isso me atrapalha, você fica com a cabeça, aí vem o nervoso, sem necessidade. Aí, quando tem esses momentos você acaba, como dizer, é... fugindo da realidade por um momento, não que não seja ideal... Aí, quando volta, você volta, é outra pessoa, além de ser bom para saúde, né?, de quem pratica” (PM-03).*

Para os entrevistados participantes dos projetos de esporte e lazer do IFNMG – Campus Januária, a saúde, o lazer e as oportunidades de socialização foram mencionadas como principais significados atribuídos aos projetos existentes no campus. Os entrevistados PM - 08, 04, 05 e 01 citaram as oportunidades que os projetos possibilitam, como competir pela instituição e deixar o seu legado, de ser reconhecido no campus por representar a instituição, de viajar e conhecer novos lugares e de se divertir, ou seja, para eles, os projetos são além de um momento de competição, também um momento de realizar atividades do contexto do lazer. Os entrevistados PM -10, 01, 02, 03, 06 e 07 mencionaram as relações que foram estabelecidas durante as competições fora da instituição, principalmente durante as viagens, os laços de amizades que foram

construídos e, para os entrevistados PM - 03, 02 e 06, os projetos foram relacionados como uma forma de quebrar a rotina do cotidiano escolar, de manter o bem-estar físico, o que, para eles, é importante devido às questões de manter o corpo saudável.

Deixamos à vontade para os entrevistados complementarem as suas ideias e a maioria deles opinou sobre a criação de mais projetos relacionados ao esporte e parabenizou o IFNMG- Campos Januária por ter essa iniciativa de estar desenvolvendo tais projetos. Por outro lado, alguns aproveitaram também para reclamar da rotina pesada que têm de aulas durante a semana, o que, segundo eles, prejudica a participação nos projetos.

Notamos que para esse grupo de alunos participantes dos projetos alguns pontos são relevantes no que se refere aos interesses em participar dos projetos esportivos e de lazer. Há uma diversidade de significados que eles atribuem aos projetos, compreendem a importância e os benefícios do esporte e do lazer na escola e procuram nos mesmos a diversão, a sociabilidade por meio das viagens, que são possibilidades para os alunos atletas. O problema é que os projetos atendem um número reduzido de alunos e acreditamos que deveria existir uma política para envolver um número maior de participantes, criar uma metodologia de modo que a satisfação, o prazer em participar dos projetos não ficasse apenas nas viagens, como é o foco principal que observamos nesse grupo entrevistado. Um outro problema apontado pelos participantes masculinos está relacionado ao fato de terem que negociar o tempo de estudo com o tempo de treinamento e os jogos. Esse é um fator preocupante, por não haver um projeto que envolva toda a comunidade escolar.

### 7.1.2 Participantes Femininos

O grupo das participantes femininos dos projetos esportivos e de lazer do Campus Januária foi constituído por alunas que participam ou que já participaram de alguns dos projetos já desenvolvidos na instituição. As entrevistadas selecionadas são, na maioria, externas e do terceiro ano dos cursos de Informática e Agropecuária com idades entre 16 e 19 anos.

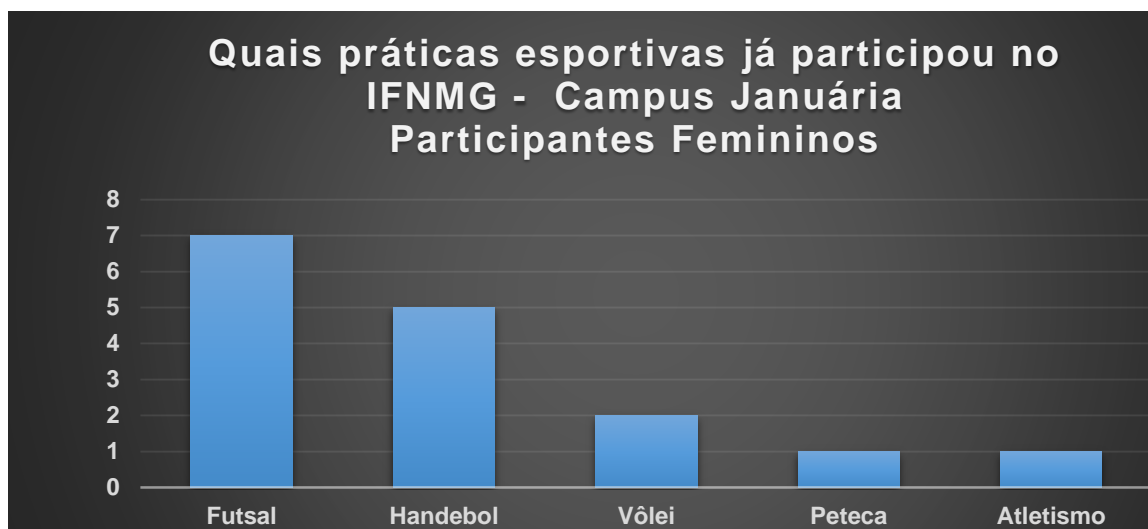
Tabela 2 – Especificações das entrevistadas participantes femininos (PF)

Entrevistadas	Série	Curso	Regime	Idade
PF – 01	3º ano	Informática	Externo	17 anos
PF – 02	1º ano	Informática	Externo	16 anos
PF – 03	1º ano	Informática	Externo	16 anos
PF – 04	3º ano	Agropecuária	Externo	17 anos
PF – 05	3º ano	Agropecuária	Externo	19 anos
PF – 06	3º ano	Agropecuária	Externo	17 anos
PF – 07	3º ano	Informática	Externo	18 anos
PF – 08	3º ano	Agropecuária	Externo	17 anos
PF – 09	3º ano	Agropecuária	Externo	19 anos
PF – 10	3º ano	Agropecuária	Externo	17 anos

Em relação à primeira pergunta sobre “Quais práticas esportivas já participou no IFNMG – Campus Januária?”, as respostas aqui foram mais concentradas em algumas modalidades como o futsal, handebol, vôlei, atletismo e a peteca, enquanto o grupo dos meninos diversificara mais suas práticas. As entrevistadas PF - 05, 07 e 08 citaram três modalidades respectivamente:

(handebol, futsal, atletismo), (peteca, vôlei e futsal) e (handebol, futsal e vôlei). As demais citaram apenas uma.

Gráfico 6 - Práticas esportivas que já participou no campus (PF)



Percebemos que, assim como o grupo dos meninos participantes, as modalidades citadas pelas meninas participantes foram exatamente aquelas que tradicionalmente vemos nas aulas de Educação Física, como é o caso do futsal, handebol e vôlei. Tradicionalmente, a modalidade que mais se destaca para as meninas é o voleibol.

*“Handebol, futsal e vôlei. Vem desde a infância, a gente sempre jogava, sempre praticava esporte e aí eu resolvi fazer” (PF 05).*

Vale destacar aqui que, durante a última semana de entrevistas, a greve já se estendia por quinze dias no campus. Nesse sentido, solicitamos do professor de Educação Física do campus um número de alunas que faziam parte dos projetos de esporte e lazer para participar das nossas entrevistas. As alunas por ele convidadas foram seis que faziam parte da equipe de futsal do IFNMG – Campus Januária. As entrevistas foram realizadas em uma sala de aula de uma

escola estadual localizada no centro da cidade. Podemos justificar, assim, que a maioria das participantes citou o futsal como as práticas já vivenciadas.

Na segunda pergunta, quando questionamos: “Já representou o IFNMG – Campus Januária em competição fora de sua cidade? Como foi essa experiência?”, a maioria das entrevistadas respondeu que sim, diferente dos participantes masculinos que, a maioria, respondeu ainda não ter participado.

*“Sim. No ano de 2014 nós fomos pra Guarapari, no Espírito Santo, e nesse ano de 2015 nós fomos pra Salinas pelo JIFEMG. No Espírito Santo Guarapari foi pelo JIF's... Foi uma experiência muito boa, até porque quando você vai pra fora você tem uma noção de como que é a dificuldade e como precisa ter um coletivo pra você superar as dificuldades, porque se num tiver um grupo formado nas competições é muito difícil você vencer essa competição e lá em Guarapari a gente ficou, a gente foi, não chegou a ir até a final, mas em Salinas a gente foi pra final no futsal e, no handebol, a gente ficou em terceiro lugar. Em Salinas nós fomos campeãs do futsal” (PF-09).*

*“Foi uma experiência muito boa, animada, diferente, muito bom jogar com a escola” (PF-02).*

*“Foi no JIFEMG agora em Salinas e foi uma experiência muito boa porque também nunca tinha participado de nenhuma competição fora da escola, em outra cidade assim. Eu achei bem legal também (..) porque tiveram as interações com as outras escolas, as outras cidades, né?, os outros institutos, foi bem divertido também porque até os próprios alunos da escola também se uniram para poder ir... pra essa viagem, todo mundo estava tipo unido, participando junto, torcendo pela cidade, tal” (PF-06).*

Podemos notar pelo relato da entrevistada que as alunas fazem destaque tanto para os jogos, a competição, as organizações das equipes, como a interação entre as escolas e os próprios alunos do IFNMG – Campus Januária. No coletivo, as entrevistadas relatam experiências boas realizadas fora da instituição, assim como os meninos também relatam. No relato da aluna PF – 09, percebemos a valorização que o esporte tem para os participantes, fica evidente quando ela fala em superar as dificuldades encontradas com o grupo, com o trabalho coletivo, existe um entendimento do trabalho coletivo sobre o individual, de aprender com a derrota, de se preparar melhor para um novo desafio. Tudo isso são valores do esporte que, segundo Garcia (2015), está dentro da concepção do esporte humanista e cultural, da centralidade do ser humano mediante a compreensão do esporte. Isso é compreender o esporte como algo muito mais amplo e não como meramente uma prática esportiva (BENTO, 2006).

Sobre a terceira pergunta, “Pratica ou já praticou alguma modalidade esportiva fora do IFNMG – Campus Januária? Qual a modalidade e onde?”, a maioria das entrevistadas respondeu que sim, apenas as entrevistadas PF 06 e 10 responderam não. Para a PF-10, só agora ela se interessou por alguma coisa de esporte, porque já tem na escola, mas antes não tinha tanto interesse.

Podemos notar aqui a importância dos espaços oferecidos pelo campus e das influências que os projetos proporcionam aos alunos que ainda não tiveram uma vivência no âmbito do esporte e do lazer.

As entrevistadas que responderam sim incluem as suas experiências em outras escolas antes de vir para o instituto e também nas escolinhas de futsal feminino. Outras relatam suas experiências de brincadeiras de rua.



*“Sim, futsal, em um ginásio que tem aqui perto, acho que é poliesportivo Edvaldo Leite. Lá era mais menina de rua, né?, essas meninas assim de baixo nível, [...] então, a gente mistura e faz aquela, tipo, um antigo nome que todo mundo dava, peladinha, é desse jeito, não é tão organizado como na escola” (PF, 03).*

*“Já pratiquei sim, futsal. Foi na minha antiga escola” (PF, 01).*

A experiência na rua da vivência do jogo sem regras, que os próprios sujeitos criam, é uma forma de vivenciar o esporte. A própria entrevistada (PF-03) faz comparações com as práticas escolares que são bem organizadas, de acordo com os espaços, as regras e regulamentos.

As outras respostas apontam para as experiências anteriores das alunas nas escolas que já estudaram e nas escolinhas de futebol que frequentaram, como é o caso da PF-02, que diz *“já pratiquei futsal na Santa Cruz, time de Santa Cruz. É um time de base [...]”*.

Na sequência das perguntas, para compreender como eram essas experiências em escolinhas de futebol e na escola, notamos que tais práticas tinham como base as regras, regulamentos e treinamento de técnicas que se assemelham ao alto rendimento.

Ao perguntarmos “Como você vê o esporte dentro da escola?”, as respostas foram próximas, todas apontam para uma prática positiva, importante nas escolas. Como podemos observar no gráfico abaixo.

Gráfico 7 – O esporte dentro da escola (PF)



De acordo com as falas das entrevistadas, o esporte é uma forma de tirar o stress do dia a dia causado pela jornada de aulas; uma forma de tirar os jovens e adolescentes das drogas; oportunidade de integração, de melhorar as técnicas esportivas, de melhorar as relações interpessoais, de melhorar a saúde; como diversão, lazer e como forma de melhorar o desempenho escolar. Todas essas percepções do esporte na escola não deixam de ser uma visão predominantemente biológica e funcionalista. Apesar que alguns dos sujeitos entrevistados relataram a diversão, as relações interpessoais como podemos ver na fala das entrevistadas:

*“Vejo como uma forma de lazer, porque, ‘tipo’, nas aulas de Educação Física a gente vai fazer esporte, praticar. Essa coisa a gente acaba se divertindo, além de não ter uma vida sedentária” (PF-10).*

*“[...] traz oportunidades para as pessoas, tem muita gente que, tipo assim, é tímida e consegue perder a timidez treinando com outras pessoas, eu mesma sou assim [...]” (PF-06).*

*“Eu vejo como uma forma boa, pois ajuda a gente a tirar o stress, sabe [...]?” (PF-01).*

*“Eu vejo no esporte um bom desenvolvimento para os alunos se interessarem, ”tipo”, por causa das drogas, coisas ruins, o esporte é uma boa coisa que os alunos se interessam e largam as outras de lado, as coisas ruins, no caso. ” (PF-02).*

*“[...] na minha opinião, o esporte pode vir ajudar o aluno tanto na aprendizagem quanto no desenvolvimento da própria pessoa [...], trabalhar coletivamente, melhorar a relação com o colega [...]” (PF-09).*

O esporte concebido na escola, na visão das entrevistadas participantes, é um momento de lazer, de divertimento, que pode ser vivenciado nas aulas de Educação Física. Ainda para esse grupo de entrevistadas é um momento oportuno para quebrar um pouco da rotina do dia a dia, é um momento de alívio do stress. É também um momento de dar oportunidade de manifestação perante a turma, de se conhecer, possibilitar que os outros as conheçam melhor e, por meio do esporte, se tornarem uma pessoa mais extrovertida.

Em alguns dos depoimentos observamos que existem entrevistadas que têm uma percepção funcionalista e biológica quando trata do esporte na escola, principalmente quando falam do sedentarismo em consequência da obesidade entre os escolares, como também mencionam alguns pontos que merecem uma reflexão mais profunda sobre o compromisso do professor de Educação Física na escola, o seu comportamento como educador, sobretudo, sua postura e atitude para intervir e apresentar a importância do esporte na vida dos sujeitos e sua diversidade de possibilidades e não unicamente o modelo de esporte que é valorizado pela mídia.

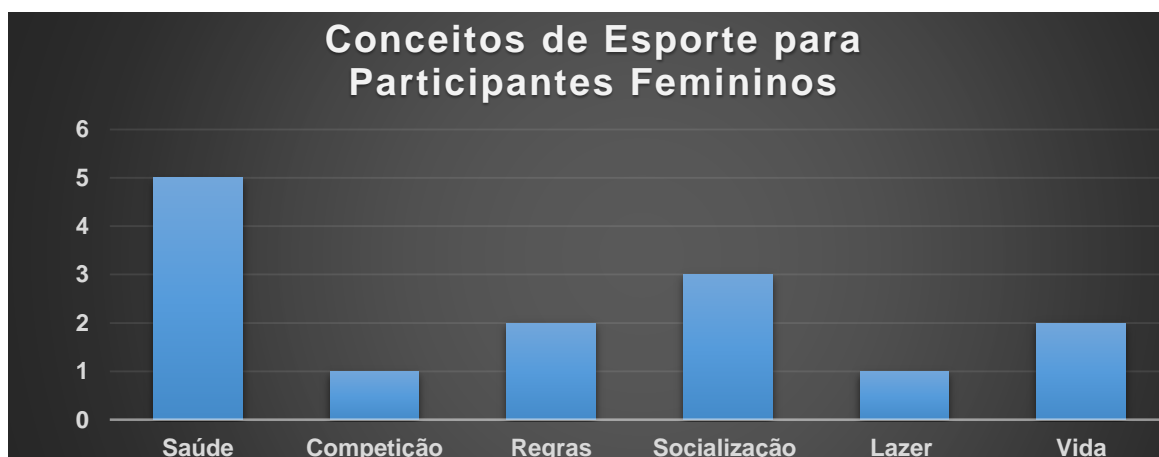
*“Hoje em dia, o esporte está meio, tipo assim, em falta [...] você vê muito sedentarismo. O sedentarismo acontece porque é, os professores [...] só jogam a bola e aí pronto, e aí tem umas meninas que... geralmente os meninos gostam mais, né?, de bater a bolinha e tal, e aí as meninas ficam lá sentadas conversando, mexendo no Facebook, batendo papo e tal. Os meninos vão jogar e, aí, fica por isso mesmo. Então, eu acho que o esporte dentro da escola não deve ser assim, acho que ele deve ir além, porque o esporte pode salvar a vida de uma pessoa, entendeu? Ele pode transformar, mudar a vida de uma pessoa, às vezes tem uma pessoa obesa, às vezes tem uma pessoa depressiva e, tipo assim, é o esporte que pode salvar aquela pessoa e pelo professor não praticar isso ele acaba é tirando essa oportunidade que a pessoa tem, né?” (PF-08).*

Podemos perceber na fala dessa última entrevistada (PF-08), que ela entende a prática do esporte como meio de evitar o sedentarismo e a obesidade, dentre outras funções do esporte. Para ela, o esporte pode ir além do “simples bate bola” que é praticado nas aulas de Educação Física, o seu conhecimento experiencial diz isso. E não podemos negar que por meio de uma prática esportiva bem orientada não seja possível. No entanto, como profissionais de Educação Física devemos conscientizar os alunos que o esporte vai para além da simples prática, que por meio do esporte outros valores são construídos como, por exemplo: desenvolver novas habilidades, estabelecer novas relações de amizade, praticar o esporte no tempo disponível como divertimento e desenvolvimento pessoal e social. Quando ela aponta que os professores só “rolam a bola”, isso é um dado importante, pois denuncia como ela vem percebendo a Educação Física, e que não é diferente para os demais colegas, e ao mesmo tempo preocupante, pois não podemos deixar passar despercebido.

Mesmo não sendo a Educação Física o objeto direto do nosso estudo, é por meio dela que os alunos são influenciados à prática dos projetos de esporte e lazer no IFNMG – Campus Januária. Nesse sentido, os professores de Educação Física, em suas práticas pedagógicas, precisam rever as suas atitudes e comportamentos perante suas aulas.

Por meio da pergunta como você vê o esporte na escola?, questionamos aos sujeitos participantes femininos da nossa pesquisa: “Qual o conceito que você tem de esporte?” As respostas são parecidas, há uma variedade de significações que elas dão ao fenômeno. Podemos observar no gráfico a seguir as palavras que mais aparecem quanto ao sentido que as entrevistadas dão para o esporte.

Gráfico 8 – Conceito de esporte (PF)



Esse é o desenho de como esse grupo compreende o fenômeno esportivo. Notamos que elas, assim como os meninos, têm uma visão compensatória do esporte, mas que eles valorizam muito sua prática. Como podemos observar na fala de algumas entrevistadas:

*“Difícil de explicar, mas esporte é tudo de bom, por que, além de te ajudar na saúde, né?, te forma com um físico diferente [...]” (PF-03).*

*“O esporte, para mim, é algo que nos leva a conhecer cada dia mais, buscar a felicidade, buscar saúde principalmente, saúde não só do corpo, mas também da alma, porque esporte, para mim, é aquilo que faz a gente se desenvolver como o todo”* (PF-09).

*“Esporte, para mim, é uma forma de lazer [...] conhecer novas pessoas [...]”* (PF-01).

*“Esporte... eu acho que é tipo você praticar exercício físico de uma forma divertida, interativa...”* (PF-06).

*“Esporte eu acho que é uma coisa com mais limites... regras mais rígidas [...], já o lazer não tem regras”* (PF-08).

*“Esporte eu acho que é mais uma competição, um grupo de pessoas que jogam para competir [...], mais profissionais [...] (na sequência da entrevista). Ah, não sei, mas, para mim, esporte é diversão, porque eu me sinto bem praticando esporte, eu gosto muito”* (PF-04).

Podemos observar que as respostas das meninas participantes têm muita semelhança com o grupo dos meninos participantes, predominando uma compreensão do esporte como meio de se obter saúde, de socialização, como divertimento, como prática de exercícios físicos, como atividade do contexto do lazer. Isso nos mostra, de forma geral, que ambos os grupos têm um entendimento mais amplo do esporte, como afirma Bento (2006). Essa percepção tem influências não só dos meios de comunicação de massa como também de experiências vivenciadas em anos anteriores e nos projetos desenvolvidos na instituição.

Outra visão do esporte é das entrevistadas PF-05 e PF-02 *“esporte é vida”*.

*“Vixi Maria’, esporte para mim é vida, [...] é fundamental na vida de uma pessoa [...], o esporte ensina as pessoas a viver, ele cria as pessoas”* (PF-01).

Nessa mesma euforia de que o esporte é tudo na vida de uma pessoa, tivemos outras entrevistadas que falaram com a mesma empolgação sobre o fenômeno e isso nos mostra diferentes formas de sentidos e significados que as pessoas atribuem ao esporte, indicando, nesse caso, que a relação entre esporte e vida se dá pela construção de valores, formação humana etc. Outras alunas, por influência do esporte de rendimento, relacionam o esporte apenas à competição, ao resultado e ainda com regras rígidas que devem ser obedecidas, como vimos no relato da entrevistada (PF-04). No entanto, a mesma diz que procura praticar se divertindo. Essa relação do esporte de alto rendimento com o prazer pela prática nos mostra que é possível o sujeito se divertir mesmo competindo, a atitude do sujeito é que dá sentido à prática. Para essas alunas o sentido da prática é tão importante quanto o resultado. Ou seja, os significados da prática do esporte para elas são tão importantes quanto o resultado. Essa forma de compreensão do fenômeno vai ao encontro com o que os autores Bento (2006) e Garcia (2015) afirmam. O importante é o sentido que os sujeitos dão à prática. Entendido assim, o foco para a compreensão do esporte está nos sujeitos, ou seja, para compreender o esporte é necessário compreendermos primeiro o ser humano, pois é ele que vai dar sentido à prática.

Observa-se, então, que as percepções das entrevistadas em um primeiro momento são influenciadas por uma visão homogênea quando em suas falas propõem-se a explicar o fenômeno. No entanto, quando confrontamos suas respostas com as demais e suas experiências reveladas durante a entrevista,

nota-se que o esporte para esse grupo de alunas tem vários outros significados. O ocorrido mostra a dificuldade que os sujeitos têm em conceituar e compreender o fenômeno na diversidade, na heterogeneidade. Seja com base no rendimento, como meio de socialização, como esporte de participação ou, ainda, como um conhecimento novo no âmbito escolar. As experiências das entrevistadas transitam por todas as formas de manifestações e denunciam que o esporte tem inúmeros significados para um mesmo grupo e para os sujeitos dentro de um mesmo grupo.

No que se refere ao conceito de lazer, essa foi a pergunta que mais surpreendeu as entrevistadas. Sempre quando o pesquisador perguntava “o que é lazer?”, a resposta era imediata: “*não entendi*”, ou, “*como assim lazer*”, ou então ficavam repetindo a pergunta.

A entrevistada PF-08 fica confusa com o termo:

*“Como assim o que é lazer? Pior que fico confusa em diferenciar lazer de esporte...”. Na sequência diz que “é aquilo que você gosta de fazer”.*

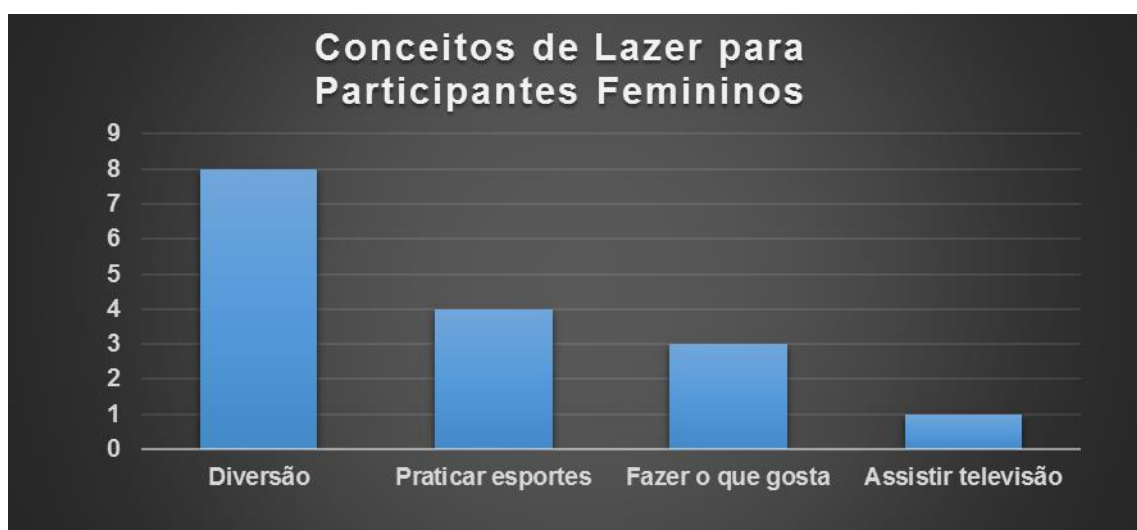
Essa surpresa na pergunta se configura, talvez, nas poucas referências que as participantes da pesquisa têm sobre lazer. Após algumas explicações do pesquisador, as entrevistadas tentaram conceituar com base em suas experiências já vivenciadas, que foi outra pergunta que fizemos. Entre as dez entrevistadas, todas responderam que já tiveram alguma experiência com lazer. Muitas reportaram-se às suas experiências de brincadeiras na escola, outras aos passeios, outras às brincadeiras de rua, sendo que a maioria de suas atividades se localizava na prática, no conteúdo físico-esportivo do lazer e na escola – local, que de acordo com os estudos de Marcellino (2012), não é um espaço específico



para vivenciar o lazer. As escolinhas de futsal também foram experiências de lazer citadas por esse grupo de alunas.

Para o conceito de lazer, diferente da variedade de palavras que as entrevistadas relacionaram ao conceito de esporte, aqui na tentativa de definir lazer, apenas quatro palavras se repetiram, como podemos ver no gráfico 9 abaixo:

Gráfico 9 – Conceito de lazer (PF)



Observamos que a palavra “diversão” é bem comum entre as alunas entrevistadas, obviamente com uma certa dificuldade de atribuir conceito ao lazer. Tais palavras que são atribuídas ao lazer fazem parte das suas experiências vividas, como podemos observar em suas falas sempre com uma certa insegurança:

*“Lazer eu acho que são passeios, diversão com os amigos e tal, essas coisas assim do tipo” (PF-02).*

*“[...] é porque eu fico confusa em diferenciar lazer... é esporte? (pausa) É, eu acho que lazer é aquilo que você faz e gosta, tipo assim, para se divertir,*

*sem aquele intuito igual de coisinha de seguir regra, de que tem que ser desse jeito e acabou, eu acho que é mesmo para você se divertir” (PF-08).*

*“Lazer é o que a gente faz (risos), mas que não visa a tanta exigência assim, mas é divertimento, hum... eu acho que é isso mesmo” (PF-10).*

Em todas as falas as alunas atribuíram o lazer ao divertimento. Essa relação do lazer com o divertimento configura-se pela relação com o lúdico, com uma brincadeira sem regras, com o “faz de conta”. Quando elas se referem ao esporte acabam causando uma confusão com o esporte vivenciado no tempo disponível. Por entender que lazer é apenas divertimento, que só pode ser vivenciado apenas de forma lúdica, e quando comparam com o esporte, a ideia que se tem é do alto rendimento. Essa confusão entre o que é esporte e o que é lazer passa a ser comum por não compreender em que tanto no âmbito do lazer como no esporte de alto rendimento o lúdico é possível e que ambos proporcionam aos praticantes o prazer pela prática.

O entendimento é que existe uma desvalorização do lazer. Talvez pelo conhecimento restrito do senso comum ao fenômeno. É possível competir em um jogo de vôlei, com regras e todas as singularidades da modalidade, e mesmo assim ser uma atividade no contexto do lazer. A questão é o tempo e a atitude dos sujeitos envolvidos na prática (MARCELLINO, 2012). O que podemos ressaltar aqui é que as meninas entrevistadas de modo geral, na maioria das vezes, confundem o que é lazer e o que é esporte, não sabendo que o esporte faz parte de um dos conteúdos culturais do lazer, que é o físico-esportivo. Podemos observar em outras falas das entrevistadas como fica evidente essa sobrepujança do esporte perante o lazer:

*“Lazer, para mim, é você se divertir [...], é se preocupar menos. Porque lazer você vai estar ali brincando, não vai estar muito preocupada, só que no esporte você tem que saber que ali você tem algo para fazer, você não pode levar na brincadeira, no esporte você tem que procurar se esforçar para ganhar do outro [...] porque, afinal, você vai estar defendendo alguém, alguma escola, alguma instituição, e no lazer se não ganha está tudo bem”* (PF-01).

*“Lazer eu acho que é mais uma parte, tipo, juntar bastante gente e jogar assim só para se divertir mesmo, sem compromisso de saber ou não, de estar jogando aquilo profissionalmente. Já o esporte é coisa mais séria, lazer eu vejo mais como brincadeira normal, sem muita competição”* (PF-04).

Como podemos observar nas falas das alunas entrevistadas, o lazer e o esporte aparecem em dois polos. O esporte como algo sério, que exige regras, disciplina, busca da vitória, por conseguinte, o lazer como algo não sério, sem regras.

Em quase todas as respostas o entendimento sobre lazer é próximo do conceito de cultura de Marcellino (2013), que procura entender o lazer a partir da cultura vivenciada e fruída no tempo livre, ou seja, fora das obrigações sociais, políticas, religiosas, familiares, em caráter desinteressado. A questão tempo e atitude como parte inicial para compreendermos o lazer, e a satisfação pela prática vivenciada podemos perceber em algumas das falas, principalmente da entrevistada (PF-09):

*“Para mim, lazer vem a ser fazer alguma coisa que goste, é tanto como uma questão do esporte, da música ou simplesmente você ler ou qualquer coisa do tipo que venha te dar satisfação”* (PF-09).

A partir do momento que ela cita que é o sujeito fazer o que ele gosta, ela refere-se à livre escolha da prática, e quando fala da prática do esporte, da música e da leitura, refere-se a alguns dos conteúdos do lazer, como o físico-esportivo, o intelectual e a satisfação pela prática vivenciada.

O nosso estudo buscou, investigar os significados dos projetos de esporte e lazer do IFNMG - Campus Januária para alunos participantes e não participantes. Nesse sentido, as meninas entrevistadas atribuem aos projetos de esporte e lazer significados que têm similaridades e diferenças com as respostas dos meninos entrevistados, conforme apresentaremos no gráfico 10 abaixo:

Gráfico 10 – Significados de esporte e lazer (PF)



Como podemos observar, as alunas participantes entrevistadas atribuíram aos significados dos projetos de esporte e lazer as relações sociais que são estabelecidas durante a participação e o convívio com os outros, a partir das práticas vivenciadas nos projetos da instituição pesquisada. Assim, o prazer, a diversão, a alegria e a satisfação pela prática executada são fatores que aparecem em suas falas.

*“Ah, tipo, para mim, [...] é uma coisa de fundamental importância, porque desde o meu primeiro ano eu comecei nos projetos e fui entrosando [...], eu conheci pessoas novas, [...] participei de campeonatos, fui a lugares diferentes, entendeu? E também tem aquela relação do treinador com o atleta” (PF-08).*

*“Nossa, para mim, foi de suma importância, porque como eu já participo, eu vejo como é uma questão de até sobrevivência, de certa forma, porque como eu já disse, quando eu comecei no instituto eu me desenvolvi cada vez mais e também, porque eu sempre fui uma pessoa muito tímida e fui desenvolvendo algumas amizades, e isso favoreceu ao nosso time” (PF-09).*

*“Eu acho que é muito significativo, os alunos passam a ser mais participativos na escola, comunicativos, integram mais os alunos, né? Porque, tipo, quando eu vou me comunicar com as outras pessoas de outras salas e tal, a gente tem uma integração maior, se torna mais amigo das outras pessoas” (PF-10).*

Quando as alunas entrevistadas atribuem a importância dos projetos na escola e trazem com elas elementos como: laços de amizade, alunos que se tornam mais comunicativos, mais participativos, isso contribui e favorece ao desenvolvimento social no ambiente escolar. De acordo com Kunz (1994), para a formação de “sujeitos livres e emancipados” é necessário que o desenvolvimento do esporte na escola supere as formas tradicionais de ensinar e praticar o esporte na escola, na busca da autonomia e da interação social dos sujeitos. Podemos observar nos relatos dos alunos que o modelo de esporte que é praticado no IFNMG – Campus Januária ainda tem características contrárias do que diz Kunz

(1994), é um modelo tradicionalista que explora poucos os valores culturais e sociais de seus educandos.

Outro ponto importante observado nos depoimentos é o incentivo por meio dos projetos que favorecem os alunos internos após suas obrigações escolares.

*“É um incentivo porque a gente estuda o dia todo. E os projetos vêm logo depois da aula, porque aqueles alunos que moram na escola, que são os internos, no caso, eles têm algo para fazer depois da aula, não ficam apenas trancados no quarto”* (PF-03).

Esse depoimento contradiz com as observações feitas no período em que o pesquisador esteve presente no campus. O número de alunos internos que participam dos projetos e que utilizam os espaços esportivos do Campus é baixo em relação ao quantitativo de modalidades esportivas que são oferecidas, a quantidade de espaços esportivos que são disponibilizados. A pergunta que fica é: será que existem projetos com a finalidade de atender apenas os alunos residentes? Será que os gestores deram oportunidade de ouvir esses alunos? No projeto de judô, por exemplo, a maioria dos alunos eram externos, assim como no projeto de handebol. Fato que levou o pesquisador a tais indagações. Não podemos afirmar tal fato, pois, no período da pesquisa de campo, a instituição estava na eminência de uma greve e o tempo de observação foi curto. Portanto, nas conversas informais com os professores e alunos dos projetos, os mesmos afirmaram que a maioria são alunos externos. Outro ponto de afirmação para a indagação foram as observações dos espaços como as quadras externas, campo de futebol, pista de atletismo que estavam em desuso.

Outros significados que são atribuídos pelas alunas entrevistadas estão relacionados à saúde e ao alívio do estresse, que é causado diariamente, como já dissemos em outros momentos, devido à rotina das atividades escolares.

*“Ah, para mim, significa muita coisa. Primeiro, como eu disse, quando você está nesse projeto você cresce, é bom para quem está acima do peso, para que a pessoa se sinta melhor, faz um exercício e às vezes também é uma forma de aliviar o estresse, porque está cansado de estudar, fazer provas, no meu caso me sinto ótima, vou para o treino, brinco, sorrio e para mim é bom” (PF-07).*

Compreender os projetos esportivos e de lazer, de acordo com os depoimentos de algumas alunas que atribuem os significados aos exercícios físicos, à quebra de rotina, ao alívio do estresse, entre outros, nessa mesma linha de raciocínio é um entendimento dentro de uma visão funcionalista e compensatório dos projetos.

Dentro dessa ótica, os projetos esportivos e de lazer têm como fator a compensação das atividades no âmbito do lazer em oposição às suas atividades cotidianas da escola. Para Marcellino (2013), nessa visão funcionalista, o lazer compensaria a insatisfação e a alienação do trabalho. Ou seja, em nosso caso particular, alunos do Instituto Federal do Campus Januária, os mesmos compensam a sua insatisfação com a rotina pesada diária de aulas e atividades escolares com as atividades desenvolvidas nos projetos de esporte e lazer do campus. Assim como destaca Marcellino (2013), seria interessante que os alunos procurassem os projetos de esporte e lazer não só pelo divertimento e distração, mas, para terem acesso às vivências e conhecimentos que podem gerar novos valores, dentro de uma ideia do coletivo de desenvolvimento pessoal e social nas atividades do contexto do lazer.

Podemos notar que, as meninas entrevistadas em maior quantidade, privilegiam a socialização enquanto os meninos entrevistados ressaltam a diversão e a saúde. Ambos os grupos apontam um privilégio perante a sociedade no que se refere a possibilidade de escolhas para atividades no contexto do lazer. Pelas influências da instituição e do meio em que vivem, pela própria cultura local, pelos espaços, muito embora exista uma série de fatores que eles demonstram que precisam serem revistos, como por exemplo a dinâmica dos projetos, outros atrativos para que um número maior de estudantes possa participar, da política interna com os demais departamentos para que os projetos não sejam meramente um “escape” das tensões diárias provocadas pelos estudos, tais projetos mostram-se fazer parte do cotidiano dos participantes da pesquisa.

Portanto, para o grupo dos alunos participantes dos projetos de esporte e lazer do Campus Januária, tais projetos são importantes pelos valores, pelos significados que os sujeitos entrevistados atribuem aos mesmos. Podemos destacar que em vários momentos os alunos associaram a prática do esporte no contexto do lazer, por compreender que o esporte pode ser vivenciado no tempo disponível, tal fato fica expresso no significado para vida deles, de modo que eles podem viajar, sociabilizar-se e, ter interesse no próprio esporte, na competição esportiva. São diversos pontos que a nossa pesquisa aponta para uma maior atenção para esse grupo e obviamente para rever alguns aspectos que possam melhorar as condições de desenvolvimento dos projetos para atender melhor e um maior número de alunos da instituição.



## **7.2 Os significados do esporte e lazer para os não participantes dos projetos no campus**

A seguir, apresentaremos os entrevistados por grupos não participantes masculinos e femininos, assim como os resultados e discussões. Em um quadro especificaremos cada grupo quanto à série, ao curso, ao regime (interno, semi-interno e externo), à idade.

### **7.2.1 Os Não Participantes Masculinos**

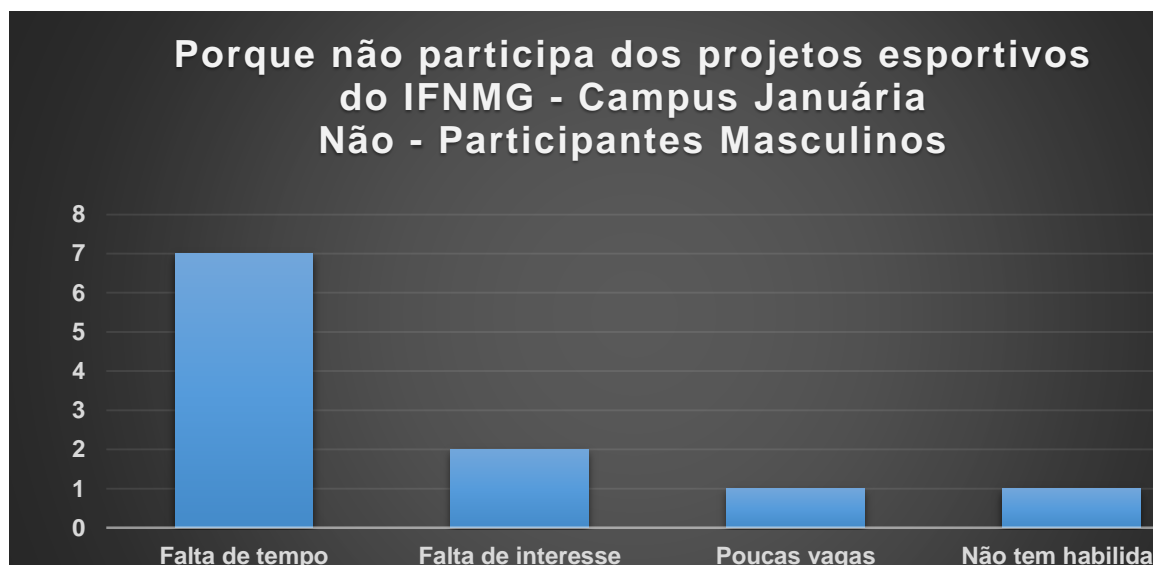
O grupo dos Não Participantes Masculinos dos projetos esportivos e de lazer do Campus Januária é constituído por alunos que ainda não participaram de nenhum dos projetos específicos para o esporte e o lazer já desenvolvidos na instituição. Os entrevistados selecionados são, em sua maioria, do regime externo, todos das turmas dos terceiros anos dos cursos de Informática e Agropecuária, com idades entre 16 e 19 anos. No quadro abaixo segue a especificação dos entrevistados em detalhes.

Quadro 3 – Especificações dos entrevistados Não Participantes Masculinos (NPM)

Entrevistados	Série	Curso	Regime	Idade
NPM – 01	3º ano	Informática	Externo	18 anos
NPM – 02	3º ano	Agropecuária	Semi-interno	19 anos
NPM – 03	3º ano	Agropecuária	Semi-interno	17 anos
NPM – 04	3º ano	Agropecuária	Externo	18 anos
NPM – 05	3º ano	Informática	Externo	16 anos
NPM – 06	3º ano	Informática	Externo	18 anos
NPM – 07	3º ano	Agropecuária	Externo	18 anos
NPM – 08	3º ano	Agropecuária	Externo	18 anos
NPM – 09	3º ano	Agropecuária	Externo	17 anos
NPM – 10	3º ano	Agropecuária	Externo	18 anos

Na primeira pergunta para esse grupo investigado, “por que não participa dos projetos de esporte e lazer do IFNMG – Campus Januária?”, a resposta que predominou foi a falta de tempo, apenas NPM - 01, 07 e 10 deram respostas diferentes, como podemos ver no gráfico abaixo.

Gráfico 11 – Porque não participa dos projetos de esporte e lazer do campus (NPM)



Os entrevistados NPM – 01 e 07 atribuem a não participação à falta de interesse. O NPM-7 acrescentou também na sua justificativa o número reduzido de vagas existentes para participação dos projetos e a pouca habilidade é citada pelo entrevistado 10 desse grupo, como um dos fatores da não participação. Todos os demais atribuíram a falta de tempo como justificativa da não participação nos projetos de esporte e lazer do Campus Januária.

*“Não participo porque não tenho interesse mesmo. – Por que? R: - Os esportes não me chamam a atenção. Não despertam o interesse. – Nunca despertou? R: - Já despertou. Em anos anteriores sim, agora... não” (NPM-01).*

*“Não participo porque o campus limita muito, né? A quantidade de alunos que podem participar desses... eventos, das práticas, então só mesmo na Educação Física” (NPM-07).*

*“É... Porque eu acho que eu ‘sô’ ruim nos esportes que eu tento praticar, aí eu não me animo muito assim para praticar lá no instituto. Ainda mais que quando tem as competições, por exemplo, os alunos levam a sério, tem*

*aquele negócio também de... não quero você no meu time, porque você é ruim. Aí, escolhe os outros, aí eu acabo num animando muito para jogar alguma coisa, para fazer algum esporte assim” (NPM-10).*

*“Primeiro, a falta de tempo e também eu dedico bastante algumas horas para estudar para o vestibular e outros tipos de cursos” (NPM-09).*

*“Porque acho que toma muito tempo extraescolar, a gente já passa o dia todo no campus, ainda tem que ficar mais à noite. Chega cansado em casa e aí dá trabalho para estudar” (NPM-08).*

*“Por questão de não sobrar tempo e nem concentração, porque você vai se concentrar para fazer prova, essas coisas, e tem que se concentrar para jogar, focar em campeonatos, essas coisas” (NPM-04).*

Aqui podemos observar que o NPM-01 teve poucas influências durante a adolescência que despertassem o interesse pelo esporte. Na tentativa de concluir o raciocínio e entender o desinteresse do entrevistado, a sua resposta foi apenas que *“não gosto mesmo”*.

A limitação de participantes nos projetos a que NPM-07 se refere está relacionada ao número de participantes que após o período de preparação viajam para as competições esportivas. Na observação e conversas informais durante os treinos de handebol e judô ficou bem claro para o pesquisador que, nessas duas modalidades, os treinos são livres para todos, portanto, no momento da competição, participam apenas aqueles que foram selecionados pelos professores, ou seja, que apresentaram rendimento satisfatório para serem selecionados.

O entrevistado NPM-10 se refere a sua não participação às condições técnicas que são exigidas nos treinamentos e, conseqüentemente, nas

competições. O fato de dizer “levar a sério” fica claro para nós que o entrevistado não se sente à vontade nos projetos, que têm características de preparação para competições, em que a técnica, os gestos corretos são exigidos. A técnica que ele expressa comparada com a maioria dos alunos que vão para os treinamentos acaba por desestimular a sua participação. Para outros alunos que também relatam sobre a falta de habilidade e que isso os impossibilita de participar, os mesmos alegam também que há uma “seleção natural”, acreditam que tem pessoas que já nascem para o esporte, e isso define quem participa ou não, ou seja, os mais habilidosos estão aptos e os não habilidosos não aptos, como podemos ver no próprio relato de NPM-02:

*“Falta tempo para participar, mas falta também um pouco de habilidade. Acho que é um pouco dos dois, né? Seleção natural. Tem pessoas que já nascem com aquela dedicação para o esporte e tal. E aqui tem também a questão da competitividade para sair para fora para jogar. E os professores querem os melhores para jogar e representar o instituto lá fora”* (NPM-02).

Como já falamos anteriormente, o esporte de competição pode ser vivenciado em diversos momentos da vida. E a escola é um espaço que tem por responsabilidade desenvolver projetos que atendam esse grupo de sujeitos, que por ora entendemos que são excluídos da prática.

Em outros momentos desse trabalho tratamos daqueles alunos que “teoricamente” são privilegiados por terem aptidão e demonstraram ser influenciados a investirem em suas habilidades por meio das práticas desenvolvidas nos projetos. Por outro lado, nesse momento do trabalho estamos tratando de um outro grupo de alunos que são teoricamente desprivilegiados por terem pouca ou nenhuma aptidão para participarem das práticas corporais

desenvolvidas nos projetos. Chamamos atenção para as falas dos alunos quando justificam a não participação, que, em algum momento das suas vidas ou até mesmo recentemente, foram tidos como aptos ou inaptos às práticas corporais.

De acordo com os estudos de Daolio (2006), ainda hoje há uma tendência na nossa área da Educação Física de colocar em oposição o que é natureza e o que é cultura, ou seja, o que é inato e o que é adquirido. Essa tendência tem por tradição entre os profissionais de Educação Física diferenciar os alunos pensando-os apenas como seres humanos que já têm aptidão para o esporte, deixando aqueles que por um motivo ou outro não tiveram oportunidade ou não foram incentivados à prática do esporte. Seguindo essa linha de pensamento, tal fato tem reflexo nos projetos de esporte e lazer, conforme a fala dos alunos não participantes dos projetos do IFNMG – Campus Januária.

Outras justificativas que são dadas pelos sujeitos entrevistados estão relacionadas à falta de tempo, como podemos observar nas falas dos entrevistados NPM – 09, 08, 04 e 02. A principal argumentação é quanto ao horário dos treinamentos que acontecem justamente após a jornada de oito aulas seguidas, e, na sequência, mais algumas horas dedicadas aos treinos, conseqüentemente, sobraria pouco tempo para os estudos, atividades escolares para casa, entre outros compromissos.

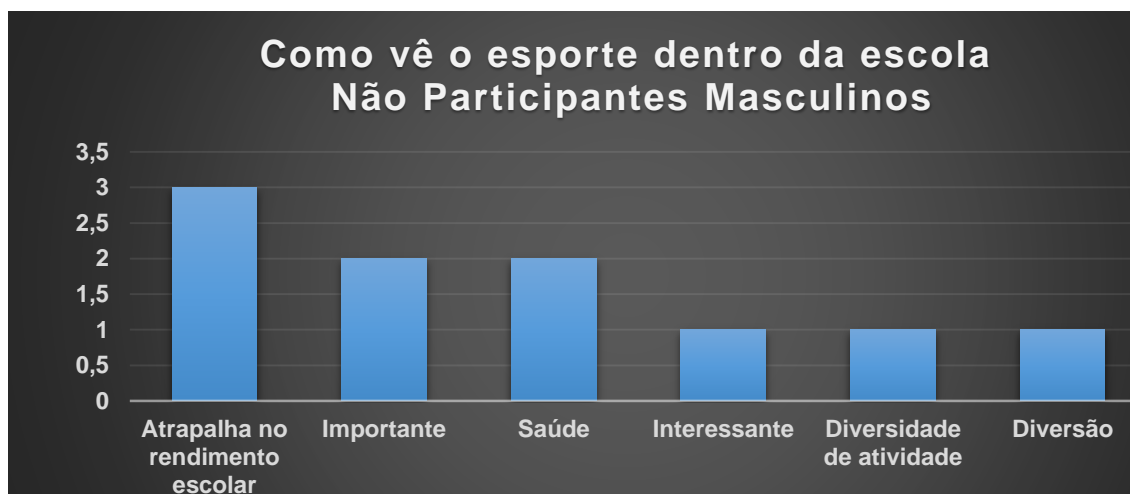
A segunda pergunta feita para esse grupo foi: “Em anos anteriores, já teve alguma experiência com práticas esportivas?” A maioria dos entrevistados respondeu que sim, apenas NPM 02 e 10 afirmam nunca terem tido experiência com as práticas esportivas no campus. Todos os outros já participaram de uma forma ou de outra dos treinos, da musculação, dos jogos interclasses, até mesmos dos Jogos Escolares de Minas Gerais. Afirmam que não participam

atualmente por motivo do tempo, pois eles têm que se dedicar aos estudos. Para os entrevistados, não há tempo suficiente para jogar ou participar de algum dos projetos esportivos na escola.

Na terceira pergunta, “Pratica ou já praticou alguma modalidade esportiva fora da instituição?”, apenas o NPM-03 disse que não pratica. Quando perguntamos por que, ele argumentou que dedica todo o seu tempo aos estudos. Quanto aos outros, as principais modalidades que são praticadas pelos sujeitos desse grupo de entrevistados fora da instituição são: futsal, futebol de campo, vôlei e peteca. Modalidades que tradicionalmente, em sua maioria, são desenvolvidas nas escolas e veiculadas pelos meios de comunicação de massa. Essas respostas são próximas dos alunos participantes dos projetos de esporte e lazer do campus. Para esse grupo de alunos, a justificativa de não participar dos projetos internos refere-se a alguns fatores como a exigência da técnica, o horário imposto nos projetos, no entanto, todos eles valorizam a importância dos projetos na instituição.

Na pergunta “Como você vê o esporte dentro da escola?”, as respostas se diversificam, como apresentaremos em seguida no gráfico 12, com as principais respostas:

Gráfico 12 – O esporte dentro da escola (NPM)



Os sujeitos NPM – 04,05 e 08 justificaram que o esporte na escola atrapalha os estudos, sobretudo o rendimento escolar, como podemos observar no gráfico acima. Em seus depoimentos, os alunos que vivenciam intensamente o esporte na escola preocupam-se só com as viagens, deixando as atividades escolares de lado, podendo, ao final do ano, apresentar problemas para serem aprovados.

*“Bom, o esporte na escola é uma coisa boa, porque estimula o aluno à prática do esporte, porque hoje em dia, tem muita pessoa obesa e temos que prezar por mais coisas saudáveis. Só que tudo isso é bom assim no papel. Para a nossa escola, que é de tempo integral, não dá certo, pois a maioria das pessoas que joga bastante disputa campeonatos, viaja, toma ‘pau’ no final do ano, a maioria” (NPM-04).*

Para o NPM-05, o esporte na escola tem dois lados: o lado bom e o lado ruim. O lado bom é que o esporte favorece e estreita as relações entre as pessoas, possibilita novas amizades, contribui na saúde das pessoas. Já o lado ruim é que boa parte dos alunos que participam dos projetos e viajam não tem



compromisso com os estudos. Isso tem prejudicado vários alunos em seu desempenho escolar.

Nesse sentido, o que podemos analisar é que, de acordo com as respostas dos sujeitos participantes, os jogos não afetam o desempenho escolar. Por outro lado, os que não participam têm posição contrária, quando em seus relatos dizem que o aluno atleta tem que se preparar para essa dupla responsabilidade no Campus. Concluimos que tal fato pode ser relativo, depende muito mais dos interesses dos alunos do que propriamente da participação nos projetos.

Os alunos entrevistados não participantes compreendem o esporte da mesma maneira que os alunos do grupo participante, atribuem aos esporte valores significativos às suas vidas, a diferença entre os dois grupos está diretamente relacionada ao sentido que cada um em particular atribui ao esporte. Na verdade, o que está em jogo é o significado que os projetos têm para cada sujeito no grupo e também para cada grupo em particular. O fato de os alunos escolherem participar ou não dos projetos esportivos não está diretamente relacionado em ter acesso à prática esportiva ou não, como vimos nas respostas anteriores desse grupo em que a maioria pratica alguma atividade esportiva. E essa forma democrática de escolha é importante, isso mostra a capacidade que os alunos têm de escolha para as suas atividades no âmbito do lazer.

Analisando não só a fala do NPM-05, mas no geral desse grupo, podemos perceber que existe uma preocupação muito forte com o rendimento escolar, ao mesmo tempo que o esporte é valorizado, que é interessante, que traz benefícios não só em uma visão biológica, mas humanista e cultural do esporte também. É importante que reflitamos sobre esse aspecto de como as instituições

de ensino podem contribuir com o esporte e a realização de ações no sentido da educação pelo lazer e para o lazer, a fim de orientar e contribuir com as práticas corporais dos sujeitos no ambiente escolar.

Ao questionarmos “Quais atividades os alunos fazem após as suas obrigações escolares?”, podemos observar nesse grupo que, o esporte e o lazer é bem presente em suas vidas, como podemos notar no gráfico 13 abaixo, mesmo sendo um grupo de não participantes dos projetos esportivos e de lazer, o que vem confirmar com as respostas anteriores apresentadas.

Gráfico 13 – Atividades após obrigações escolares (NPM)



Se bem analisarmos, o esporte e o lazer são as principais atividades desse grupo, pois praticar atividade física é presente tanto no esporte como no lazer. Assistir a filmes, sair com os amigos e descansar são atitudes que podem ser vivenciadas no tempo disponível, de acordo com os estudos de Marcellino (2013). Até mesmo os alunos que citaram estudar mencionaram também outras atividades e, a maioria delas estava relacionada às práticas corporais, principalmente o futebol. Assim analisadas as respostas, consideramos que os

alunos que não participam dos projetos de esporte e lazer do IFNMG – Campus Januária incluem em suas vidas fora do campus as práticas corporais no contexto do lazer.

*“Eu faço aula de direção alguns dias da semana, mas após a escola, a partir das 7 horas, jogo futebol até as dez horas da noite e só isso. O resto do tempo eu uso para estudar...”* (NPM-07).

*“Eu malho, faço academia, eu estudo como sempre, como todo mundo faz, e jogo bola, muitas vezes no SESC, que é umas oito horas, então procuro sempre jogar bola depois da escola mesmo”* (NPM-05).

*“Sair com os amigos, [...] estudar mais em casa, mexer na internet... é isso”* (NPM-10).

A maneira como os alunos relatam suas atividades após as aulas nos mostra que eles fazem suas atividades livres de qualquer obrigação e exigência de performance. Ao contrário, as atividades dos projetos esportivos de preparação para competição do campus, necessariamente, têm suas exigências de habilidades nas técnicas, para aperfeiçoá-las e colocá-las em prática no período de competição. Nas atividades realizadas por eles fora da escola não existe também a cobrança de horário, para serem realizadas e muito menos a frequência. Dito isso, a atitude dos alunos em procurar as atividades fora da escola atende alguns aspectos do conceito de lazer de Marcellino (2013) como o tempo e a atitude, além da satisfação que aparentemente os sujeitos demonstram em suas falas.

A sétima pergunta se refere ao conceito de esporte. A forma como os alunos compreendem o esporte é basicamente única. A maioria faz referência ao rendimento, além de relacionar o esporte quase sempre com a saúde ou como

uma função para se obter saúde, como podemos ver nas relações citadas por esse grupo no gráfico 14.

Gráfico 14 – Conceito de esporte (NPM)



Aqui podemos observar que os alunos fazem certa diferenciação do que é esporte e do que é lazer, do que é esporte de rendimento e do que é esporte recreativo.

*“Esporte, para mim, é tipo lazer. Tinha que ser algo sem muita pressão, sem tanta obrigação de sempre acertar, sempre fazer o certo, mas por divertir” (NPM-08).*

*“Acho que diversão, mas que ajuda as pessoas no corpo também, tipo, a circulação sanguínea, o psicológico, né? O esporte prepara o nosso físico” (NPM-09).*

Podemos notar que o entrevistado NPM-09 fala do esporte como diversão, em seguida, dos benefícios do esporte para a saúde. O esporte como diversão pode ser vivenciado no âmbito do lazer. Todos nós sabemos que o

esporte pode, sim, contribuir para a vida dos sujeitos trazendo também benefícios fisiológicos, conforme apresentamos na fala de NPM-09. Essa visão que o sujeito apresenta podemos considerar uma visão mais ampla sobre o fenômeno, de não apenas pensar ou compreender o esporte com sentido e significado único para todas as pessoas. O entrevistado, em sua fala, valoriza o lazer, valoriza os aspectos do esporte que se caracterizam como lazer.

O entrevistado NPM-08 fala do esporte como lazer, no entanto, toda a pressão por resultados presente no alto rendimento e que perpassa para as outras dimensões do esporte recreativo e o educacional é manifestada pelo entrevistado por meio de seu relato. Podemos notar que o sujeito se sente coagido pela pressão do esporte com base no alto rendimento, conforme Bracht (2005), que é a busca pela vitória a qualquer preço, pelo melhor tempo, por recordes, dentre outros fatores, que são predominantes no esporte de alto rendimento e que aqui é apontado no âmbito do lazer.

Esse modelo acaba por inibir e dificultar a participação dos sujeitos que não gostam desse tipo de pressão. A relação que a maioria dos sujeitos entrevistados faz com o esporte é com a saúde, o treinamento, exercícios físicos, atividade física.

*“Esporte, para mim, é saúde, vida, mais energia” (NPM – 10).*

*“Para mim, o esporte é muito importante por causa, principalmente, da saúde, né? Porque aí a gente vê que muitas pessoas não levam um estilo de vida tão bom por falta do esporte no cotidiano, né?” (NPM-07).*

O que queremos destacar é que a visão predominantemente do esporte em uma direção para o alto rendimento e centrada nas ciências biológicas não é a única forma para compreender o fenômeno. Dizer que o esporte é vida, é

saúde, entre outros jargões que existem referentes ao esporte, é um tipo de relação questionável. Temos que primeiro refletir de qual esporte estamos falando e quem e como estamos usufruindo desse esporte que “salva vidas”.

Partindo das ideias de Bento (2006) e Garcia (2015), a centralidade de entendimento do fenômeno esportivo tem que partir do ser humano e, por meio de suas técnicas e das suas capacidades corpóreas. A escolha é livre para os sujeitos, conforme Bento (2006), seus corpos serão moldados de acordo com as modalidades por eles escolhidas. Essa referência de práticas é que defendemos, que os sujeitos são todos diferentes e que os profissionais não podem homogeneizar suas práticas e exigir igualmente que todos tenham a mesma performance quando exigidos. Esse fato inibidor é excludente.

Assim como os nossos entrevistados sentiram dificuldade para definir o esporte, para conceituar o lazer não foi diferente. Os entrevistados nesse grupo relacionaram o lazer com diversão e com atividades sem obrigação, como podemos observar no gráfico 15.

Gráfico 15 – Conceito de lazer (NPM)



Para o conceito de lazer fica claro no gráfico acima que o mesmo pode, sim, ser diversão – como uma atividade sem obrigação ou apenas o brincar. Mas compreendemos que o lazer em sua essência vai além do simples brincar. Baseando-nos nas ideias de Marcellino (2013), para usufruir do lazer em sua plenitude tem que ter a livre escolha de uma atividade em particular, praticada no tempo disponível que proporcione descanso físico e mental, o divertimento e o desenvolvimento pessoal e social. Para alunos do Ensino Médio, é importante que tenham uma compreensão mais ampla do lazer, para que possam reivindicar e usufruir do fenômeno em sua plenitude nos momentos livres de sua vida.

*“Ah! Eu considero o lazer como uma diversão, deixa a pessoa mais alegre, sei lá... Ah! Seria juntar um grupo de amigos e jogar, se divertir com algum tipo de esporte, como por exemplo, vôlei na praia, algum tipo de lazer”* (NPM-09).

*“Lazer, no meu conceito, é aquilo que você tem vontade de fazer por diversão. Você tem prazer em fazer. Como, por exemplo, jogar bola é um lazer, é uma coisa que te faz bem”* (NPM-07).

*“Lazer, para mim, é você não ter essa pressão para ganhar. Você faz porque você gosta, por gostar mesmo”* (NPM-04).

*“O lazer, para mim, é uma parte assim, meio sem regras, ao contrário do esporte... você joga ali do jeito que você quer, brinca do jeito que você achar mais agradável a você. No esporte, se você for levar a sério tem regras, você tem que seguir parâmetros, você tem que jogar de chuteiras, já no lazer você pode jogar descalço, do jeito que você achar melhor”* (NPM-06).

Essa forma de como o entrevistado NPM-06 vê o esporte expressa o modelo do alto rendimento. O fato de ele relativizar uma prática “sem regras” é

uma forma em que ele compreende e diferencia o esporte de rendimento com o esporte praticado no âmbito do lazer.

Para o NPM-04, o fato de “não ter pressão para vencer” e fazer porque gosta, está relacionado ao fato da diversão, do fazer pela atividade em si. Da mesma forma que NPM-04 entende o lazer, todos os demais tiveram como seu principal entendimento do lazer a diversão, como podemos notar em algumas falas dos sujeitos entrevistados citadas acima, do NPM-09 e 07.

O entendimento de lazer apenas como uma diversão é uma visão um tanto quanto restrita desse fenômeno sociocultural. Esse entendimento que predomina no grupo é o mesmo que os demais grupos entrevistados. Algo muito presente em todas as falas apresentadas até então é o fato de terem citado como exemplo quase sempre atividades relacionadas ao interesse físico-esportivo do lazer. Abaixo veremos algumas falas que apontaram outros interesses como o artístico, social e o turístico.

*“Ah! O lazer, para mim, é tipo mais uma brincadeira ... tocar violão, [...] tem pessoas que gostam de nadar, tem pessoas que gostam de sair, tem pessoas que gostam de estudar, para essa pessoa, estudar pode ser um lazer, já para outra é uma obrigação” (NPM-03).*

*“Para mim, lazer é um tipo de diversão, tipo de distração, mas nem sempre pode ser só se exercitando. Você pode estar sentado jogando dama, dominó, para mim, também é um tipo de lazer. Até mesmo parado, por exemplo: sentado assim vendo a paisagem também é um tipo de lazer, você está distraído ali, é um tipo de lazer” (NPM-01)*

Como podemos observar, apenas esses sujeitos entrevistados no grupo deram como exemplos outras atividades que não compõem somente o



conteúdo físico-esportivo, como tocar violão, que está relacionado ao interesse artístico, sair com os amigos, como o interesse social, ver a paisagem – contemplação, essas classificações não são estanques e podem variar, estamos aqui apenas tentando situar o leitor no que se refere aos interesses e à compreensão do lazer quando eles se utilizam de exemplos para expressar o conhecimento sobre o fenômeno.

NPM-03 cita como exemplo “pessoas que gostam de estudar” e em seu entendimento é lazer. O fato de gostar ou não gostar de qualquer coisa não irá definir se ela está vivenciando atividades no tempo disponível. De acordo com Marcellino (2012), o lazer depende de duas categorias fundamentais: tempo e atitude. Se no exemplo fosse uma leitura de livro científico no tempo “livre” e em caráter desinteressado, poderia ser considerada uma atividade no contexto do lazer, pois estaria classificada nos interesses intelectuais, e por essa leitura o indivíduo poderia ampliar seu conhecimento prévio. Ainda de acordo com o mesmo autor, consideramos as funções do lazer como o descanso, o divertimento e a leitura, nesse, como exemplo, poderá contribuir para o desenvolvimento pessoal e social do sujeito e irá depender da atitude do mesmo. Isso pode ser considerado em todas as demais atividades do contexto do lazer.

A penúltima pergunta está relacionada aos significados que os alunos Não Participantes Masculinos atribuíram às práticas de esporte e lazer no IFNMG - Campus Januária. No gráfico 16, podemos notar que os entrevistados atribuem diversos significados às práticas. As principais delas e que foram mais presentes nas respostas foram diversão e saúde.

Gráfico 16 – Significados das práticas de esporte e lazer (NPM)



Podemos observar que os significados atribuídos estão relacionados diretamente com as influências culturais vivenciadas anteriormente, pois, em sua maioria, os entrevistados já tiveram experiências com o esporte e com o lazer fora e dentro da instituição na qual se inserem. Assim, eles têm subsídios para atribuírem valores e sentidos às práticas de esporte e lazer no ambiente em questão.

A maioria dos sujeitos atribuiu mais de um significado às práticas. A distração no sentido de divertimento no momento de lazer foi a mais presente, mas quase todos atribuíram o divertimento como função de aliviar o estresse, para “distrair a mente”, ou “esfriar a cabeça dos estudos”, pois “tira a tensão dos estudos”, como colocam em suas falas os entrevistados NPM-01, 02, 05, 06 e 10.

*“Eu acho que significa ter um momento de distração, né? Um momento de você, às vezes, esfriar a cabeça do dia inteiro estudando” (NPM-01).*

*“Para mim, é um tempo de distrair a mente. Muitas vezes é ruim para a pessoa pensar só no estudo, então, o esporte é como se fosse uma distração...”*  
(NPM-05).

Como já falamos anteriormente, todos os grupos até aqui entrevistados valorizam os projetos de esporte e lazer, no entanto, observamos que os alunos expressam uma visão funcionalista das atividades do âmbito do lazer na escola. Como nos mostra (MARCELLINO, 2013), tal visão refere-se ao fato de desenvolver uma atividade no tempo disponível com a finalidade de compensar o cansaço ou o stress causado pelo tempo de trabalho, no caso dos alunos entrevistados, no tempo das atividades escolares.

Para os entrevistados NPM-03 e 07, as práticas significam entreter os alunos para uma vida mais saudável, melhorar as condições físicas.

*“Para mim, significa entreter mais os alunos, tipo, em questão do esporte, para os alunos terem uma vida saudável, tipo, não ser aquela pessoa sedentária. E o lazer, lá na escola, tem pintura e escultura para a pessoa relaxar a mente, não ficar tão vidrado, já que ficamos mais na escola do que na casa da gente, para ficar mais confortável no ambiente escolar, já que lá é nossa casa”*  
(NPM-03).

*“Na minha opinião, significa melhorar as condições físicas por causa da saúde dos alunos. A escola deveria dar mais atenção para esse lado”* (NPM-07).

O entrevistado NPM-03 considera a escola como uma segunda casa e acredita que as práticas de esporte e lazer são fundamentais para tornar o ambiente mais suave, mais tranquilo, menos doloroso para eles, uma vez que tanto o esporte como o lazer estão relacionados à saúde dos sujeitos.

*“Acho que promover a prática esportiva, a integração entre os alunos e também talvez descobrir novos talentos para representar o Brasil mesmo, né?”* (NPM-01).

*“É [...] incentivo. Incentivar o esporte para a saúde, só que muitas vezes só o incentivo não vai dar certo por questão da carga horária, que é muito grande”* (NPM-04).

*“[...] nas outras escolas aqui de Januária você não vê uma escola assim que tem treinamento de natação, de atletismo, entendeu? Então, significa aprendizagem de novas modalidades e oportunidades de participar dos campeonatos de fora, né? Isso estimula a pessoa a querer jogar e viajar”* (NPM-06).

Os entrevistados NPM 01, 04 e 06 falam em oportunidades, incentivos e socialização. Eles valorizam os projetos como oportunidade de aprenderem novas modalidades, de fazerem viagens, de conhecerem novas pessoas, de incentivo à prática de esportes por meio do alto rendimento como possibilidade de representação do Brasil, veem também o esporte com a finalidade de obtenção de saúde e a prática como promoção da socialização entre os participantes.

Como podemos notar, alguns fatores se repetem na maioria dos entrevistados desse grupo e em grupos anteriores já apresentados. A grande maioria relaciona as práticas como meio de aliviar o estresse do cotidiano escolar e sempre direcionando as práticas para melhorar as condições de saúde por meio das atividades físicas citadas por eles. Não obstante, outros atribuem as práticas a oportunidades de vivenciar as relações interpessoais, oportunidades de aprendizagem, de conhecer novos lugares devido às viagens, embora restritas a

um número de alunos selecionados, como alguns manifestam ao longo dessa apresentação dos resultados obtidos até então.

Entre os entrevistados desse grupo, umas das respostas que nos chamou a atenção foi do entrevistado NPM-08 por responder que as práticas nos projetos de esporte e lazer do campus não significam nada, depois pela forma como ele deu a resposta. Foi imediata e com uma certa frustração. Ao perguntarmos o por quê, ele justificou que em anos anteriores se apegou muito às práticas esportivas e não conseguiu um desempenho satisfatório nas atividades escolares, o que acabou lhe custando um ano letivo pelo fato de ter sido reprovado.

Para o NPM-08, as práticas esportivas são muito valorizadas pelos professores de Educação Física, os quais estariam muito mais preocupados com o bom desempenho do “atleta”, com o bom rendimento da equipe, do que com o “aluno” que tinha uma jornada dura de aulas, trabalhos e provas. Era esquecido, como podemos verificar nas próprias falas do aluno:

*“Para mim, hoje significa nada. - Por que? R: - Por tudo aquilo que já... vinha falando, né? Que eu vi que quando eu me apeguei muito eu não consegui nada mais na escola, que num tinha uma certa cobrança do professor, já pensou se o professor viesse e falasse para você continuar no time, você tem que melhorar sua nota e tal ... aí o aluno talvez se empenhasse nos dois e conseguiria, mas num tem isso também. Só que você vai para o time.*

As práticas esportivas, culturais, sociais e de lazer em uma instituição de Ensino Técnico Integral, como é o caso da instituição pesquisada, em vias de regras, acontecem após as atividades curriculares. Quando algum evento esportivo, por exemplo, os Jogos Interclasses, interferir no cotidiano da instituição

provocando uma alteração no horário regular de aulas, esse fato não vem causar nenhum prejuízo aos alunos quando toda a escola está envolvida com o projeto.

No entanto, quando se trata de treinamentos para competições externas, como é o caso do JIFENMG – Jogos dos Institutos Federais do Norte de Minas Gerais, JEMG – Jogos Escolares de Minas Gerais, entre outras competições e suas etapas sequenciais, os alunos atletas têm que ter uma dedicação maior nos estudos, pois em determinados períodos do ano letivo terão que acompanhar sua equipe em viagens. Caso aconteça no período de viagens atividades avaliativas, o mesmo terá seu direito resguardado de ser avaliado posteriormente, e isso tem que ficar bem claro para os alunos, para os profissionais de Educação Física e, principalmente, para departamento de ensino entre diretores, coordenadores, professores e técnicos administrativos envolvidos, sendo que pais, como parte da comunidade escolar e responsáveis pela maioria dos alunos do ensino médio, são também cientes das responsabilidades que assumem quando optam por deixar que seus filhos representem a instituição em eventos extracurriculares.

Na última pergunta sobre complementar algumas das respostas ou falar algo, os entrevistados NPM 07 e 10 sugerem que o Instituto Federal do Norte de Minas Gerais deveria dar mais atenção aos projetos esportivos e de lazer em benefício do bem-estar dos alunos. Relatam também a ampliação dos projetos, aumentando o número de modalidades e de participação nas competições esportivas.

O grupo dos entrevistados não participantes masculinos é ativo no que se refere à prática esportiva e de lazer, eles valorizam os projetos desenvolvidos no campus, compreende o esporte e o lazer da mesma forma que o grupo dos

alunos participantes com respostas similares, no entanto, apresentam alguns pontos que ao longo das entrevistas justificam porque é um grupo caracterizado como não participantes dos projetos de esporte e lazer. Alguns desses aspectos são a falta de interesse pessoal, outros acreditam não ter habilidades suficientes para estar envolvidos nos projetos e a maioria deles atribui à falta de tempo, pois procuram se dedicar aos estudos.

Podemos observar também que existe uma frustração em alguns alunos que gostariam de se envolver mais com os projetos, mas que não o fazem por acharem desprestigiados pela pouca habilidade que têm. Estes, por sua vez, já até tentaram se inserir no grupo. Mais uma vez entendemos que o envolvimento da instituição como um todo nos projetos é de suma importância, com a capacidade de envolver um número maior de participantes valorizando as capacidades individuais dos sujeitos, respeitando não só os aspectos biológicos (natureza) como também os aspectos culturais que os capacitam para as práticas esportivas. Obviamente não deixando de lado o duplo processo educativo do lazer, com a finalidade de ampliar a compreensão dos alunos sobre o mesmo, que é, em nosso entendimento, dever da escola.

### **7.2.2 Não Participantes Femininos**

O grupo Não Participantes Feminino dos projetos esportivos e de lazer do Campus Januária é constituído por alunas que ainda não participaram de nenhum dos projetos específicos para o esporte e o lazer já desenvolvidos na instituição. As entrevistadas selecionadas são todas do regime externo, dos

terceiros anos dos cursos de Informática e Agropecuária, com idades entre 16 e 18 anos, como podemos ver no quadro 4.

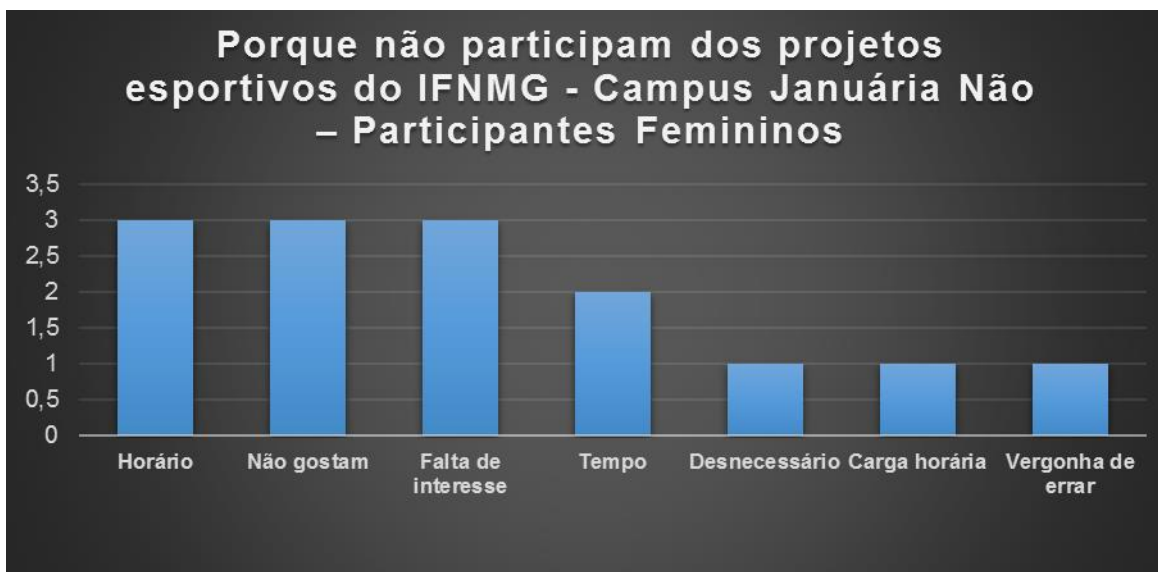
Quadro 4 – Especificações das entrevistadas Não Participantes Femininos (NPF)

Entrevistadas	Série	Curso	Regime	Idade
NPF – 01	3º ano	Informática	Externo	17 anos
NPF – 02	3º ano	Agropecuária	Externo	18 anos
NPF – 03	3º ano	Informática	Externo	17 anos
NPF – 04	3º ano	Agropecuária	Externo	18 anos
NPF – 05	3º ano	Informática	Externo	17 anos
NPF – 06	3º ano	Informática	Externo	16 anos
NPF – 07	3º ano	Informática	Externo	16 anos
NPF – 08	3º ano	Informática	Externo	16 anos
NPF – 09	3º ano	Agropecuária	Externo	17 anos
NPF – 10	3º ano	Informática	Externo	17 anos

Na primeira pergunta que fizemos para esse grupo, “por que não participam dos projetos esportivos do Campus Januária?”, as respostas para esse grupo foram bem diversificadas, diferentemente dos meninos não participantes, que focaram suas respostas na falta de tempo. De acordo com o gráfico abaixo, procuramos identificá-las e colocá-las justamente como foram especificadas nas entrevistas.



Gráfico 17 – Porque não participam dos projetos de esporte e lazer do campus (NPF)



Procuraremos interpretá-las por bloco. Primeiramente, o bloco de respostas sobre a falta de tempo, a carga horária de aulas e os horários que os projetos são realizados. A entrevistada NPF – 01 desse bloco disse que assim que terminam as aulas do período da tarde iniciam-se os treinamentos, daí fica difícil para ir embora, e afirma ainda que até gostaria de participar, mas pela dificuldade que tem para retornar prefere não participar. Para a NPF – 05, as práticas esportivas ocupam muito tempo, como tem muita prova e muito trabalho, não participa. A relação carga horária de aulas e tempo para se dedicar a ambos é o problema também para a entrevistada NPF-08.

*“Primeiro que é o dia todo estudando aí, e assim tem os treinos, né?, do... do esporte. E para ir embora fica muito difícil, até que eu tenho vontade de participar de um treino assim, aí. Na hora de ir embora fica muito difícil, então, eu prefiro...não participar” (NPF-01).*

*“Eu acho que é mais pela relação da carga horária, que fica muito puxado e acaba num dando tempo de dedicar muito para esse tipo de atividade”* (NPF-08).

Para esse primeiro bloco, o fator tempo para as obrigações institucionais (escolar) e o tempo disponível para as atividades de esporte e lazer são os principais problemas para as alunas. Assim como as condições para que elas possam retornar para casa, pois dependem de transporte e não é sempre que o transporte está disponível para esse fim. Observamos que é necessária uma política em nível institucional que minimize essas dificuldades para favorecer a participação de um número maior das alunas nos projetos. Podemos entender tal fato como uma barreira para as alunas em questão.

O fato de a escola ficar distante do centro da cidade e dos treinos terminarem a noite contribuem para que as alunas não se sintam seguras para retornar para suas casas como parte dos alunos participantes o fazem, retornando de bicicleta, que também não é tão seguro assim.

Outras justificativas que são apontadas pelas alunas referem-se ao não saber jogar, ao medo de errar, de serem observadas, como é o caso de NPF – 04 e 09.

*“É porque eu não sei jogar ... (Risos). Não sei jogar jogo nenhum”* (NPF-04).

*“Na verdade, é porque eu não sei jogar nenhum tipo de esporte e quando eu entrei no IFNMG aquela pressão toda me dava vergonha de jogar e errar, aí eu nunca mais participei, nem da Educação Física”* (NPF-09).

Como podemos observar nos dois relatos acima, as justificativas estão relacionadas ao fato do esporte, que é praticado nos projetos, ter como referência

os gestos corretos e perfeitos do alto rendimento. Os projetos têm como objetivos claros a participação em competições, alunos mais tímidos que não tiveram em anos anteriores uma vivência dentro da cultura corporal de movimento, influenciados seja em casa ou na Educação Física, terão dificuldades para participar de práticas que expõem as expressões corporais dos sujeitos. Como já dissemos em momentos anteriores neste trabalho, devemos estar atentos a estes fatos pois questionamos: como podemos resgatar sujeitos como as duas entrevistadas que não se sentem confortáveis em práticas corporais? Tais fatos merecem uma reflexão mais profunda no que se refere às práticas no ambiente escolar. E, mais uma vez, recorreremos às ideias de Bento (2006), quando fala das técnicas individuais, e de Garcia (2015), que procura nos mostrar que devemos primeiro compreender o ser humano. A partir de então, intervir na vida dos sujeitos diversificando as práticas corporais para que eles sintam interesse e prazer em praticar uma determinada atividade.

Não adianta impor ou exigir das alunas que todas tenham a mesma técnica e que todas alcancem os mesmos objetivos de forma homogênea, é necessário que os profissionais de Educação Física saibam que cada sujeito tem o seu tempo de aprendizagem e de desenvolvimento corporal.

A falta de interesse e os estilos de vida e os gostos diferentes são elementos presentes neste grupo. São aquelas entrevistadas que não gostam, que não se interessam pela prática, como é o caso da maioria das meninas desse grupo NPF 02,03,06 e 07.

*“Por preguiça e porque eu não me encaixo muito em nenhum. Acho que não é algo que eu goste, o esporte...” (NPF-02).*

*“Ah, eu acho que não é tanto por causa de oportunidade, mas é falta de interesse mesmo” (NPF-03).*

*“Hum, porque eu não sou muito fã de esportes e outra porque eu prefiro mais estudar e, como minha mãe sempre me falava, que eu acho que, às vezes, esporte demais sempre é uma perda de tempo” (NPF-07).*

Todas as justificativas acima têm reflexos na pouca ou nenhuma experiência em anos anteriores com as práticas esportivas, referente à segunda questão da nossa pesquisa. A maioria das alunas que afirmam não ter tido nenhum interesse de participar dos projetos de esporte e lazer na primeira questão são praticamente as mesmas NPM - 02, 03, 05, 08, 09 e 10 que responderam simplesmente “Não”, quando perguntamos se em anos anteriores ao IFNMG – Campos Januária tiveram alguma experiência com as práticas esportivas. Essas afirmações, quando confrontadas com as experiências, justificam suas respostas, a falta de interesse.

O desinteresse pelos projetos de esporte e lazer manifestado pela maioria das alunas e a pouca experiência vivenciada por elas em anos anteriores têm como principais causas o seu contexto histórico, social e cultural. O desprestígio da Educação Física Escolar nas séries iniciais, depois nas séries intermediárias do 6<sup>o</sup> ao 9<sup>o</sup> Ano, também tem provocado tal desinteresse.

Em um estudo sobre o desinteresse dos estudantes pelas aulas de Educação Física em uma escola de ensino público do estado do Mato Grosso, realizado por Tenório e Silva (2015), observa-se que os fatores que levam ao desinteresse dos estudantes para a realização das práticas corporais são, em síntese, decorrentes de uma série de elementos, dentre eles a falta de intervenções dos professores de Educação Física durante as aulas, deixando os

alunos à vontade para fazerem o que querem e da forma como querem. Aulas repetidas sem nenhuma novidade, quase sempre predominando as modalidades tradicionais como o futsal e o voleibol. Em consequência, os mais habilidosos e os que pertencem ao grupo de amigos dos alunos formam suas “panelinhas” durante as aulas, excluindo parte dos alunos que não se encaixam nesse grupo social. Para os autores Tenório e Silva (2015), os alunos, desde muito cedo, não foram alfabetizados nos conteúdos da cultura corporal e esse problema perpetua para as séries seguintes chegando ao Ensino Médio sem nenhuma motivação ou interesse pelas práticas corporais ou atividades relacionadas, como é o caso dos projetos de esporte e lazer.

Cruz de Oliveira (2010) destaca três pontos que interferem no desinteresse dos alunos para as aulas de Educação Física: intervenções pedagógicas, a falta de habilidade dos alunos e a exclusão natural por não pertencerem ao grupo de alunos que lideram as aulas, geralmente os mais habilidosos ou os mais fortes e, predominantemente, meninos.

No entanto, Para Daolio (2006) a diferença entre meninos e meninas é um fato social. Em um de seus textos, “A construção cultural do corpo feminino, ou o risco de transformar meninas em ‘antas’”, o autor aponta que ao longo de suas vidas, as meninas são educadas para terem atividades que envolva o maior nível de passividade, como assistir televisão, fazer algo que elas não se desgastem, que envolva o mínimo de força, velocidade, destreza, até o fato de suar é algo que interfere nas práticas de atividades no contexto do lazer e, por algumas sentirem nojo de suar. O autor para elucidar o fato, cita como os pais se preparam para receberem seus filhos que vão nascer. Para os meninos, camisas de time, chuteiras, bolas e mais tarde seus filhos homens são influenciados às

brincadeiras mais extravagantes como carrinho de rolimã, skate, futebol, entre outras, enquanto para as meninas, os pais a recebem com toda a delicadeza e cuidados e seus brinquedos e brincadeiras são bem menos extravagantes como bonecas, utensílios domésticos em miniatura. Essa construção cultural se perpetua em meio a sociedade como um todo. Diante do que as nossas entrevistadas falam podemos estabelecer relações com esse fato social que Daolio (2006) discute.

Para a terceira pergunta sobre: “Pratica ou já praticou modalidades esportivas fora do IFNMG – Campus Januária”, as entrevistadas desse grupo, NPF – 02, 03, 04, 06 e 09, responderam não e, as demais responderam sim. As alunas que responderam sim citaram as aulas de Educação Física na escola em anteriores como espaço para as práticas esportivas.

Na quarta pergunta, “Como vê o esporte dentro da escola?”, as alunas entrevistadas citam como elas compreendem o esporte na escola. Tivemos respostas que se complementaram, uma ou outra que desfocou da compreensão das demais como, por exemplo, dizer que as práticas esportivas na escola atrapalham os estudos. No quadro abaixo apresentaremos as palavras que mais repetiram na compreensão sobre o esporte dentro da escola.

Gráfico 18 – O esporte dentro da escola (NPF)



Procuramos no gráfico acima colocar todas as palavras que as entrevistadas atribuem ao esporte dentro da escola. Assim como nas respostas anteriores, há uma similaridade com as respostas dos meninos não participantes, a diferença é que os meninos veem o esporte na escola como uma diversidade de atividades escolares enquanto as meninas veem o esporte na escola como forma de socialização e oportunidades, todas as outras respostas são idênticas às do grupo dos alunos masculinos não participantes.

De modo geral, as alunas desse grupo entendem que o esporte dentro da escola é importante, pois proporciona oportunidades a aqueles alunos que se interessam pela prática no sentido de estarem melhorando suas condições físicas por meio dos treinos, praticando o que gostam e ainda com a possibilidade de viajar e conhecer novos lugares e pessoas. No entanto, NPF – 01, inicialmente, diz que as práticas esportivas na escola são *“mais um lazer”*, só que ela entende que tais práticas atrapalham os estudos, principalmente no período de provas. Vejamos a seguir alguns relatos que afirmam os fatos supracitados:

*“Tipo, eu acho muito interessante, pois é uma forma de você conhecer, interagir com mais pessoas da escola e também distrai um pouco da rotina da escola que, por sinal, é muito pesada” (NPF-09).*

*“Dentro da escola. Para quem gosta, é uma boa oportunidade de se divertir, tanto fazendo amizade e também para a saúde, porque o esporte também faz muito bem para a saúde” (NPF-07).*

*“Eu acho muito interessante, porque dá muita oportunidade para os alunos viajarem, conhecerem outros lugares, competirem em outros lugares, acho bem legal” (NPF-05).*

Podemos notar que as entrevistadas não participantes têm uma posição de quem pratica, mas não se incluem nos projetos, suas respostas são similares às dos alunos do grupo dos participantes dos projetos. Elas entendem a importância que o esporte tem dentro da escola, atribuem valores que contribuem para o bem-estar dos alunos e até da instituição quando dizem que o esporte promove a socialização e amizades. Mas tudo isso para aqueles que gostam, o que não é o caso delas.

Assim como na maioria dos demais grupos, o entendimento de esporte em uma visão recreativa quando dizem que esporte é lazer, é diversão, também notamos uma visão compensatória. O esporte para a saúde, para alívio do estresse, para quebrar a rotina.

Na pergunta sobre “Quais atividades realizam após as obrigações escolares?”, a maioria das entrevistadas disse que pratica mais de uma e, entre elas, a que predominou, assim como nos demais grupos, foi estudar. Como podemos comprovar no gráfico abaixo.



Gráfico 19 – Atividades após obrigações escolares (NPF)



Estudar foi citado pelas entrevistadas NPF – 02, 03, 04, 07,08 e 09, dormir foi citado pelas entrevistadas NPF – 01, 02, 03 e 10, as alunas que preferem assistir à televisão são as mesmas que gostam de ficar navegando na internet como uma atividade após as obrigações escolares, NPF – 06 e 09, as entrevistadas NPF – 05 e 08 vão à igreja e NPF – 04 vai namorar.

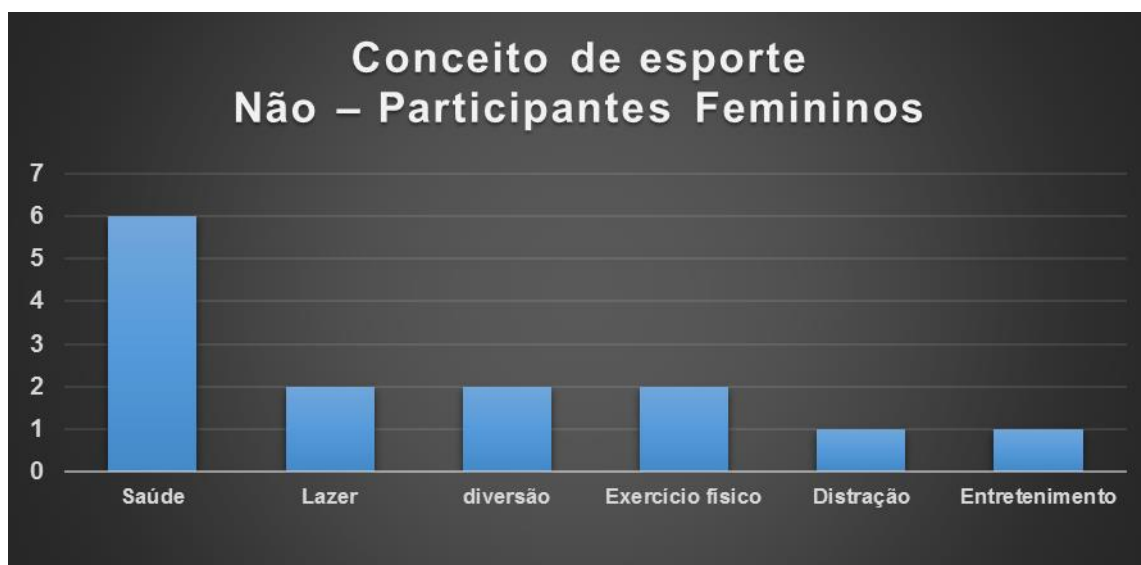
Diante da diversidade de atividades que são apresentadas para o grupo feminino de não participantes concluímos que a opção estudar aparece em maior número tanto no grupo dos não participantes masculinos quanto no feminino, portanto, nas demais atividades há uma diferença entre os grupos. Enquanto os meninos procuram por atividades físicas, sair com amigos e ver filmes, as meninas procuram dormir, ver televisão, conectadas na internet e ir para a igreja.

Tais características configuram como a sociedade contemporânea, no que se refere à cultura de apropriação do lazer, tem sido machista. De acordo com Marcellino (2012), um dos fatores para as barreiras do lazer é o gênero, no

sentido de masculino e feminino. Para o autor, as mulheres são menos favorecidas ao lazer do que os homens, pela dupla jornada de trabalho, principalmente após o casamento e pelas obrigações familiares. No entanto, observando os dois grupos entre meninos e meninas adolescentes tal fato sociocultural já tem indícios na adolescência, como já apontamos anteriormente.

A sétima questão era: “Qual o conceito que você tem de esporte?”, a forma como maioria das alunas não participantes compreendem o esporte aproxima-se muito do restante dos demais grupos, relacionando-o à saúde, à atividade física e como forma de diversão, distração e lazer. Procuramos identificar cada palavra que foi atribuída ao esporte no gráfico abaixo para depois apresentar suas aproximações de acordo com as falas das entrevistadas.

Gráfico 20 – Conceito de esporte (NPF)



O entendimento do esporte em benefício apenas da saúde é comum entre as pessoas em consequência do que é veiculado pela mídia, fazendo referências e associações com a saúde. Esse entendimento com o que já

comentamos há pouco e em outros momentos nesse trabalho é uma visão restrita, pois o esporte tem muito mais a contribuir do que simplesmente ser uma receita para o bem-estar físico e/ou mental. Nesse sentido, podemos observar nas falas das alunas entrevistadas desse grupo que é necessário uma melhor compreensão do fenômeno quando elas dizem que:

*“Esporte, para mim, é saúde, movimentar, exercitar...”* NPF-02

*“No meu conceito, eu acho que esporte é uma coisa que envolve saúde, necessário, eu acho que é necessário porque, porque eu acho que você melhora sua condição física, tudo, tudo fica melhor com o esporte, até o estresse alivia um pouco”* (NPF-06).

*“Eu acho que esporte é uma atividade para nós cuidarmos do... da saúde e aprimorar mais as coisas relacionadas à saúde, distrair a mente, questão de lazer também, né? Eu acho que é isso”* (NPF-08).

Em outras falas, as entrevistadas diversificam um pouco a definição acrescentando alguns elementos para o entendimento do fenômeno como divertimento, como uma forma de lazer, atividades físicas.

*“Algo prazeroso ... porque você se diverte, traz divertimento”* (NPF-09).

*“Esporte, eu acho que é [...] forma de lazer, pode ser uma forma de saúde, né?, tipo assim, que a pessoa tem que praticar esporte.”* (NPF-10).

*“Ah, esporte para mim é jogar. Caminhar e assim afastar também desse mundo, dos problemas, o esporte, para mim, é isso.”* (NPF-01).

Podemos notar que nas falas das alunas o que predomina é a visão do esporte vinculado à saúde. No entanto, as mesmas alunas apresentam outras formas que os sujeitos poderiam apropriar-se do fenômeno, como é o caso de

NPF – 09, que vê o esporte como algo prazeroso e divertido. Da mesma forma, a entrevistada NPF – 10 entende como uma forma de lazer.

Essas respostas apontam para o esporte que é vivenciado no tempo disponível das pessoas, livre das exigências das regras e das burocratizações exigidas pelo esporte de rendimento. Ao olhar para o esporte por esse ponto de vista, as alunas identificam-no como uma prática que tem diversos significados. De acordo com Stigger (2002), seria uma visão sociocultural heterogênea, ou seja, usufruir do fenômeno esportivo sob uma diversidade de significados.

Buscamos também nesse grupo a compreensão do lazer por meio da pergunta “O que é lazer para você?” Como podemos ver abaixo no gráfico, primeiramente sintetizamos todas as palavras que foram ditas no momento das entrevistas relacionadas ao entendimento de lazer, em seguida, apresentamos as falas e as interpretações para esse grupo.

Gráfico 21 – Conceito de lazer (NPF)



As alunas entrevistadas desse grupo citaram várias palavras diferentes, portanto, com os mesmos sentidos. Como podemos notar o entendimento do lazer como diversão é pioneiro aqui e nos demais grupos. Foram seis alunas que relacionaram o lazer com o divertimento.

*“Lazer? São exercícios mais ligados à diversão, que não precisam tanto de uma... de um regulamento”* (NPF-03).

*“Diversão, essas coisas assim, alguma coisa que você faz e se diverte”* (NPF-05).

*“Eu acho que isso daí é muito relativo, depende muito da pessoa, porque muitas pessoas vão ver o esporte como forma de lazer, como uma forma de se sentir melhor, e já outras não, né?, vão preferir festas, outras atividades, depende muito da pessoa”* (NPF-08).

Notamos que quando a entrevistada NPF – 03 fala da atividade ligada à diversão e sem regulamento está se referindo às práticas esportivas que podem ser vivenciadas no momento de lazer, livres das regras burocráticas do esporte de rendimento. Essa compreensão do esporte só pode ser vivenciada a partir do momento que desburocratizamos o esporte, assim como diz NPF – 03.

Na fala da NPF – 05, a visão restrita do lazer está apenas no divertimento. De acordo com a teoria dos três “D” de Dumazedier (1975), para que possamos usufruir do lazer em toda sua plenitude, precisamos contemplar o divertimento, o descanso e o desenvolvimento pessoal e social, como já falamos nas interpretações anteriores. NPF – 08, demonstra ter um entendimento mais completo, primeiro ao dizer que para vivenciar o lazer depende da pessoa, ou seja, da atitude da pessoa, ver o esporte, ou assistir a uma partida de futebol, por

exemplo, pode ser a assistência ao esporte. Quando ela cita ir a festas é uma outra possibilidade de vivenciar o lazer.

Mesmo com as dificuldades encontradas de falar o que é o lazer, as alunas conseguem expressar as suas compreensões nos exemplos dados. No entendimento do lazer como socialização, NPF – 01 e 06 dizem o seguinte, respectivamente:

*“Lazer é um momento que você vai poder conversar com as pessoas, sem internet, sem WhatsApp, sem essas coisas”.*

*“Eu acho que o lazer é importante porque hoje em dia, né?, praticamente ninguém reúne para fazer mais nada e o lazer é uma forma de fugir disso, juntar todo mundo assim e conversar, assistir a um filme, viajar, eu gosto”.*

Nas falas podemos observar outras formas de compreensão do lazer pelas entrevistadas acima citadas. Elas entendem que o lazer é um momento de socialização das pessoas, de compartilhar um filme, de viajar. Além das relações com o lazer que são apresentadas, as alunas apontam para um problema da sociedade moderna, que é o uso exacerbado da tecnologia, principalmente das redes sociais. De acordo com Fraga e Lopes da Silva (2010), o espaço virtual é uma possibilidade de se ter acesso aos diferentes conteúdos do lazer, nesse sentido, a tecnologia pode também ajudar as pessoas a se socializarem.

*“É você ter satisfação no que está a fazer... gosto do esporte quando não tem muitas regras, quando é lazer, você se diverte... é prazeroso... às vezes, o esporte é levado muito a sério e isso acaba ficando muito chato ” (NPF-09).*

O entendimento do lazer como um momento de satisfação e de prazer também se faz presente, assim com as alunas entrevistadas tentam diferenciar o lazer do esporte. Para elas, a definição é óbvia, o lazer não tem regras e é

divertido enquanto o esporte tem regras e nem sempre é tão divertido, ou seja, para esse grupo o esporte com muita cobrança é chato.

As alunas do grupo não participante, em suas falas, relatam sobre a insegurança, o medo de errar e fazer feio, e isso está relacionado aos modelos de práticas corporais que são desenvolvidos nos projetos, que exigem de seus participantes uma técnica mais apurada. Em nossas observações, os treinos não demonstravam tais exigências, mas um número expressivo do grupo dos alunos não participantes teve como justificativa a pouca habilidade para estar entre os alunos que participam dos projetos de esporte e lazer do Campus Januária.

Seguindo com as nossas questões, no gráfico 22, abaixo, apresentaremos a última pergunta sobre: “Quais são os significados das práticas de esporte e lazer no IFNMG – Campus Januária para as alunas não participantes”.

Gráfico 22 – Significado das práticas de esporte e lazer (NPF)



As alunas entrevistadas NPF – 01, 03, 04, 07, 09 e 10 que disseram que as práticas esportivas não têm nenhum significado, justificam ao dizer “*não participo das práticas*” (01), “*não tem nenhuma importância para mim*” (04) e ainda “*não sou desse meio*” (03).

“*Uá’ para mim não significa nada porque eu não pratico, né?*” (NPF-01).

“*Não, não significa nada, acho que tem mais para quem gosta dos esportes*” (NPF-09).

“*Para mim? Eu não pratico nenhum deles (risos). Não tem significado nenhum*” (NPF-07).

“*Para mim, como disse, eu não pratico muito, eu acho que não tem muita utilidade não, mas é um erro meu mesmo, porque a escola oferece várias qualidades de esportes, essas coisas assim que a gente devia aproveitar, só não aproveita mesmo porque falta interesse*” (NPF-10).

Apesar do fato das alunas dizerem que os projetos de esporte e lazer não significam nada para elas porque não participam, as mesmas dão respostas significativas, como é o caso da entrevistada NPF – 10. Ela diz não ter utilidade para ela, no entanto, ela é convicta que isso é um erro da parte dela. Pois, segundo ela, a instituição oferece uma diversidade de atividades que não são aproveitadas por ela e demais alunas na mesma situação. Isso mostra que essas alunas tiveram pouca ou nenhuma influência para as práticas corporais. Esse problema pode estar relacionado aos anos anteriores, às relações familiares, escolares e ao meio em que viveram. A instituição, por meio dos projetos de esporte e lazer e também pela Educação Física escolar, deveria resgatar alunos



que em suas vidas anteriores não tiveram oportunidades de serem influenciados e conscientizados às práticas do esporte e do lazer.

Esse fato tem relação com o que já discutimos anteriormente sobre a construção cultural do corpo feminino, quando perguntamos às entrevistadas desse mesmo grupo porque não participam dos projetos. As respostas justificam as poucas influências e experiências que tiveram em anos anteriores.

As demais entrevistadas atribuíram significados: para a NPF – 08, *“significa união dos alunos”*. O significado que a aluna atribui está relacionado em como ela percebe os alunos nos momentos dos jogos, a relação entre os alunos atletas, a relação entre os alunos jogadores e os alunos torcedores.

*“Para mim, é isso. É incluir os alunos a praticarem atividades físicas de um jeito divertido, que gostem...”* (NPF-05).

*“Para mim, é uma forma de ficar mais junto com todo mundo, de conhecer pessoas novas... é isso”* (NPF-02).

Podemos notar que a atribuição unir mais os alunos, incluir os mesmos de forma divertida está relacionada ao fato de socializar, de integrar, de melhorar as relações interpessoais dos alunos na instituição. Em todos os momentos, durante as entrevistas, podemos perceber essa preocupação entre os alunos. A socialização é um termo constante nas respostas dos alunos em questão.

De modo geral, podemos considerar que, para esse grupo de não participantes, os projetos de esporte e lazer do IFNMG Campus Januária, embora as alunas não participem, dão respostas que valorizam o que é feito pela instituição no sentido de oportunizar aos alunos as práticas corporais dentro dos projetos. As justificativas dadas ao longo da pesquisa por elas mostram que falta mais conhecimento sobre a dinâmica dos projetos, da importância dos

professores de Educação Física em suas aulas trabalharem conteúdos que contribuam para a ampliação do conhecimento relacionado ao lazer e ao esporte, assim como melhorar as condições para que as alunas tenham acesso aos projetos, no que se refere ao transporte, uma vez que todas as alunas são externas e os projetos acontecem no período noturno. Alguns pontos podem ser refletidos pela instituição para que minimize a distância entre esses dois grupos de alunos, participantes e não participantes.

### **7.3 Comparação entre os dois grupos: participantes e não participantes**

Ao compararmos os dois grupos de alunos participantes com os não participantes, observamos que alguns pontos os diferenciam, o principal deles são os interesses de querer participar ou não dos projetos. Parte dos alunos não participantes justifica não ter interesse por motivos particulares, como: ter outros objetivos imediatos para sua vida, como os estudos, outros por não se interessarem por competições, viagens, outros até gostariam, mas, pela pouca habilidade, pela pouca vivência ou pelas influências anteriores, acabam por não participar, na verdade, por não serem selecionados. Esse elemento identificado em nossa pesquisa vai ao encontro de que Daolio (2013) trata da construção cultural do corpo que é expressa por meio de vivências anteriores, das experimentações dos sujeitos. Aparentemente, nos projetos não há uma seleção prévia de alunos, falamos aparentemente porque a ideia principal é a preparação para as competições, nesse sentido, alunos menos habilidosos não se sentem seguros para fazer parte do grupo, pois, segundo eles, podem estar sujeitos a

constrangimentos durante a prática. Esse modelo de seleção configura em uma visão restrita às competições.

Outro fator determinante que implica a não participação dos alunos nos projetos, está relacionado ao fato deles perderem aulas durante as competições e até mesmo durante os treinos. Para alguns entrevistados não participantes, tal fato pode prejudicar o andamento na vida acadêmica. Compreendemos esse fator como um problema de gestão. O incentivo é dado aos alunos, mas as condições são limitadas em consequência das obrigações diárias das atividades curriculares.

Para as alunas não participantes, apesar da maioria delas mencionarem em suas respostas que os projetos esportivos e de lazer não tem significado algum, em outro momento da entrevista observamos que elas dizem que os jogos e as competições são importantes, por oportunizar aos alunos a possibilidade de socialização, de melhorar as suas condições físicas, de existir a possibilidade de se tornarem atletas profissionais. Outro ponto relevante para esse grupo, está relacionado ao fato delas não terem interesse para as práticas esportivas, tal fato está associado a construção cultural do corpo feminino. De acordo com Daolio (2006), as meninas desde muito cedo são educadas para a realização de atividades mais leves, que tenha pouca exigência física como força, velocidade, entre outras. Isso é um problema se levarmos em consideração as possibilidades de atividades no âmbito do lazer, ficando as meninas restritas a poucas atividades no tempo disponível devido ao seu papel culturalmente construído ao longo dos anos.

Portanto, os meninos não participantes, tem respostas bem diversificadas e a maioria atribui o significado dos projetos de esporte e lazer a diversão. Quanto ao interesse pela prática, a maioria tem acesso ao esporte e ao

lazer fora da instituição. Esse dado vai ao encontro dos estudos de Daolio (2006), quando trata da diferença entre meninos e meninas como um fato social.

Ainda para os grupos de não participantes em relação aos participantes, observamos que na prática e em outras perguntas realizadas sobre suas experiências anteriores e fora da instituição, as respostas da maioria (meninos e meninas) nos indicam outros significados dos projetos de esporte e lazer. Na prática, eles vivenciam o esporte e as atividades no contexto do lazer de forma lúdica, por meio de suas práticas recreativas. A resposta que evidencia isso são os significados que os alunos dos dois grupos atribuem aos projetos de esporte e lazer do Campus Januária, afirmando que os mesmos são importantes em suas vidas, pois são as diversas oportunidades e possibilidades de socialização, de divertimento, descanso e aprendizagem, ou seja, os alunos entendem que os projetos contemplam o descanso, o divertimento e o desenvolvimento pessoal e social.

Os participantes por sua vez, associam os treinos esportivos à diversão. E isso é um ponto que vemos como positivo para os projetos, compreendido dessa forma, os treinos aproximam-se ainda mais do conceito de lazer, do esporte de participação. A maioria dos alunos participantes, parecem bastante motivados pelas viagens, pelo fato de estarem representando a instituição, por desenvolverem alguma prática esportiva que irá beneficiar suas condições físicas pela saúde. Para esse grupo, diferentemente do grupo de alunos não participantes, não acredita que o fato de participar dos projetos atrapalha no andamento das aulas.

Entendemos que para os alunos que se interessam por participar de quaisquer atividades durante a sua vida escolar, seja no teatro, na música, na

dança ou no esporte, terão que ter um esforço extra para compensar o tempo dedicado as atividades extraescolares a que eles propõem a fazer, pois o modelo de gestão dos projetos, as formas de incentivos, ainda não são adequadas para que realmente os alunos se sintam à vontade para participar. Não que os alunos devam ter regalias ou um relaxamento em suas responsabilidades curriculares, mas que a instituição faça debates sobre a educação para o lazer e que proporcione uma forma de organização que os alunos atletas tenham tranquilidade para treinar e competir pela instituição.

De modo geral, os dois grupos ressaltam a questão do lazer, pois, tanto um quanto o outro grupo, demonstram isso em suas respostas. Os não participantes não praticam na escola, portanto praticam fora dela. Ambos os grupos fazem alguma atividade no âmbito do lazer. Demonstram ter conhecimento básico do esporte e do lazer ao apresentarem diversas possibilidades de se vivenciar o lazer, embora de forma funcionalista e compensatória, porém, em suas práticas, demonstram ser capazes de construir novos valores e de escolherem atividades que lhes proporcionem satisfação pessoal e social. Ou seja, eles vivenciam o lazer, mas eles não sabem expressar que aquilo é o lazer deles, neste sentido mais uma vez entendemos a necessidade do debate da educação para o lazer, tendo como base Marcellino (2012).

Ambos os grupos associam também o esporte como meio de afastar os sujeitos das drogas, ideia amplamente divulgada pelos meios de informação, o que pode ter influenciado os sujeitos em suas respostas. O esporte como forma de mudar o rumo da sociedade, por meio de ações governamentais e não governamentais, são modelos que são divulgados para que o fenômeno adquira

mais adeptos. Como afirma Rubio (2002), o esporte é um “prato cheio” para os meios de comunicação de massa o que acaba manipulando a sociedade para uma compreensão restrita do fenômeno.

Os grupos se aproximam em suas respostas quando falam da socialização, da integração, do esporte ser um caminho mais curto para estreitar as relações, o sentido que ambos os grupos dão a prática do esporte de aprovar e valorizar os projetos de esporte e lazer desenvolvidos no campus. Todas essas aproximações encontradas neste trabalho de pesquisa, além das comparações já apresentadas neste subcapítulo, nos levam a refletir e concluir que todos os pontos aqui apresentados devem ser observados, analisados para que novos projetos atendam o maior número de participantes como sugerimos a seguir, nas considerações finais.

## 8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os projetos de esporte e lazer nos Institutos Federais do Norte de Minas Gerais têm se ampliado com o objetivo de participação dos alunos em diversas competições que são promovidas pelas Secretarias de Esporte dos municípios, do estado, pela pró-reitoria de extensão, além das competições regionais e nacionais promovidas pela Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica do Ministério da Educação (SETEC). E o Campus Januária, por meio de seus diretores e professores, tem incentivado seus alunos a participarem dessas competições.

Com o número reduzido de participantes nas competições, existe uma preparação, uma seleção dos alunos por meio dos projetos esportivos e de lazer que acontecem habitualmente na escola em diversas modalidades. Porém, os alunos ficam à mercê de suas habilidades técnicas para estarem inseridos no grupo seletivo dos alunos que vivenciam essas práticas. O nosso estudo teve por objetivo identificar quais os significados que os projetos de esporte e lazer têm para os alunos participantes e não participantes de tais projetos.

É inegável que o esporte na escola é um dos conteúdos preferidos pelos alunos e predominantemente tido como principal conteúdo nas aulas de Educação Física. Por outro lado, no contexto do lazer, o esporte é também presente no cotidiano da maioria das atividades dos alunos, compreendido como o interesse físico-esportivo do lazer.

Neste estudo, procuramos analisar os dois fenômenos, o esporte e o lazer, a partir de um referencial sociocultural. Procuramos entender que para

identificar os significados, os valores que os estudantes atribuem aos projetos de esporte e lazer do Campus Januária tivemos primeiro que compreender o ser humano como um ser social imerso em um determinado contexto cultural.

Apresentamos as relações do esporte com a sociedade, o seu contexto histórico social e cultural, o papel do esporte na sociedade capitalista que privilegia o individualismo sobre o coletivo, o mais habilidoso perante o menos habilidoso, suas formas de manifestações e como a sociedade tem se apropriado do fenômeno esportivo. Apresentamos também a relação do esporte e cultura, no intuito de compreendermos o esporte como fenômeno cultural e entender como o mesmo se insere na vida dos sujeitos, que valores, sentidos e significados são atribuídos pelos sujeitos envolvidos. Partimos da compreensão do esporte a partir das perspectivas de Bento (2006) e Garcia (2015) ao entender tal elemento da cultura em uma dimensão ampla, plural, presente nas manifestações corporais dos indivíduos. E, por fim, apresentamos a relação dos dois fenômenos, o esporte e o lazer, na perspectiva de esclarecer qual o papel que cada um exerce na vida dos sujeitos e suas diversas possibilidades de vivências.

Podemos destacar como principais resultados do nosso estudo alguns pontos relevantes. Com relação ao esporte, os participantes revelam que o seu principal interesse nos treinamentos e em fazer parte das equipes do IFNMG – Campus Januária, está associado à possibilidade de viagens com as equipes para participar das competições fora da cidade. Essa brecha que os alunos encontram nos projetos esportivos também valoriza outro interesse do lazer, o turístico. Há também uma menção por parte dos alunos participantes de ver a possibilidade de serem reconhecidos pelos seus talentos e terem a oportunidade de se tornar atletas profissionais.



Os não participantes, em sua maioria, afirmam praticar outras formas de esporte fora da instituição, além de outras atividades no contexto do lazer, indicando que o esporte fora do instituto federal tem componentes do lazer. Esses alunos também valorizam os projetos, definem-os como importantes para a instituição e para os alunos participantes. Quanto às meninas não participantes, o que elas falam, vai de encontro da construção cultural do papel feminino na sociedade brasileira, em que as mulheres são educadas em muitos contextos sociais e culturais para cuidar da família, serem obedientes, dóceis, terem nojo de suar. Esses sentidos podem ser confrontados com outras referências do que é ser mulher, dependendo da localidade e contexto cultural. Em outras situações, a mulher é a provedora da casa, tendo seu papel associado a uma pessoa batalhadora que cuida do sustento da família.

Percebemos que os alunos participantes e não participantes têm um conhecimento básico sobre esporte e o lazer, na maioria das respostas eles apontam para um entendimento muito próximo ao do senso comum em uma visão compensatória dos fenômenos. No entanto, quando observadas na prática e em outras perguntas realizadas sobre suas experiências anteriores e fora da instituição, as respostas nos indicam outros significados dos projetos de esporte e lazer. Essa forma de compreensão dos fenômenos vai ao encontro dos autores Marcellino (2012), Bento (2006) e Garcia (2015). O importante é o sentido que ambos os grupos dão à prática. Eles vivenciam o esporte e as atividades no contexto do lazer de forma lúdica, por meio de suas práticas recreativas. A resposta que evidencia isso são os significados que os alunos dos dois grupos dão aos projetos de esporte e lazer do Campus Januária, afirmando que os mesmos são importantes em suas vidas, pois são as diversas oportunidades e

possibilidades de socialização, de divertimento, descanso e aprendizagem, ou seja, os alunos entendem que os projetos contemplam o descanso, o divertimento e o desenvolvimento pessoal e social.

Esta pesquisa é uma contribuição para a área da Educação Física e para a linha de pesquisa Pedagogia do Movimento e Lazer, do Programa de Mestrado em Ciência do Movimento Humano, da Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP), por gerar conhecimentos relacionados às representações sociais de dois grupos de alunos participantes e não participantes dos projetos de esporte e lazer do Instituto Federal do Norte de Minas Gerais - Campus Januária, podendo vir a ser uma referência para outros estudos, relacionados às práticas de esporte e lazer, além do fato de contribuir com subsídios para o desenvolvimento de ações no âmbito interno da instituição e decisões nos planejamentos do setor em questão.

A principal contribuição desta investigação que pudemos destacar é que todas as atividades desenvolvidas nos projetos incluindo os treinamentos, são consideradas atividades do contexto do lazer, pois os alunos mostram que eles constroem alguns elementos novos a partir dessa experiência. A questão da sociabilidade, deles terem acesso a outros conteúdos do lazer, como o turístico.

As práticas desenvolvidas, fazem sentido para os dois grupos, há um conjunto de significados atribuídos às mesmas. Além disso, pudemos conhecer melhor uma instituição de ensino com características fora do padrão da maioria das escolas brasileiras, que tem moradia para alunos e a rotina de aula de oito horas diárias, com amplo espaço para as práticas corporais, mas que também se configura como um equipamento não específico de lazer.

O conhecimento aqui produzido poderá contribuir para o debate na área da Educação Física no que diz respeito às relações interpessoais no interior da escola, bem como nas possibilidades de práticas esportivas e de lazer no âmbito escolar. Seria interessante se a instituição investigada propusesse um projeto de educação para e pelo lazer, em que os alunos e toda a comunidade escolar tivessem acesso. O acesso dos alunos à discussão sobre lazer poderá contribuir para que os mesmos conheçam mais sobre o fenômeno e se envolvam com as atividades oferecidas no campus. Além disso, a participação dos alunos nas diferentes modalidades esportiva poderá gerar reflexões sobre as questões ligadas ao desenvolvimento e direcionamento das políticas da Educação Física, do esporte e do lazer em cada campus do Instituto Federal do Norte de Minas Gerais.

Devemos considerar também que ao longo da pesquisa, a relação entre treinos, viagens e estudos vem sendo apontados pelos alunos, assim como nas observações que foram feitas pelo pesquisador, como um obstáculo para as ações dos projetos de esporte e lazer. O receio que alunos não participantes tem em participar dos jogos e de alguns participantes também, se deve ao fato de serem reprovados no final do ano. Será que um projeto que faz parte do Projeto Político Pedagógico, que tem a promoção das secretarias de educação, secretaria de esporte e lazer, da SETEC, da pró-reitoria de extensão dentre outros órgãos, além de estar na constituição como direito do educando, como já citamos anteriormente, irá deixar o aluno em prejuízo? Faz-se necessário uma reestruturação dos projetos no que se refere ao tempo de cada um dentro de um contexto mais amplo, para que nessa tríade um não atrapalhe o outro, que os projetos de esporte sejam valorizados assim como as demais atividades

pedagógicas da escola. Que os organizadores dos projetos tenham um olhar mais profundo dos valores que são atribuídos pelos alunos para que cada vez mais um número maior de estudantes se sinta valorizado em participar dos projetos. Portanto, os gestores têm que refletir sobre essa tríade para dar condições para que os alunos possam participar dos projetos sem prejuízo com relação às suas atividades escolares, esportivas e de lazer, que o incentivo não seja só pela disponibilidade de espaços, dos incentivos dos profissionais de Educação Física ou de criações de novos projetos, o incentivo é dar condições aos alunos para participar, é refletir sobre a forma de como os projetos estão sendo geridos.

Seria interessante também que os gestores e profissionais de Educação Física refletissem sobre um novo modelo de projeto que seja diversificado, que tenha o alto rendimento, mas que tenha também outras frentes, como por exemplo a educação para o lazer, ouvir alunos e professores, dar oportunidade de lazer a todos, que possam atender um número maior de estudantes e que possam envolver toda a comunidade escolar, alunos, pais, servidores técnicos administrativos e professores, proporcionando a todos o acesso ao esporte e lazer.

## REFERÊNCIAS

ALTMANN, H. **Marias (E) Homens nas quadras:** sobre a ocupação do espaço físico escolar. Educação e Realidade, Porto Alegre, v. 24, n. 2, p. 157 – 173, 1999.

BENTO, J. O. **Corpo e Desporto:** reflexões em torno desta relação. (2006) In: MOREIRA, W. W. (org.). Século XXI a era do corpo ativo. Campinas, SP: Papirus, 2006

BETTI, M. **Ensino de primeiro e segundo graus:** educação física para que? Revista Brasileira de Ciências do esporte, Maringá, v. 13, n. 2, p. 282 – 287, 1992.

BRACHT, V. **Educação Física e aprendizagem social.** 2. ed. Porto Alegre, RS: Magister, 1997.

\_\_\_\_\_. V. **Sociologia Crítica do Esporte:** uma introdução. 3ª Ed. Ijuí: Unijuí. 2005.

\_\_\_\_\_. V. **Educação física & ciência:** cenas de um casamento (in)feliz. 3. ed. Ijuí: Unijuí, 2007.

BRASIL. Presidência da República. **Constituição da República Federativa do Brasil.** Brasília: PR, 1988.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988.

\_\_\_\_\_. Congresso Nacional. **Lei nº 8.672.** Brasília. 1993.

\_\_\_\_\_. Presidência da República. **Lei nº 9.394,** de 20 de dezembro de 1996. Diário Oficial, Brasília, 23 de dez. 1996.

\_\_\_\_\_. Congresso Nacional. **Lei nº 9.615.** Brasília. 1998.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. Secretaria de Educação média e tecnológica, **“Parâmetros Curriculares Nacionais: Linguagens, Códigos e suas Tecnologias/Secretaria de Educação Média e Tecnológica”** – 1999.

\_\_\_\_\_. Presidência da República. **Lei nº 10.328,** de 12 de dezembro de 2001. Diário Oficial, Brasília, 13 de dez. 2001.

\_\_\_\_\_. Presidência da República. **Lei nº 10.793,** de 1º de dezembro de 2003. Diário Oficial, Brasília, 2 de dez. 2003.

\_\_\_\_\_. Ministério do Esporte. **Política Nacional do Esporte.** Brasília: ME, 2005.

\_\_\_\_\_. Presidência da República. **Lei nº. 11.892**, de 29 de dezembro de 2008. Institui a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, cria os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, e dá outras providências. Diário Oficial da União, Seção 1, p. 1, 30/12/2008.

BRUYNE *et al.* **Dinâmica da pesquisa em ciências sociais**. 3 ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982.

CADERNOS BDMG. **Publicação do Banco de Desenvolvimento de Minas Gerais. Departamento de Planejamento, Programas e Estudos Econômicos**. Belo Horizonte. n. 13, p.1-112. dez 2006. Disponível em <[http://www5.bdmg.mg.gov.br/estudos/arquivo/cadernos/Caderno\\_13\\_1\\_BDMG.pdf](http://www5.bdmg.mg.gov.br/estudos/arquivo/cadernos/Caderno_13_1_BDMG.pdf)>. Acesso em 06 de agosto 2011.

CASTELLANI FILHO, L. **A Educação Física no sistema Educacional Brasileiro**: percurso, paradoxos e perspectivas. (tese apresentada à Universidade Estadual de Campinas) Campinas, 1999.

COLETIVO DE AUTORES **Metodologia do ensino da educação física**. São Paulo, Cortez, 1992.

CRUZ DE OLIVEIRA, R. **Na “periferia” da quadra – Educação Física, cultura e sociabilidade na escola**. 2010. 201 f. Tese (doutorado em Educação Física). Curso de Educação Física, Departamento de Educação Física, Unicamp, Campinas, 2010.

DAOLIO J. **Educação Física e o conceito de Cultura**. Campinas: Autores Associados, 2004.

\_\_\_\_\_. J. **Cultura Educação Física e Futebol**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2006.

\_\_\_\_\_. J.; VELOZO, E. L. **A técnica esportiva como construção cultural: implicações para a prática pedagógica do esporte**. Pensar a Prática, v. 11, n. 1, p. 9-16, 2008.

\_\_\_\_\_. J. **Da cultura do corpo** 17<sup>a</sup> ed. Campinas, SP: Papirus, 2013.

DUARTE, R. **Pesquisa Qualitativa**: Reflexões sobre o trabalho de campo.

Cadernos de Pesquisa, nº 115, p. 139 – 154, 2002. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/cp/n115.pdf> Acesso em: 16 de outubro de 2015 às 16h 10 min.

DUMAZEDIER, J. **Questionamento teórico do lazer**. Rio Grande do Sul: Celar/PUCRS. 1975.

FERREIRA NETO, A. (org). **Pesquisa Histórica na Educação Física**. Vitória: UFES. Centro de Educação Física e Desportos, 1996.

FRAGA, E. A. M; LOPES DA SILVA, C. **Comunidades Virtuais de Internet: atualização do debate sobre lazer.** Licere, Belo Horizonte, v. 13, nº 4, dez/2010. Disponível em: < <https://seer.lcc.ufmg.br/index.php/licere/article/view/520> acesso no dia: 21 de maio de 2015 às 14h.

GARCIA, R. P. **No Labirinto do Desporto:** horizontes culturais contemporâneos. Belo Horizonte. Casa da Educação Física, 2015.

GARGANTA DA SILVA, J. M. **O ensino dos jogos desportivos colectivos:** Perspectivas e tendências. Movimento, Porto Alegre, ano 4, n.8, p. 19-27, 1998. Disponível em: [www.seer.ufrgs.br/Movimento/article/viewFile/2373/1070](http://www.seer.ufrgs.br/Movimento/article/viewFile/2373/1070) acesso no dia: 20 de maio de 2015 às 9h e 30 min.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas.** Rio de Janeiro, RJ: LTC, 1989.

HUIZINGA, J. **Homo Ludens:** O jogo como elemento da cultura. 7 ed São Paulo: Perspectiva, 2012.

KUNZ, E. **Transformação didático-pedagógica do esporte.** Ijuí: Editora Unijuí, 1994.

LAFARGUE, P. **O direito a preguiça.** São Paulo: Hucitec, 1999.

LDB – **Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.** LEI Nº. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. D.O.U. de 23 de dezembro de 1996.

LOPES da Silva, C.; SILVA, T. P. **Lazer e Educação Física:** textos didáticos para a formação de profissionais do lazer. Campinas, SP: Papyrus, 2012.

MARCELLINO. N.C. **Lazer e Sociedade:** múltiplas relações. Campinas, SP: Editora Alínea 2008.

\_\_\_\_\_. N.C. **Estudos do lazer:** uma introdução. 5 ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2012.

\_\_\_\_\_. N. C. **Lazer e Educação** 17ª ed. Campinas, SP: Papyrus, 2013.

MARQUES, R. F. R.; GUTIERREZ, G. L.; ALMEIDA, M. A. B.. **O Esporte Contemporâneo e o Modelo de Concepção das Formas de Manifestação do Esporte.** Conexões, Revista da Faculdade de Educação Física da UNICAMP, Campinas, v. 6, n. 2, 2008.

MAUSS, M. **Sociologia e antropologia.** São Paulo: Cosac Naify, 2013.

MELLO, R. Ap. **A necessidade histórica da Educação Física na Escola:** a emancipação humana como finalidade. (tese apresentada à Universidade Federal de Santa Catarina) Florianópolis, 2009.

MELLO, V. A. **Por uma história do conceito esporte:** diálogos com Reinhart Koselleck. Revista Brasileira de Ciência do Esporte. Porto Alegre. Vol. 32 nº 1. Set. 2010. Disponível em [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-32892010000400004&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-32892010000400004&script=sci_arttext) acesso no dia 10 de novembro de 2015.

MINAYO, M. C. de S. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza. (org.). **Pesquisa Social**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

PRONI, M. W. **Esporte-espetáculo e futebol-empresa**. 1998. Tese (Doutorado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas SP, 1998.

RUBIO, K. **Do Olimpo ao Pós-Olimpismo:** elementos para uma reflexão sobre o esporte atual. Revista Brasileira de Educação Física e Esporte. v.16 – n. 2. P. 130-143, dez.2002. disponível em: <file:///DO%20olimpico%20AO%20P%C3%93S-olimpismo.pdf> acesso em 11 de outubro de 2015.

SCHWARTZ, G. M.; **O conteúdo virtual do lazer:** contemporizando Dumazedier. Licere, v. 6, n. 2, Belo Horizonte, p. 23-31. 2003.

\_\_\_\_\_, G.M.; Moreira, J.C.C. **O ambiente virtual e o lazer**. In: MARCELLINO, N.C. (org). Lazer e Cultura. Campinas, Alínea, 2007.

SEVERINO, A.J. **Metodologia do Trabalho Científico**. São Paulo: Editora Cortez, 2007.

SOARES, C. L. et al. **Metodologia do ensino de Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.

STIGGER, M. P. **Esporte, lazer e estilos de vida:** um estudo etnográfico. Campinas: Autores Associados, 2002.

\_\_\_\_\_, M. P. **Educação Física:** esporte e diversidade: Campinas, SP: Autores Associados, 2005.

TAFFAREL, C. N. Z e SANTOS JR. **Como iludir o povo com o esporte para o público**. 2006 Disponível em: [http://www.faced.ufba.br/rascunho\\_digital/textos/669.htm](http://www.faced.ufba.br/rascunho_digital/textos/669.htm) acesso em 14 de abril de 2015.

TENÓRIO, J.G; SILVA, C. L. **O desinteresse dos estudantes pelas aulas de educação física em uma escola do ensino público no estado de Mato Grosso**. SALUSVITA. Bauru, v.34, n.1, p.27-44, 2015. Disponível em: [www.usc.br/biblioteca/salusvita/salusvita\\_v34\\_n1\\_2015\\_art\\_02.pdf](http://www.usc.br/biblioteca/salusvita/salusvita_v34_n1_2015_art_02.pdf) acesso no dia 11 de janeiro de 2016.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais:** a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 2006.





VAZ, A. F. **Teoria Crítica do Esporte:** origens, polêmicas, atualidade. *Esporte e Sociedade*, Rio de Janeiro, v.1 n.1 p. 1-23, 2006. Disponível em: <http://www.uff.br/esportesociedade/pdf/es102.pdf> acesso no dia 14 de abril de 2015.

VELOZO, E. L. **Cultura de Movimento e Identidade:** A Educação Física na Contemporaneidade. 166f. Tese (doutorado) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.

## ANEXOS

## ANEXO A – Certificado de Apresentação do Comitê de Ética em Pesquisa

 <p><b>UNIMEP</b> Universidade Metodista de Piracicaba</p>	<p><b>Comitê de Ética em Pesquisa</b> <b>CEP-UNIMEP</b></p> <p><i>Certificado</i></p>
<p>Certificamos que o projeto de pesquisa intitulado “Os significados dos projetos de esporte e lazer do Instituto Federal do Norte de Minas Gerais Campus Januária para alunos participantes e não participantes”, sob o protocolo <b>nº 86/2015</b>, da pesquisadora <b>Profa. Cinthia Lopes da Silva</b> esta de acordo com a Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde/MS, de 12/12/2012, tendo sido aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa – UNIMEP.</p>	<p>We certify that the research project with title “”, protocol <b>nº 86/2015</b>, by Researcher <b>Profa. Cinthia Lopes da Silva</b> is in agreement with the Resolution 466/12 from Conselho Nacional de Saúde/MS and was approved by the Ethical Committee in Research at the Methodist University of Piracicaba – UNIMEP.</p>
<p>Piracicaba, 23 de junho de 2015</p> <p>          Profa. Dra. Daniela Faleiros Bertelli Merino          Coordenadora CEP - UNIMEP</p>	